



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Pano de Terra: Salvaguarda e Valorização de um Património Cabo-verdiano

Ana Helena Semedo Spínola Levy

Orientação: Prof.^ª Doutora Ana Cardoso de Matos

Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural

Área de especialização: *Património Artístico e História da Arte*

Dissertação

Évora, 2014



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Pano de Terra: Salvaguarda e Valorização de um Património Cabo-verdiano

Ana Helena Semedo Spínola Levy

Orientação: Prof.^ª Doutora Ana Cardoso de Matos

Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural

Área de especialização: *Património Artístico e História da Arte*

Dissertação

Évora, 2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu marido José Levy e às minhas filhas Dirley, Lisana e Nayara, amores da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não seria possível sem o envolvimento de várias pessoas. Por isso, gostaria de expressar aqui, os meus mais sinceros agradecimentos a todos que direta ou indiretamente me apoiaram, em especial:

- À minha orientadora e Professora Ana Cardoso de Matos, pelo apoio e encorajamento;
- Ao meu marido pela dedicação, apoio e companheirismo;
- À minha mãe, que, por ser uma pessoa que usa o pano de terra, foi a minha fonte de inspiração e decisão para a concretização deste trabalho;
- Aos meus entrevistados que incansavelmente me ouviram e forneceram dados essenciais para elaboração deste trabalho, em especial os artesãos, Henrique Sanches, Sabino Teixeira, Eunice Correia, Fernando (in memória) e António Varela.
- Aos meus colegas, em especial à Miriam Pombinho;
- À Professora Antónia Conde;

A todos, um obrigado do tamanho do Alentejo.

RESUMO

Pano de Terra: Salvaguarda e Valorização de um Património Cabo-verdiano

Este estudo visa analisar a importância do pano de terra na sociedade cabo-verdiana e propor medidas para a sua salvaguarda e valorização.

“Pano de terra” é a expressão usada para identificar panos de vestir confeccionado de forma artesanal em Cabo Verde. A sua produção está diretamente relacionada com a chegada dos primeiros contingentes de escravos, muitos deles tecelões, no início do povoamento do arquipélago. Trata-se pois, das mais antigas práticas artísticas deste arquipélago.

Este trabalho visa dar a conhecer todas as técnicas e instrumentos utilizados na confecção do pano de terra, bem como, o papel desempenhado na vida económica, social e cultural dos cabo-verdianos. Permite ainda, conhecer as diferentes formas de utilização do pano em diferentes épocas.

Com este trabalho, pretende-se demonstrar, sobretudo, a situação de decadência do uso tradicional do pano de terra e a afirmação de novas formas de sua utilização.

Considerando o pano de terra símbolo da identidade cultural cabo-verdiana e tendo em conta o seu valor patrimonial, propõe-se neste trabalho um conjunto de medidas que visam a sua promoção, preservação bem como a sua valorização.

Pretende-se ainda, chamar a atenção do possível leitor para a importância de conhecer e valorizar o artesanato local porque quanto maior for o contato com a realidade cultural maior será o sentimento de pertença e responsabilidade na defesa da herança coletiva

Palavras-chave: Pano de Terra; Património; Salvaguarda; Cabo Verde; Identidade Cultural; Artesanato Cabo-verdiano.

ABSTRAT

National manufactured cloth: safeguarding and valorization of a Cape Verdean Heritage

This study aims to analyze the importance of the national cloth in Cape Verdean society and to propose measures for their protection and recovery.

"National manufactured cloth" is the expression used to identify wear cloths, handmade in Cape Verde. Its production is directly related to the arrival of the first contingents of slaves, many of whom were weavers, at the beginning of the settlement of the archipelago. This is one of the oldest artistic practices of this archipelago.

This work aims to make known all the techniques and instruments used in knitting national cloth, as well as the role played in the economic, social and cultural life of Cape Verdeans. It allows, to become familiar with the various forms of use of the cloth at different times.

With this work, we intend to demonstrate, above all, the decline of the traditional use of the national cloth and the affirmation of new forms of use.

Considering the national as cloth symbol of Cape Verdean cultural identity and reconsidering its heritage value, this work proposes a set of measures aimed at the promotion, preservation and its recovery.

Also wants to draw the attention of the possible reader to the importance of knowing and valuing the local handicraft because the greater the contact with the cultural reality the greater sense of belonging and responsibility in defense of collective heritage

Key words: National manufactured Cloth; Heritage; safeguard; Cape Verde; Cultural Identity; Cape Verde handicraft.

Índice

Introdução.....	10
1- Enquadramento.....	10
2- Justificativa e relevância do tema	11
3- Objetivos	11
4- Metodologia.....	12
5- Estado da Arte	13
6- Estrutura do trabalho	16
CAPÍTULO I - CABO VERDE: ENQUADRAMENTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E CULTURAL.....	18
1- Enquadramento histórico e geográfico.....	18
2-Importância do artesanato na afirmação e divulgação da cultura cabo-verdiana.....	25
2.1. A produção artesanal	26
CAPÍTULO II - A TECELAGEM EM CABO VERDE - UMA ABORDAGEM HISTÓRICA	31
1- Origem	31
2. Matérias-primas	34
2.1- O Algodão (<i>Gossypium Hirsutum</i> L.).....	34
2.2- O Anil.....	36
2. 2. 1- Preparação da tinta líquida.....	37
3- Especialização da tecelagem	38
3. 1. O tecelão	38
3.2. Tear e acessórios	39
3.2.1- O tear.....	39
3.2.2- Acessórios do tear	40
3. 3. Técnicas de tecelagem	43
3.3.1. Preparação artesanal da fibra têxtil e sua tingidura	43
3. 3. 2- Confeção do tecido.....	45

CAPÍTULO III - O PANO DE TERRA: DENOMINAÇÕES, IMPORTÂNCIA E UTILIZAÇÃO	46
1-Tipos de pano	47
1.1-Panos simples ou singelos	47
1.2- Panos d’obra	48
2- Importância do pano de terra na economia de Cabo Verde.....	52
3- Estatuto sociocultural do pano de terra	57
4 - Uso do pano de terra em Cabo Verde (do século XV a princípios do século XX)	58
4.1- Uso do pano de terra na atualidade	59
4.1.1- Permanência do uso tradicional	59
4.1.2- Uso moderno do pano de terra	62
CAPITULO IV- VALOR PATRIMONIAL DO PANO DE TERRA, SUA SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO	71
1- Reconhecimento do valor patrimonial do pano de terra no contexto das cartas internacionais.....	71
1.1- Evolução do termo património e o enquadramento do pano de terra no conceito de património	71
1.2- Valor patrimonial do Pano de Terra.....	75
2- Legislação Cabo-Verdiana sobre o Património Cultural e as iniciativas de valorização do artesanato nacional.....	77
2.1- Legislação cabo-verdiana sobre o património cultural.....	77
2.2- Iniciativas de valorização do artesanato em Cabo Verde	80
3- Proposta de medidas para a salvaguarda e valorização do pano de terra	84
3.1- Proposta de formas de valorização e divulgação do pano de terra (o tecido).....	85
3.2- Preservação das técnicas e conhecimentos ligados à panaria	87
CONCLUSÃO	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
WEB GRAFIA.....	101
ANEXOS.....	103

Índice de Figuras

Figura 1- Localização geográfica do arquipélago de Cabo Verde	18
Figura 2- Mapa do Arquipélago de Cabo Verde.....	19
Figura 3- Pote.....	26
Figura 4- Vaso.....	26
Figura 5- Binde.....	26
Figura 6- Objetos decorativos feitos de barro.....	27
Figura 7- Balaio de “tenti”	28
Figura 8- Balaio de colheita.....	28
Figura 9- Balaio de andares.....	28
Figura 10- cesto	28
Figura 11- Balaio para fazer compras.....	28
Figura 12- Guarda roupas	28
Figura 13- Cancarã.....	29
Figura 14- Tapete de parede com base de esteira.....	29
Figura 15- Tear atual	40
Figura 16- Pente.....	41
Figura 17- Liços	41
Figura 18- Pedais ligados aos liços de pé.....	42
Figura 19- Lançadeira.....	42
Figura 20- Canela com o fio de trama.....	42
Figura 21- Lançadeira com canela.....	42
Figura 22- Cururú.....	43
Figura 23- Mulheres do interior de Santiago.....	59
Figura 24- Mulher transportando menino às costas.....	59
Figura 25- Forma tradicional de usar pano.....	60
Figura 26- Forma tradicional de usar pano.....	60
Figura 27- Mulher transportando menino às costas.....	61

Figura 28- Mulher com pano “lambudo”.....	61
Figura 29- Dança do batuque.....	61
Figura 30- Desfile de moda da marca Fátima Almeida.....	63
Figura 31- Vestuários femininos.....	63
Figura 32- Acessórios de vestuário feminino.....	64
Figura 33- Camisas com faixas de pano de terra.....	64
Figura 34- Chapéus.....	65
Figura 35- Gravata.....	65
Figura 36- Cinto colar e pulseiras.....	65
Figura 37- Sapatos feitos de pano de terra.....	66
Figura 38- Sapateiro confeccionando sapatos de pano de terra.....	66
Figura 39- Candeeiros de teto feitos com pano de terra.....	67
Figura 40- Quadros e tapetes de parede.....	67
Figura 41- Pano de terra- símbolo da Identidade cabo-verdiana- presente na inauguração do centro de acolhimento para doentes cabo-verdianos evacuados para Portugal.....	68
Figura 42- O Presidente da República de Cabo Verde oferecendo um pano de terra ao Papa Francisco aquando da sua visita ao Vaticano a 3 de Junho de 2013.....	68
Figura 43- O Presidente da República Portuguesa recebeu um pano de terra em sinal de boas vindas à tenda da associação Assomada em Carnaxide.....	69
Figura 44- Cantor cabo-verdiano -Intone dente d’oro (António dente de ouro).....	69
Figura 45- Cantora cabo-verdiana - Celina Pereira.....	69
Figura 46- Cantora cabo-verdiana- Titina Rodrigues.....	70
Figura 47- Artista e Ministro de Cultura de Cabo Verde – Mário Lúcio Sousa.....	70
Figura 48- Professor e investigador - Manuel Veiga.....	70
Figura- 49- Embaixadora de Cabo verde em Portugal- Madalena Neves.....	70
Figura -50 – Selo de qualidade dos produtos artesanais de Cabo Verde.....	83

Índice de Quadros

Quadro nº 1- Resultado da entrevista sobre o Valor Patrimonial do pano de terra.....	76
--	----

Introdução

1- Enquadramento

A questão do património cultural e natural constitui hoje uma preocupação a nível mundial, visto que a perda desses bens contribui para o empobrecimento efetivo do património de todos os povos do mundo. Por isso, vários países com apoio das organizações internacionais querem proteger as suas raízes como forma a contribuir para a afirmação da sua identidade nacional.

À semelhança dos outros países do mundo, em Cabo Verde esta tarefa tem sido também uma preocupação dos sucessivos governos e um desafio para todos os cabo-verdianos.

Sendo Cabo Verde um país aberto ao mundo, que recebe constantemente influências de povos com culturas diferentes, são notórias as tendências para a alteração de alguns traços culturais. Estas influências fazem-se sentir nos vários elementos da cultura cabo-verdiana como na música, na dança, nos aspetos linguísticos, na gastronomia, no vestuário, no artesanato, etc. Estas mudanças podem contribuir, por um lado, para o enriquecimento da cultura permitindo que haja inovações e, por outro lado, podem contribuir para a perda de traços culturais importantes para a afirmação nacional. Nessa perspetiva, torna-se necessário trabalhar no sentido de identificar, divulgar, valorizar e preservar as bases culturais herdadas do passado para que elas possam ser transmitidas às gerações vindouras.

Neste contexto, o artesanato tradicional merece uma atenção especial por se tratar de uma forma simples mas eficaz de divulgação da cultura, uma vez que nele se podem encontrar retratados vários aspetos das manifestações culturais dos cabo-verdianos.

A panaria, uma das produções artesanais de Cabo Verde, merece uma menção particular, não só pela sua arte ou pela importância que teve ao longo dos tempos, mas também, porque nela se encontram inscritos um conjunto de conhecimentos (de saber-fazer) e simbologias que merecem ser preservados.

2- Justificativa e relevância do tema

A abordagem do tema *Pano de Terra: salvaguarda e Valorização de um património cabo-verdiano* constitui um grande desafio, pois considera-se que o Pano de Terra é um bem de grande valor patrimonial que carece de um estudo sério e aprofundado sobre a sua importância na divulgação e afirmação da cultura cabo-verdiana, a fim de apresentar propostas para a sua divulgação, preservação e valorização.

Enquanto educadora, constatei que algumas tradições populares do quotidiano cabo-verdiano necessitam de maior atenção por parte dos investigadores, dos agentes educativos e culturais e da própria sociedade em geral. Na impossibilidade de abordar todos os aspetos da cultura cabo-verdiana a escolha recaiu sobre o pano de terra.

3- Objetivos

Em termos gerais, pretende-se com este trabalho dar a conhecer a importância do Pano de Terra e consciencializar a população de Cabo Verde para a necessidade da sua salvaguarda e valorização como património artístico, técnico e cultural cabo-verdiano; Constituem objetivos específicos deste trabalho:

- Compreender o processo de confeção do pano de terra;

- Avaliar a importância do pano na sociedade cabo-verdiana;

- Compreender a mudança de atitude dos mais novos face à utilização do pano de terra;

- Contribuir para que os mais novos reconheçam e preservem esse aspeto cultural muito importante para a cultura cabo-verdiana;

- Preservar as técnicas e instrumentos tradicionais utilizadas na confeção do pano de terra;

4- Metodologia

A base metodológica utilizada na primeira fase de construção deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica, em que foi selecionado um conjunto de obras relacionadas com o tema em estudo. Foram ainda utilizadas, as fontes digitais, pois, hoje estas aparecem como grandes bibliotecas. De seguida, procedeu-se à seleção de uma série de artigos e imagens *online*.

Na segunda fase recorreu-se ao trabalho de campo durante o qual foram feitas entrevistas e observação direta e participante. Para as entrevistas, foi elaborado um questionário envolvendo dois grupos distintos¹:

- Artesãos (tecelões, sapateiros e costureiros “estilistas”)
- Mulheres (que usam o pano)

As entrevistas revelam ser um importante meio de recolha de informações, na medida em que permitem obter relatos e testemunhos de pessoas que trabalham e participam em todo o processo de produção e, também, de pessoas que usam diariamente o pano.

As entrevistas foram feitas em língua crioula, de modo a permitir uma maior liberdade aos entrevistados, e foram realizadas em forma de conversa nas quais a investigadora lançou questões que foram desenvolvidas pelos entrevistados.

Para determinar o valor patrimonial do pano de terra recorreu-se ainda a mais uma pequena entrevista, baseada em duas questões. Foram selecionadas 19 pessoas de diferentes faixas etárias, sexo e profissão².

Como a produção do pano de terra é atualmente uma atividade quase que exclusiva da ilha de Santiago (e na impossibilidade de chegar às outras ilhas do país com produção insignificante), optou-se para um estudo mais voltado para a ilha de Santiago, mais concretamente para o interior da ilha, nos concelhos de maior expressão em relação à panaria, nomeadamente Santa Catarina e Tarrafal.

¹¹Ver entrevistas no Anexo nº 1.

²² Ver o Quadro da página 76.

5- Estado da Arte

A primeira preocupação ao pensar na elaboração deste trabalho foi procurar informações sobre o pano de terra em Cabo Verde.

Durante a investigação, constatou-se que até ao presente momento a obra mais completa que fala do pano de terra em Cabo Verde é a obra de António Carreira intitulada *Panaria Cabo-verdiano-Guineense (aspectos históricos e socioeconómicos)*, cuja 1ª edição foi publicada em 1969, que com certeza constitui uma obra de referência para todos os investigadores que debruçam sobre esse tema.

Contudo, existem outros trabalhos escritos que fazem referência ao pano de terra em Cabo Verde.

Quanto à introdução da tecelagem de panos de Terra em Cabo Verde, Carreira³, aponta para os primeiros decénios do séc. XVI, com a chegada de artífices escravos, parte deles com larga experiência do cultivo e preparação do algodão e do anil e a tradição no manejo do tear do tipo horizontal. Carreira sublinha ainda que, a primeira notícia concreta acerca da tecelagem de panos de algodão nas ilhas de Cabo Verde, é dada na carta de Dezembro de 1517, enviada para Espanha pelo Juiz de Residência, Alonso Zuazo⁴.

De acordo com Carreira⁵ o uso de panos de bandas como vestimenta passou para Cabo Verde levado pelo escravo africano dos primeiros períodos de ocupação. Ainda sobre o uso do pano como vestimenta pela população cabo-verdiana, Lucas de Senna, citado por Carreira, afirma que “o feminino não usa outro vestuário que dois destes panos, um amarrado pela cintura para os pés, outro solto em que embrulham o corpo indiferentemente traçado ou cobrindo-o todo.”⁶

Do ponto de vista económico o pano de terra foi tratado da seguinte forma:

Torrão⁷ fala dos panos de algodão como a primeira mercadoria comercializada inter-regionalmente pelos homens de Santiago nos rios da Guiné.

³ CARREIRA, António. (1983). *Panaria Cabo-verdiano-Guineense (aspectos históricos e socio-economicos)*. 2ª Edição. Lisboa. Instituto Cabo-Verdiano do Livro, p. 46-47.

⁴ Ibidem

⁵ Idem, p. 104

⁶ Ibidem

⁷ TORRÃO, Maria Manuel Ferraz. (1991). «Actividade Comercial Externa de Cabo Verde: Organização, Funcionamento, Evolução» in *História Geral de Cabo Verde*, coord. por Luís de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos, vol. I. Coimbra. Instituto de investigação científica e tropical, Lisboa e Direcção do património cultural de Cabo Verde, Praia, p. 280.

Carreira⁸ afirma que a instalação da indústria de tecelagem em Cabo Verde contribuiu profundamente para revolucionar a economia do país e que os panos de algodão, em especial os de Santiago e Fogo desempenharam papel de relevo no desenvolvimento do tráfico de escravos, graças à sua excelente padronagem, boa textura e ótima qualidade do tecido. A importância do pano de terra no tráfico de escravos é tratada também na obra “*Notas sobre o tráfico Português de escravos*” do mesmo autor. Para ressaltar o papel do pano de terra no comércio com a costa africana ele afirma que “Muitas vezes quem não tivesse «panos das ilhas de Cabo Verde» dificilmente adquiria escravos⁹.” Carreira diz ainda, “Reconhece-se aqui a importância do pano nos resgates e quanto aos estrangeiros procuravam obtê-los por todos os meios, pois sem eles não podiam «fazer resgates de consideração», ou sejam volumosos”¹⁰.

Baleno¹¹ fala do pano de terra como uma das mercadorias mais apreciadas tanto para os nacionais como para os estrangeiros. Para salientar a importância do pano de terra Baleno afirma que, “os panos de algodão têm uma importância vital na economia do arquipélago, durante todo o séc. XVIII, com uma produção de muitos milhares por ano”¹². Nessa mesma obra, ele salienta ainda que, os panos eram importantes de tal modo que nos períodos de escassez de moeda recorria-se aos panos de terra para se fazer o pagamento dos chamados “filhos da folha” e ainda, que sempre que o tesouro público tinha problemas de liquidez, os panos apareciam como forma de pagamento alternativo.

Da mesma forma Carreira¹³ fala sobre o uso do pano de terra como moeda.

Sobre as técnicas e a designação dos panos, foram abordados por Carreira nas suas obras *Panaria Cabo-verdiano – Guineense* e *Notas sobre o tráfico Português de escravos* no qual distingue duas categorias de panos:

⁸ *Op. cit.*, p. 29.

⁹ *Ibidem*

¹⁰ *Idem*, p. 35.

¹¹ BALENO, Ilídio Cabral. (2002) «Reconversão do Comércio Externo em Tempo de Crise e o Impacto da Companhia de Grão Pará e Maranhão» in *História Geral de Cabo Verde*, coord. Maria Emília Madeira Santos. Vol. III. Coimbra: Instituto de investigação científica e tropical, Lisboa e Instituto Nacional de investigação, promoção e património culturais de Cabo Verde, Praia, p. 183.

¹² *Idem*, p. 186.

¹³ CARREIRA António. (1983). *Panaria Cabo-verdiano-Guineense* (aspectos históricos e socio-económicos). 2ª edição. Lisboa. Instituto Cabo-Verdiano do Livro, p. 30 e CARREIRA António. (1983). *Formação e Extinção de uma sociedade escravocrata (1460-1878)*. 2ª edição. Lisboa. Instituto Cabo-Verdiano do Livro, p. 247.

- Pano simples ou singelo que são os formados por um conjunto de bandas em branco (cor natural do tecido) ou apenas tingidas de qualquer cor; e formados por bandas tecidas com limitados labores e mesmo esses simples, de tipo linear, e cuja tecelagem não exigia grande especialização técnica.

- Pano d'obra são todos os formados por bandas cuja tecelagem implica a feitura, ao tear, de complexos labores usando só linha de algodão, preta e branca, ou linha de algodão e seda de diversas cores, formando desenhos geométricos ou figuras, objetos, casas, igrejas, embarcações, insetos, símbolos como a cruz de Cristo, estrelas de várias pontas, rosáceas e outros.

Na sua obra *Panaria Cabo-verdiano – Guineense*, p. 31, Carreira salienta que “O pano de labores de desenhos geométricos (mais tarde designado de pano d'obra) deve ter sido criado pelos portugueses nesse decurso de tempo”. Quanto às matérias-primas utilizadas na confecção do pano pode-se dizer que a existência do algodão e anil nas ilhas possibilitaram a implantação da indústria de confecção de panos.

A respeito do algodão Silva¹⁴ afirma que o algodão era uma das espécies do património vegetal originário de Cabo Verde.

Valentim Fernandes, citado por Silva na mesma obra, p. 184, diz “Em esta ilha (Santiago) nasce muito algodão e os algodões que são regados dão duas novidades no ano a saber uma em Dezembro e Janeiro, outra em Maio e Junho. E as outras que não são regadas dão uma novidade no ano.” Do Fogo o autor diz o mesmo: “nasce aqui muito algodão”.

Segundo Barcelos¹⁵, no ano de 1466 alguém muito próximo do Frei Rogério escreveu que quando chegou à ilha de Santiago, junto com outro clérigo, Frei Jaime, ambos franciscanos do convento de S. Bernardino de Athouguia, arcebispado de Lisboa e naturais de Catalunha, encontraram a terra “destituída de povos exceptuando alguns genovezes, que mais tratam de colher algodão pelo matto”.

Na obra *Panaria cabo-verdiano – guineense*, Carreira diz que as primeiras notícias sobre o envio de algodão das ilhas aparecem nas descrições dos começos do séc. XVI.

¹⁴SILVA, António Leão Correia e. (1991) «Espaço, Ecologia e Economia Interna», in *História Geral de Cabo Verde*, coord. Luís de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos, Vol. I. Coimbra. Instituto de investigação científica e tropical, Lisboa e Direcção do património cultural de Cabo Verde, Praia, p. 185.

¹⁵BARCELOS, Christiano José de Senna. (2003). *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné*. Parte I, 2ª edição. Praia. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, p. 40.

Duarte Pacheco citado por Carreira¹⁶ em 1506-1508, à distância de quarenta anos da descoberta de Santiago, Fogo e Maio, assinala que “... desta Ilha de Santiago e assim das outras em cada ano (...) vem para Portugal (...) muitos cebos e algodões e assaz finos...”. Ainda a respeito do algodão Carreira diz que a economia de Santiago e do Fogo baseava-se no cultivo do algodão, dos cereais e na criação de gados. Em 1515 fez-se a Exportação para Flandres de 503 arrobas e meia de algodão da ilha de Santiago, negociada por Jorge do Rego, conhecido por «Bom Fidalgo». Segundo Francisco de Andrade¹⁷ “as novidades desta ilha (Santiago) são açucars e algodões, e gados de toda a sorte e mantimentos de milho em abundância, (...); as novidades que dá (a ilha do Fogo) são algodões e alguns vinhos, que novamente começam a plantar os quais algodões se levam aos resgates de Guiné, e vão para a Espanha em arrobas escolhidas, e não se paga mais que o dízimo a Deus”. Com isso conclui-se que o algodão era escolhido e limpo e depois enviado, pelo menos em parte, para Espanha e para os resgates na Guiné.

Quanto ao anil vegetal (indigófera tintória), mais conhecido por tinta, foi uma planta muito difundida em Cabo Verde. Carreira, na sua obra *Panaria Cabo-verdiano-Guineense* afirma que a tinta é uma planta que nasce espontaneamente e não lhe era dado tratamento nenhum para a sua produção. Também nessa mesma obra o autor fala do processo de preparação da tinta, da transformação do algodão em linha, do tear e acessórios utilizados na confecção do pano.

Quanto às formas modernas de utilização dos panos é um assunto recente, que tem chamado atenção de muitos cabo-verdianos que escrevem artigos em jornais e revistas¹⁸.

6- Estrutura do trabalho

O trabalho está estruturado em quatro capítulos.

- No Primeiro capítulo- *Cabo Verde: Enquadramento Histórico, Geográfico e Cultural*; começou-se por fazer uma caracterização histórico-geográfica do arquipélago de Cabo

¹⁶ CARREIRA, António. (1983). *Panaria Cabo-verdiano-Guineense (aspectos históricos e socio-económicos)*. 2ª edição. Lisboa. Instituto Cabo-Verdiano do Livro... p. 23.

¹⁷ Idem, p. 26

¹⁸ *Jornal “Asemana”, Revista de estudos Cabo-Verdianos, revista “Emigrason”, Boletim da câmara de comércio, indústria e serviços de Sotavento. (consultar Bibliografia).*

Verde, seguida de uma pequena abordagem sobre a importância do artesanato na divulgação e afirmação da Identidade cultural cabo-verdiana.

- No segundo capítulo- *A Tecelagem em Cabo Verde* – fez-se uma pequena abordagem histórica sobre a origem da tecelagem em Cabo Verde, as principais matérias-primas utilizadas, as técnicas e os instrumentos utilizados na confecção do pano e, por fim, uma pequena descrição da confecção do tecido- o pano.

- No terceiro capítulo- *O Pano de Terra: Denominações, Importância e Utilização* - Começou-se por identificar os diferentes tipos e denominações de pano. Procurou-se, ainda, demonstrar a importância socioeconómica e cultural do pano de terra e as diferentes formas de utilização do pano.

- No quarto capítulo- *Valor Patrimonial do Pano de Terra, Sua Salvaguarda e Valorização* - Começou-se fazer uma síntese sobre a evolução do conceito de património e o enquadramento do pano de terra no contexto das cartas internacionais. Procurou-se ainda fazer uma síntese da Legislação Cabo-Verdiana sobre o Património Cultural e das Iniciativas de valorização do artesanato em Cabo Verde. Para finalizar foi proposto um conjunto de medidas que visam proteger e Valorizar o Pano de Terra (tecido) e os conhecimentos ligados á sua produção.

CAPÍTULO I - CABO VERDE: ENQUADRAMENTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E CULTURAL

1- Enquadramento histórico e geográfico

Cabo Verde é um arquipélago situado na zona tropical do Atlântico Norte, ao largo do Senegal e Mauritânia, a uma distância de cerca de 450 a 500 Km² da costa africana, entre os paralelos 15 e 17 graus de latitude norte e as longitudes de 22° 41' e 25° 22' Oeste de Greenwich.

Fig. 1- Localização geográfica do arquipélago de Cabo Verde



Fonte: <http://www.pordosol.com.cv/index.php?page=cabo-verde> consultado em Fevereiro de 2013.

Com uma área total de terras emersas de 4033,37 Km², distribuídas por dez ilhas e alguns ilhéus formando dois grupos: Barlavento ao Norte constituído pelas ilhas de Santo Antão, S. Vicente, Santa Luzia, Sal, Boa Vista e os ilhéus Branco e Raso; Sotavento ao Sul, integrando as ilhas de Maio, Santiago, Fogo Brava e os ilhéus Santa Maria, Cima, Luís Carneiro e Grande. Em contrapartida, dispõe de um espaço marítimo exclusivo que ultrapassa os 600 000 Km².

Fig. 2- Mapa do arquipélago de Cabo Verde



Fonte: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/cv.htm> consultado em Fev.2013.

As ilhas de maior extensão são a de Santiago a sueste, onde se situa a capital do país, Praia, e a ilha de Santo Antão, no extremo noroeste. Praia é o principal aglomerado populacional do arquipélago, com 131602 habitantes, depois aparece Mindelo, na ilha de São Vicente, com uma população de 76107 habitantes¹⁹.

As ilhas são de origem vulcânica, encontrando-se ainda hoje, no arquipélago, um vulcão ativo, na ilha do Fogo, conhecido pelo Pico do Fogo. Este é o pico mais elevado do arquipélago com 2829 m²⁰.

Em termos morfológicos, são ilhas muito montanhosas, com terrenos muito irregulares, à exceção das ilhas de Sal, Boavista e Maio, que são planas. Relativamente à costa marítima tanto se pode encontrar encostas íngremes, como, praias extensas de areia fina. Isto permite a existência de algumas ilhas com uma aparência semidesértica e outras que deslumbram pelas suas paisagens de vegetação exuberante.

O arquipélago de Cabo Verde está localizado na zona sub-saheliana²¹. Tem um clima tropical seco, árido e semiárido. No entanto, os oceanos e os ventos alísios moderam a

¹⁹ Censo 2010, Praia, Cabo Verde

²⁰ RIBEIRO, Orlando. (1998). *A Ilha do Fogo e as suas Erupções*. Lisboa. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, p. 37- 41.

²¹ Sahel é a região da África situada entre o deserto do Saara e as terras mais férteis a sul. Normalmente incluem-se nessa região o Senegal, a Mauritânia, o Mali, o Burkina Faso, o Níger, a parte norte da Nigéria, o Chade, o Sudão, a Etiópia, a Eritreia, o Djibouti, e a Somália.

temperatura. A média anual é raramente superior a 25°C e, raras vezes desce abaixo dos 20°C. O país tem duas estações do ano: a das chuvas ou das águas, muito curta que começa em Agosto e vai até Outubro, e que é muito irregular e geralmente com fraca pluviosidade, em especial nas ilhas de S. Vicente e Sal. As ilhas mais acidentadas como Santiago, Santo Antão e Fogo beneficiam de maior pluviosidade; e a estação seca de Dezembro a Junho é caracterizada por ventos constantes. Os meses de Novembro e Julho são meses de transição.

Segundo a tese oficial, as ilhas de Cabo Verde foram descobertas por António de Noli e Diogo Afonso, navegadores portugueses que aí terão chegado entre 1460 e 1462, embora existem hipóteses, de estas ilhas, ou pelo menos algumas delas, terem sido conhecidas antes da chegada dos portugueses. Contudo, isso não passa de uma hipótese que carece de uma confirmação de fontes fidedignas. Sobre esta questão Albuquerque afirma que “a data ou as datas do achamento das diversas ilhas e os nomes dos navegadores que, no século XV, pela primeira vez a elas aportaram, são problemas que hão-de continuar a gerar largas e talvez já inúteis controvérsias, pois é difícil que para eles se encontrem respostas, já não dizemos definitivas, mas ao menos satisfatórias”²².

Aquando da chegada dos portugueses, as ilhas encontravam-se desertas e desabitadas, não havendo qualquer indício de presença humana²³. Logo foi necessário proceder ao processo de povoamento. Assim, foram criadas bases de subsistência para que os primeiros povoadores se pudessem instalar nas ilhas. De Portugal começaram a sair em direção a Cabo Verde carregamentos com animais, sementes, utensílios agrícolas e comida.

O povoamento do arquipélago começou pela ilha de Santiago²⁴, por volta de 1462. Para isso, a ilha foi dividida em duas capitánias: a do sul com sede em Ribeira Grande (hoje Cidade Velha) foi doada a António da Noli e a do Norte com sede em Alcatraz (hoje

²² ALBUQUERQUE, Luís de. (1991). “Descobrimento das Ilhas de Cabo Verde” in *História Geral de Cabo Verde*, coord. Luís de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos, Vol. I. Coimbra. Instituto de investigação científica e tropical, Lisboa e Direcção do património cultural de Cabo Verde, Praia, p. 24.

²³ Há autores que referem “à questão de um eventual povoamento da ilha de Santiago por Jalofof, anterior à chegada dos Portugueses”. (BALENO, Ilídio Cabral. (1991). “Povoamento e Formação da sociedade” in *História Geral de Cabo Verde... vol. I*. p.125). No entanto, não há documentos que comprovam esta hipótese pelo que há que se aceitar os textos deixados pelos autores da época, que referem que estes espaços estavam desabitados.

²⁴ A escolha de Santiago deve-se ao facto de ela reunir um conjunto de condições favoráveis à fixação do homem: Era a maior, tem bons portos e, sobretudo, contava com boas nascentes de água doce.

Praia baixo) foi entregue a Diogo Afonso como prémio das descobertas. Esta última por ser muito pobre, situada numa zona agreste e pedregosa, sem condições para a prática de uma atividade agropecuária sustentável acabou por ter uma vida muito curta. Já na segunda década do séc. XVI entrou em decadência e a sede da capitania do Norte foi transferida para a Praia²⁵.

António da Noli foi o primeiro a chegar a Santiago em 1462, acompanhado de alguns membros da sua família e de portugueses do Alentejo e do Algarve. Instalaram-se [na Ribeira Grande], “num profundo e verdejante vale encravado entre alcantiladas montanhas”²⁶ dando origem ao primeiro núcleo populacional.

A ilha do Fogo foi a segunda a ser povoada, entre 1480 a 1493. A iniciativa do seu povoamento deve-se ao facto de ser a mais próxima de Santiago e por apresentar grandes potencialidades para o cultivo de algodão. Logo depois foi a ilha do Maio. As ilhas de Boa Vista e de Santo Antão só foram povoadas no século XVI, embora já tivessem sido usadas anteriormente para a criação de gado. Quanto ao povoamento das outras ilhas²⁷ só se realizou nos finais do séc. XVII e princípios do séc. XVIII, sendo anteriormente utilizadas para a criação de gado. Na ilha do Sal, durante estes séculos aproveitou-se para fazer igualmente a extração de sal.

O processo de povoamento do arquipélago de Cabo Verde conheceu muitas dificuldades, não só pelo seu afastamento em relação ao reino, como por não dispor das condições naturais e climáticas favoráveis à fixação do colono europeu. Face a essas adversidades do ecossistema, poucos portugueses se mostraram interessados em se fixarem de forma definitiva na ilha de Santiago.

Para superar as dificuldades do povoamento o Rei D. Afonso V, na carta de 12 de Junho de 1466²⁸, concedeu aos moradores de Santiago o exclusivo de participação no comércio da Costa da Guiné, à exceção da fortaleza de Arguim. Essa decisão atraiu à ilha de Santiago muitos portugueses que se dedicavam apenas ao comércio, não visando

²⁵ BALENO, Ilídio Cabral. (1991). “Povoamento e Formação da sociedade”. in História Geral de Cabo Verde, coord. Luís de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos, Vol. I. Coimbra. Instituto de investigação científica e tropical, Lisboa e Direcção do património cultural de Cabo Verde, Praia. p.140.

²⁶ Idem. p.133

²⁷ A ilha de Santa Luzia permanece ainda hoje despovoada por não ter condições para a fixação do homem.

²⁸ Para mais informações consultar CARREIRA, António (1983). *Formação e extinção de uma sociedade escravocrata (1460-1878)*. 2ª edição. Lisboa. Instituto Cabo-verdiano do Livro, p. 29.

a criação dum aparelho produtivo, nem a sua fixação definitiva contrariamente às intenções da coroa. Além disso, a liberdade comercial criada pela carta, provocou conflitos com Fernão Gomes, por esse tempo arrendatário do trato da Guiné. Perante esta situação, na carta de 8 de Fevereiro de 1472, a coroa limitou a área de resgate dos mercadores de Cabo Verde e proibiu-os de vender qualquer tipo de mercadorias que não fossem as produzidas nas ilhas²⁹.

A limitação tinha um duplo objetivo: um interno e local, que visava o povoamento intensivo das ilhas e promover o desenvolvimento de outras atividades económicas para além do comércio (o povoamento); outro, externo e mercantil, isto é, pretendia limitar o poder comercial dos moradores na costa³⁰.

Pode-se afirmar que, com as limitações da carta de 1472, o rei conseguiu atingir os seus objetivos: montar um aparelho produtivo nas ilhas, que até aqui tinha sido negligenciado, e fazer o povoamento intensivo com a deslocação em grande número de mão-de-obra escrava oriunda da região designada por Rios da Guiné, que passaram a constituir a maioria da população e ainda “restringia a participação dos moradores na costa, transferindo para os ricos comerciantes reinóis (arrendatários) algumas das oportunidades comerciais anteriormente sob o controle dos mercadores de Santiago”³¹.

Baseadas na mão-de-obra escrava, foram organizadas, essencialmente em Santiago, as grandes plantações agrícolas de cana-de-açúcar e algodão. Na ilha do Fogo a ocupação do interior foi feita com recurso à criação extensiva de cavalos e ao cultivo do algodão. Da mesma forma, para a ocupação dos espaços nas restantes ilhas, houve o predomínio da pecuária intensiva assente maioritariamente no gado caprino e no cavalo.

Na primeira década do século XVI, Cabo Verde já exportava peles, couros, sebo, cavalos, açúcar e algodão. No início, o algodão era exportado em bruto, mas com a chegada de escravos tecelões, que levaram consigo teares e técnicas de tecelagem, passaram a exportar panos de terra que se tornaram essenciais na aquisição de escravos e na troca por outros produtos, na costa africana, ou mesmo para pagamento de

²⁹ Publicada na carta de “declaração e limitação dos privilégios aos moradores de Santiago” de 1472.

³⁰ SILVA, António Leão Correia e. (1996). *Histórias de um Shael Insular*, 2ª edição. Praia. Spleen- Edições, p. 29.

³¹ *Ibidem*

funcionários nos períodos de escassez de moeda em Cabo Verde. Mais tarde, passou-se a exportar também tartarugas, milho, aguardente, sangue-de-drago, tabaco, âmbar, urzela, óleo de baleia, sementes de purgueira e sal.

Devido à posição geoestratégica privilegiada a meio caminho entre América do sul e a Europa, a África Austral e a América do Norte, Santiago tornou-se cedo a placa giratória da navegação transatlântica, o ponto de escala e de aprovisionamento dos navios, ponte de penetração portuguesa no continente e entreposto de escravos posteriormente exportados para a Europa, particularmente para Portugal e Espanha e, para as Américas.

Estes fatores contribuíram para que Ribeira Grande se transformasse rapidamente num entreposto comercial de grande projeção de tal modo que, em 1532, o rei de Portugal, D. João III solicitou ao Papa Clemente VII que a vila fosse separada da diocese de Funchal (Madeira) à qual estava até então ligada para se constituir numa diocese autónoma. Pela bula *Pro Excellentia* de 31 de Janeiro de 1533, Cabo Verde e Guiné-Bissau constituíram uma diocese com sede na Ribeira Grande, que foi elevada à condição de cidade, para poder acolher a capital da diocese.

Todavia, Ribeira Grande teve um ciclo de vida opulenta relativamente curto. A sua decadência processou-se num ritmo acelerado, sobretudo a partir do momento em que perdeu definitivamente a sua posição como entreposto de escravos. Por outro lado, os frequentes ataques e pilhagens dos piratas e corsários ingleses e franceses contribuíram para arruinar ainda mais, a antiga capital cabo-verdiana.

A transferência da sede do governo para a vila da Praia, em 13 de Dezembro de 1769 e a elevação da Praia a categoria de cidade em 1858, consumou definitivamente a decadência económica e populacional da Ribeira Grande, que passou a ser Cidade Velha. É hoje um ponto turístico por excelência. Os seus monumentos históricos fazem dela um lugar aprazível principalmente para aqueles que se interessam pela história de um povo surgido de cruzamento de várias raças.

Governada pelos portugueses durante cinco séculos, a 5 de Julho de 1975 Cabo Verde conquistou a sua independência e passou a ser governado pelos dirigentes nacionais.

A primeira constituição cabo-verdiana previa a futura unificação com a Guiné-Bissau, mas um golpe político nesse país em 1980 acabou com os planos de união política dos dois países. A Constituição de 1980 tornou o PAICV - Partido Africano da Independência de Cabo Verde, o único partido político do país. Em 1990, deu-se a abertura política e implantou-se em 1991 um regime de democracia pluralista e o sistema multipartidário foi oficializado na constituição de 1992.

Cabo Verde sofre com a escassez de recursos naturais, inclusive a água, agravada pelas secas prolongadas e pela pobreza do solo de várias ilhas. Atualmente, a economia é orientada para os serviços. Apesar de ser um país de agricultores e pescadores a agricultura e pesca são atividades pouco desenvolvidas. O país tem anualmente um grande *deficit* comercial, financiado pela ajuda internacional e pelos emigrantes que contribuem com remessas financeiras.

Sabe-se que o turismo constitui um dos sectores com maior dinâmica no crescimento económico e social de um país, na medida em que contribui consideravelmente para a entrada de divisas, bem como para a promoção do emprego. No caso concreto de Cabo Verde, o turismo representa nos dias de hoje, um dos principais eixos de desenvolvimento económico sustentado e com efeitos macroeconómicos importantes, sobretudo, na formação do Produto Interno Bruto (PIB).

Apesar da escassez de recursos, uma eficiente gestão da economia tem produzido uma melhoria nas receitas do país. Reformas económicas continuadas têm estimulado o setor privado e atraído investimento estrangeiro para diversificar a economia. As perspectivas futuras dependem, em grande parte, da manutenção dos fluxos de ajuda, do estímulo ao turismo, às remessas dos emigrantes e ao resultado dos programas de desenvolvimento do governo.

Por apresentar um bom desempenho económico, em 2008 Cabo Verde deixou de fazer parte dos Países Menos Desenvolvidos (PMD) e passou a ser incluído no grupo dos Países de Desenvolvimento Médio (PDM).

2-Importância do artesanato na afirmação e divulgação da cultura cabo-verdiana

O povo cabo-verdiano é o resultado da fusão de povos e/ou etnias de áreas geográficas diferentes que, ao longo de séculos de convivência, foram moldando no tempo e no espaço uma forma de ser e de estar que lhes conferiu uma identidade própria.

Vários são os grupos humanos responsáveis por esse processo. De um lado, um grupo numericamente minoritário, mas socialmente importante – o europeu (de várias nacionalidades, mas na maioria portugueses) e do outro, os escravos negros que constituíam a maioria populacional. Estes eram provenientes de várias etnias africanas e traziam consigo habilidades e saberes totalmente desconhecidos pelo homem branco.

Coabitando no mesmo espaço durante cinco séculos, em contato permanente e direto, os dois grupos enfrentaram um novo meio geográfico e socioeconómico, sofreram mudanças nos seus hábitos e costumes originais e com o tempo forjaram um conjunto de manifestações culturais distintas e típicas que posteriormente deram origem à cultura cabo-verdiana com a sua identidade própria. Pode-se dizer que “a cultura constitui uma dimensão fundamental do processo de desenvolvimento e contribui para fortalecer a independência, a soberania e a identidade das nações”³².

Segundo Elisa Andrade, citada por Brígida Évora, a cultura cabo-verdiana, é “resultante da multiplicidade do micro - processos de aculturação (simbiose, assimilação, imitação, sincretismo) de enculturação (aprendizagem, adaptação, invenção) e de desculturação (subtração, destruição de traços e/ou valores do património natural africano)”³³.

Pode-se concluir que a cultura do povo cabo-verdiano reflete a simbiose de cinco séculos de convivência de influências da cultura europeia e africana, estando a interligação destas culturas presentes nas diversas manifestações de cultura popular. Esta dupla influência é notória na sua língua crioula, na sua religiosidade e nas suas diversas manifestações culturais - literatura, artes plásticas, música, dança e artesanato.

³² Declaração do México, 1985, p.3.

³³ÉVORA, Brígida dos Santos. (2010). *O papel da música na afirmação da cultura cabo-verdiana no país e na diáspora*, Praia, Universidade de Cabo Verde, p. 7.

O artesanato cabo-verdiano está intrinsecamente ligado a um conjunto de condições ecológicas, da natureza das técnicas, da geografia e das matérias-primas existentes no arquipélago. Produzido para satisfazer as necessidades domésticas do dia-a-dia, ou simplesmente para decoração, o artesanato de Cabo Verde é muito singular e é um verdadeiro instrumento de expressão da cultura popular. Para melhor compreender e caracterizar a cultura material cabo-verdiana passa-se a descrever e a analisar algumas atividades e objetos feitos de forma artesanal em Cabo Verde:

2.1. A produção artesanal

a) Cerâmica

A cerâmica nasceu das necessidades básicas do ser humano e está associada à produção de objetos utilitários usados no armazenamento, transporte de líquidos e na preparação de alimentos particularmente no meio rural.

Em Cabo Verde é uma arte reservada essencialmente às mulheres. Ela é trabalhada de forma muito artesanal, um pouco por todo o país, mas sobretudo, na ilha de Santiago, nas comunidades de Fonte Lima, Trás-os-Montes, e São Domingos. A matéria-prima utilizada é a argila (localmente conhecida por barro) e a técnica é a modelagem à base do manuseio.

Dos objetos de barro produzidos em Cabo Verde destacam-se: o pote, espécie de um vaso bojudo que serve para o armazenamento da água; o vaso para colocação das plantas; e sobretudo o binde, espécie de uma tigela com orifícios circulares no fundo que serve para fazer cuscuz, um dos pratos tradicionais de Cabo Verde.

Fig. 3- Pote



Fig. 4-Vaso



Fig. 5- Binde



Fotografia: Ana Levy – Outubro de 2013

Em paralelo com a cerâmica utilitária, é também fabricada a cerâmica artística e decorativa em forma de brinquedos e adornos que retratam a vivência do povo cabo-verdiano.

Fig. 6- Objetos decorativos feitos em barro



Fotografia: Ana Levy- Outubro de 2013

b) Cestaria

A cestaria é uma outra forma de arte, também muito antiga, que continua a ser muito executada nas zonas rurais em Santiago. Feita predominantemente por homens, utiliza os recursos vegetais locais como fibras de carriço, tara de coqueiro e as varas de “jardim” ou “lantuna”³⁴. O carriço, principal matéria-prima, é limpo e cortado em pequenas tiras que devem estar no seu estado verde a fim de não partir ao serem trançados. A sua confeção baseia-se unicamente na técnica do entrelaçado através da qual são concebidos objetos que chegam a suportar grandes e mesmo enormes cargas.

Estes cestos têm grande valor utilitário no quotidiano dos cabo-verdianos, sobretudo no meio rural. Os produtos são utilizados habitualmente nas atividades domésticas e do campo como balaio “de tenti”, cuja função é separar o farelo do milho cochido (bêntia) ou separar o xerém da farinha (tenti), guarda-loiças, guarda-roupa, guarda-comidas, balaio de transportar carga, balaio de compra (“canástia”) etc.

³⁴ Plantas existentes em Cabo Verde

Fig. 7- Balaio de “tenti”



Fig. 8- Balaio de colheita



Fig. 9- Balaio de andares



Fotografia: Ana Levy- Outubro 2013

Fig.10- Cesto



Fig. 11- Balaio para compras



Fig. 12- Cesto de roupa



Fotografia: Ana Levy- Outubro 2013

c) Esteiraria

A esteiraria é uma arte tão antiga como as outras e foi largamente produzida em Cabo Verde, em particular na ilha de Santiago. É uma espécie de tapete feito com nervuras secas de folha da bananeira unida umas às outras com cordas de carrapato. Normalmente tem 1,78 metros de comprimento e 1 metro de largura.

O seu fabrico aproxima-se ao do cesto e da panaria, tanto pela forma do entrecruzamento como do entrelaçamento das matérias-primas. O produto final, a esteira, era muito utilizada para separar as divisões das casas, como tapete no chão, e muitas vezes como colchão sobre camas ou debaixo do colchão. Paralelamente à esteira, também se confeciona o “cancarã”, um estrado feito de carriço, em que as canas são unidas com tiras de carrapato e tem praticamente a mesma função que tem a esteira.

Hoje em dia estes objetos são usados na decoração, como aparecem nas figuras a seguir.

Fig. 13- Cancarã



Fig. 14- Tapete de parede com base de esteira



Fotografia: Ana Levy- Outubro 2013

d) Tecelagem

A tecelagem é uma arte de características populares com influências africanas e europeias e tem uma longa tradição em Cabo Verde. A panaria é uma atividade quase exclusiva dos homens. O pano de terra é ainda hoje um produto de grande valor económico e cultural e está sendo muito procurado tanto pelos nacionais como pelos emigrantes e turistas. Hoje só é feito sob encomenda e os artesãos dedicam-se também a outras atividades, nomeadamente a atividades agrícolas, porque este tecido é atualmente um produto de fraco escoamento no mercado, devido ao elevado custo em relação ao nível de vida da população local. Este assunto irá ser desenvolvido com mais pormenor no decorrer deste trabalho. O pano de terra é o elemento fundamental na dança do batuque, e constitui um símbolo da identidade cultural cabo-verdiana.

É importante que na memória de cada povo se ache perpetuado aquilo que essencialmente faz compreender como viveram, sentiram e pensaram os seus antepassados. Por isso, é importante conhecer e valorizar os testemunhos das bases culturais herdadas do passado. O artesanato tradicional constitui uma mais-valia para o conhecimento e preservação da cultura cabo-verdiana, na medida em que, ao seu lado estão sempre as outras manifestações características do povo das ilhas. Para Lopes filho, “o artesanato é uma forma simples mas eficaz de divulgar a “cultura”, arte e tradições destas ilhas que devidamente incentivado fará renascer no nosso povo toda a sua potencialidade criativa e a memória cultural herdada dos seus antepassados”³⁵. Ainda o mesmo autor adverte para a necessidade de salvaguardar esta atividade (cujos aspetos fundamentais assentam na criatividade e perícia normal dos artesãos) com medidas que

³⁵ LOPES FILHO, João. (1985). *Defesa do Património Sócio-Cultural de Cabo Verde*, Lisboa, Ulmeiro, p. 60.

permitem a defesa de um artesanato genuíno, com o objetivo de dignificar a nível nacional como fator significativo da nossa “cultura”³⁶.

A produção artesanal é mais do que a mera produção dos objetos utilitários e deve ser encarada como um fator de desenvolvimento económico e de identidade cultural, na medida em que existe um conjunto de relações materiais e espirituais, muito dinâmicas, entre o ser humano, a técnica e a matéria que suportam a sua produção e utilização.

Pode-se constatar que há um sentimento de “afetividade” do artesão em relação à atividade que exerce. Este sentimento deve-se não só ao fato de gostar do que faz mas, sobretudo, porque aprendeu as técnicas com os pais e/ou familiares mais velhos e, por isso, também pretende passar os conhecimentos ao seus filhos.

Em Cabo Verde, a “concorrência desleal” do artesanato oriundo da Costa Africana ou que é confeccionado por senegaleses e nigerianos residentes em Cabo Verde, a falta de fiscalização³⁷, a falta de legislação para defender o artesanato nacional, a dificuldade do artesão em desenvolver um espírito empreendedor, a pouca visualização do artesanato como um importante fator económico e a inexistência de estatuto do artesão, são os principais entraves para o desenvolvimento deste sector. No entanto, foram tomadas algumas medidas no sentido da sua valorização e preservação, que vão ser abordadas ao longo deste trabalho.

³⁶ Idem, p. 61

³⁷ http://www.alfa.cv/anacao_online/index.php/cultura/3882-artesanato-cabo-verdiano-face-a-concorrencia-da-costa-africana consultado em Março de 2013

CAPÍTULO II - A TECELAGEM EM CABO VERDE - UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

1- Origem

A arte de tecer é conhecida como uma das formas mais antigas de artesanato ainda presente nos dias de hoje.

Inicialmente o homem utilizava folhas das árvores e peles de animais para cobrir o corpo e abrigar-se do frio. Contudo, com o desenvolvimento intelectual ele passou a transformar fibras vegetais em tecidos.

O primeiro tear conhecido data do período Neolítico. Neste período o homem já utilizava o princípio da tecelagem, entrelaçando pequenos galhos e ramos para construir barreiras, escudos e cestos. Supõe-se que teias de aranha e ninhos de pássaros serviram de fontes de inspiração.

Os diferentes povos, de acordo com sua cultura, clima e região, desenvolveram o processo de tecer, que se estende desde a manufatura de utensílios domésticos (cestos) até ao vestuário e peças decorativas.

Na tecelagem, podem-se utilizar matérias-primas de origem vegetal, como algodão e linho ou matérias-primas de origem animal, como lã de ovelha, pelos de cabra e a seda. Com o desenvolvimento tecnológico, hoje encontra-se várias fibras não naturais, que podem ser: artificial, quando provêm de uma substância natural, como celulose que não tem a forma de fibra mas é transformada em fio dando origem ao acetato e ao rayon; ou, as fibras sintéticas, produzidas em laboratório, como nylon, acrílico, poliéster e poliamida³⁸.

De acordo com a criatividade do artesão, estas diferentes fibras podem ser utilizadas das mais diversas maneiras, misturadas ou não entre si, possibilitando a confecção de tecidos para vestuário, sapatos, tapetes, tapeçarias de parede e utilitários como bolsas e cintos.

³⁸ KLIPPEL, Áquila, *Tecelagem Manual, Tear Pente Liço, Nível I*, acesso no site, <http://www.tecelagemmanual.com.br/manuais/manual.pdf>, consultado em Dezembro 2012.

Quanto à introdução da tecelagem no continente africano há divergência de opiniões. Uns opinam que a sua introdução deve-se aos árabes, outros inclinam-se para a hipótese de ter sido introduzida pelos cartagineses.

“Para Monteil, a tecelagem chegou ao interior do continente pelos cartagineses; Cornevin afirma que a difusão da planta e do vestuário de algodão deve-se à civilização muçulmana”³⁹.

No que respeita ao uso de vestimenta de algodão em África existe, contudo, unanimidade de opiniões: “à civilização muçulmana se deve fundamentalmente a extraordinária difusão da vestimenta de algodão entre os povos africanos”⁴⁰.

O certo é que quando os portugueses chegaram ao litoral africano, os povos autóctones já sabiam cultivar e tecer o algodão. Vejamos o que diz Cadamosto, em 1455 e em 1456: “As mulheres deste país [dos Azenegues] são pardas e costumam trazer a maior parte delas panos de algodão, que lhes vem das terras dos negros, (...)”⁴¹.

Em Cabo Verde a tecelagem surgiu nos primeiros decénios do século XVI, com a chegada de artífices escravos, parte deles com larga experiência no cultivo e preparação de algodão e anil e com tradição no manejo do tear horizontal⁴².

Sobre a tecelagem em Cabo Verde, Carreira diz: “a primeira notícia concreta acerca da tecelagem de panos de algodão nas ilhas de Cabo Verde é dada na carta de Dezembro de 1517, enviada para Espanha pelo Juiz de Residência, Alonso Zuazo (...)”⁴³.

Importa recordar que, não seria possível fabricar panos em Cabo Verde, somente com tecelões. A existência do algodão e da planta do anil – matérias-primas indispensáveis - facilitaram sobremaneira, a implantação da “indústria de tecelagem” de panos nas ilhas. A tecelagem de panos fazia-se em todas as ilhas, em maior ou menor escala. No entanto, os grandes centros produtores situavam-se em Santiago – Tarrafal e Santa Catarina – e

³⁹ Citados por CARREIRA, António. (1983). *Panaria Cabo-Verdiano – Guineense (aspectos históricos e sócio-económicos)*. 2ª edição. Lisboa. Instituto Cabo-Verdiano do Livro, p.18

⁴⁰ *Ibidem* .

⁴¹ *Idem*, p. 19

⁴² O único tipo utilizado em Cabo Verde.

⁴³ *Idem*, p. 47

no Fogo. As técnicas e instrumentos de tecelagem partiram do continente para o arquipélago, propagando-se das ilhas orientais para as ocidentais.

Havia dois tipos de “indústria de panos”: uma com características de pequena oficina, e outra do tipo doméstico ou familiar. No tipo oficinal, encontrava-se um conjunto de teares horizontais montados nas fazendas ou casas grandes no interior da ilha ou na cidade. Esta atividade artesanal funcionava regularmente utilizando matérias-primas oriundas das próprias fazendas e uma considerável mão-de-obra (escrava). No tipo doméstico, utilizava-se o mesmo tipo de tear, em número reduzido (dois no máximo) instalados nos quintais das pequenas propriedades rurais ou nas casas de moradia na cidade ou nos povoados.

O funcionamento da indústria de tecelagem era irregular porque dependia: do pequeno número de artífices que cada família possuía, aos quais ainda eram impostas outras tarefas; da reduzida quantidade de matérias-primas cultivadas nos quintais ou comprada; e do fraco poder de consumo do agregado.

A instalação da “indústria de panos” nas ilhas contribuiu profundamente para revolucionar a economia local. Os panos de algodão, em especial os do Fogo e Santiago desempenharam papel de relevo no desenvolvimento do tráfico de escravos graças à sua excelente padronagem, boa textura e ótima qualidade do tecido, enquanto objeto de troca (moeda).

É de ressaltar que, a tecelagem desses panos atingiu o seu grande desenvolvimento, desde meados do século XVI até aos finais do século XVII, isto é, durante o ponto alto do tráfico negreiro praticado pelos moradores de Santiago.

No final do século XIX, a tecelagem de bandas de algodão para panos, desapareceu por completo nas ilhas da Brava, Boa Vista e Santo Antão. Permanecia no Fogo, em alguns povoados do sul, e em Santiago nos concelhos de Santa Catarina e do Tarrafal.

Hoje, a tecelagem ainda perdura na sociedade cabo-verdiana com um reduzido número de tecelões de ocasião⁴⁴, utilizando quase na íntegra, a linha (meada) importada.

2. Matérias-primas

2.1- O Algodão (*Gossypium Hirsutum* L.)

É uma fibra branca ou esbranquiçada obtida dos frutos de algumas espécies do género *Gossypium*, família Malvaceae. Há muitas espécies nativas nas áreas tropicais da África, Ásia e América, e desde o final da última era glacial os tecidos já eram confeccionados com algodão.

Desde o início da ocupação das ilhas, registou-se a existência de algumas espécies de algodão espontâneo, que se difundiu por todo arquipélago, devido às boas condições geoclimáticas. Mais tarde, foram introduzidas e cultivadas outras variedades de algodão.

Ainda a respeito do algodão, Valentim Fernandes afirma que, em Santiago “nasce muito algodão, e os algodões que são regados dão duas novidades no ano, a saber: uma em Dezembro e Janeiro, outra em Maio e Junho. E os que não são regados dão uma novidade no ano⁴⁵”.

A partir dos últimos anos do século XV foram promulgadas uma série de providências régias que visaram o rápido povoamento das ilhas, o incremento da cultura do algodoeiro e dos cereais, a criação de gado, além de outras atividades como a extração do sal ou apanha de urzela. A carta de declaração e limitação dos privilégios dos moradores de Santiago de 8 de Fevereiro de 1472 diz o seguinte:

“...2º - Nem possam, isso mesmo, os ditos capitão e moradores, da dita ilha para sempre outras mercadorias mandar resgatar... Senão aquelas que eles de suas novidades e colheitas na dita ilha houverem; porque estas taes somente queremos e mandamos que lá possam levar, se quiserem, e outras algumas não, porque somos bem lembrado que, quando assim o dito privilégio outorgamos, foi nossa tenção lho outorgamos para as novidades e frutos e cousas quaisquer

⁴⁴ Os que exercem o ofício nas épocas de folga, quando as atividades principais, mais rendosas o permitem.

⁴⁵ Citado por SILVA, António Leão Correia e. (1991). Espaço, Ecologia e Economia Interna. In *História Geral de Cabo Verde*. ...Vol. I. p.184).

que na dita ilha houvessem e pudessem haver: escravos, escravas, machos e fêmeas para seus serviços e ser azo para sua melhor vivenda e boa povoação”⁴⁶.

Assim, assistiu-se nas ilhas de Santiago e Fogo⁴⁷ ao desenvolvimento prioritário da cultura do algodão e da criação de cavalos, virados essencialmente para a comercialização externa: África, Europa e posteriormente para a América.

O cultivo do algodão fazia-se tanto nas terras de sequeiro como nas de regadio onde se tentava obter uma produção mais intensiva com ciclos mais curtos.

As ilhas de Santiago e Fogo são as bases algodoeiras do arquipélago, visto que, é a partir delas que se verificou a sua expansão para as outras ilhas. Se as condições geoclimáticas favoreceram a sua sobrevivência, foi com o trabalho escravo que se promoveu a sua multiplicação, cultivando-o.

Já no século XV o algodão era cultivado nas ilhas e depois de limpo das impurezas era exportado para o litoral africano, para o Reino, Flandres, Espanha e para a costa da Guiné. O seu consumo nas ilhas passou a ser feito só mais tarde, no século XVI, abastecendo a indústria de tecelagem.

Embora existisse algodão em Santiago foi na ilha do Fogo que este foi cultivado em larga escala. A partir de 1530 a ilha do Fogo atingiu um papel primordial no cultivo do algodão e como porto exportador desse produto. Sendo assim, a coroa teve que instituir um feitor de algodão do Fogo⁴⁸ a fim de organizar e fiscalizar o seu comércio.

Foi um produto de grande valor socioeconómico. A exportação do algodão foi tão extraordinária que prejudicava a manufatura de panos nas Ilhas. Por essa razão, no século XVIII a sua venda foi proibida aos estrangeiros e aplicava-se a pena capital (pana de morte) aos infratores⁴⁹.

⁴⁶Carta de “declaração e limitação dos privilégios aos moradores de Santiago”, de 1472.

⁴⁷Áreas geoeconómica dominada por uma agropecuária intensiva.

⁴⁸O primeiro foi Duarte Fernandes, depois substituído por Jorge Correia nomeado em 1532 por um período de 3 anos auferindo um ordenado de 30000 réis/ ano. (in BARCELOS, Christiano José de Senna. (2003). *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné*. Vol. I. parte I, 2ª edição, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, p. 98).

⁴⁹Alvará de 28 de Outubro de 1721.

Estas medidas proibitivas adotadas contribuíram para piorar a situação socioeconómica que se vivia no arquipélago. Sendo proibido o comércio com estrangeiros, muitas vezes pago em dinheiro, os moradores vão sentir falta de dinheiro, necessário para o pagamento de dívidas, juros e pensões. Esta foi uma das razões que fizeram declinar o cultivo de algodão.

Em 1820 procurou-se incrementar a cultura de algodão nas ilhas obrigando os proprietários a semeá-lo sob pena de perderem o direito à terra.

Na segunda metade do século XIX, a importação do pano de algodão cru branco, conhecido por «Paulino» ou «polino», de produção americana, associado a outras conjunturas da época⁵⁰ provocou a morte definitiva da cultura do algodoeiro na maioria das ilhas, e conseqüentemente a diminuição da produção de panos.

Várias foram as medidas tomadas no sentido de obter melhoria do algodão nativo, mas a planta fora atacada por certas doenças, algumas delas possivelmente resultantes da degenerescência motivada por uma exploração desregrada e intensiva ou até pela erosão dos solos.

2.2- O Anil

O anil vegetal (indigófera tintória) mais conhecido por tinta, foi uma planta muito difundida nas ilhas de Cabo Verde, e constituiu com o algodão a base fundamental da confeção da panaria cabo-verdiana e mesmo da África em geral.

Não o semeavam nem lhe era dado nenhum tratamento para a sua produção. Nascia espontaneamente pelas faldas dos montes, perto ou distante do mar.

A instalação da indústria de tecelagem nas ilhas concorreu para dar o incremento temporário à apanha dessa planta, de onde se extrai a tinta. Com ela obtinham uma cor azulada tendendo por vezes para o preto, em função das doses utilizadas.

A sua preparação tornou-se tão importante que justificou, no séc. XVIII, a instalação em Cabo Verde, de duas fábricas de anil, uma em Santiago por ordem da igreja, situada na freguesia de São João Baptista sob o comando de Paulo Gomes de Abreu e Lima, e

⁵⁰ Abolição dos morgadios e das capelas (1863); abolição do tráfico de escravos e da escravatura; a fome de 1864 – 1866.

outra em Paul – Santo Antão por ordem dos antigos donatários Marqueses de Gouveia. No entanto, já na primeira década do século seguinte as fábricas já estavam abandonadas, devido aos maus métodos utilizados tanto no cultivo da planta como no fabrico da tinta⁵¹.

2. 2. 1- Preparação da tinta líquida

Tinta é a designação corrente dada ao anil vegetal em África obtido do índigo (indigófera tintória e suas variedades), através da maceração da folhagem mais tenra e sua cuidada preparação.

As folhas da planta eram recolhidas em grandes balaios pelas escravas. Colhidas as folhas, antes que estas murchassem, eram trituradas num pilão, e da massa resultante formavam uma espécie de pão conhecido por pães de tinta, posteriormente colocados ao sol a enxugar. Depois de bem secos, eram guardados em lugar seco para evitar o apodrecimento.

Para fazer a tinta pilam-se os pães e depois de reduzidos a pó dilui-se em água quente em grandes recipientes de barro, e conserva-se por um espaço de 8 a 15 dias até que essa dissolução chega a uma perfeita putrefação. Em regra consideram-se “apodrecido” quando aparecem à superfície do líquido pequenas larvas. Procede-se então a filtragem da anilina com o auxílio de um tecido compacto ou de um “filtro” de feitio afunilado, feito em bambu, contendo uma camada de areia, que impede a passagem dos resíduos da folhagem ou dos pequenos pedaços de hastes da planta. Ao líquido assim obtido, misturam-se as cinzas de purgueira⁵² ou de bananeira em proporção do anil desfeito, isto com a finalidade de fixar convenientemente a cor.

Durante esse processo de decomposição da tinta o tintureiro, ou tintureira, ia fazendo a “prova” de qualidade mexendo a tinta com um pau branco (pau de purgueira descascada) até que o pau fique bem tingido ou então levando à boca pingos de líquido para se certificar da sua qualidade. Uma vez encontrado o ponto ótimo da anilina, inicia-se o processo de tingidura, mergulhando no preparado os panos inteiros, as tiras ou

⁵¹CHELMICK, José Conrado Carlos de, & VARNHAGEM, Francisco Adolfo. (1841). *Corografia Cabo-verdiana: Descrição Geográfica - História da Província das Ilhas de C. Verde e Guiné*, Tomo II. Lisboa. Tipografia de L.C. da Cunha, pp. 12-14.

⁵² Um arbusto que também existe em grande quantidade no arquipélago.

apenas a meada, consoante as conveniências. Depois de bem mergulhados na tinta, tiram-nos para fora, sendo os panos e as tiras bem abertos para receber ar. Depois são postos ao sol para secar.

Em consequência da introdução do anil sintético, importado da Europa, a partir da segunda metade do século XIX, o anil vegetal perdeu gradualmente a sua importância económica.

Todavia, ainda hoje em muitos setores da costa africana, o anil vegetal continua a ser produzido e usado. Em Cabo Verde ainda nascem espontaneamente em escassa quantidade.

3- Especialização da tecelagem

3. 1. O tecelão

Sabe-se que o arquipélago de Cabo Verde foi povoado na sua maioria por africanos pertencentes a diferentes grupos étnicos⁵³, trazendo consigo seus hábitos e costumes. De entre eles destacaram os Jalofos, Mandingas, Banhuns, Cassangas e Papeis, que nos finais do século XV e inícios do seguinte eram considerados, no litoral do continente fronteiro a Cabo Verde, excelentes tecelões da fibra do algodão e hábeis manejadores de teares⁵⁴.

Daí concluiu-se que provavelmente os primeiros tecelões das ilhas pertenciam a esses grupos étnicos. Em cada grupo de escravos trazidos para as ilhas, encontrava-se um apreciável número de tecelões com longa prática desta atividade. A difusão dos instrumentos e das técnicas de tecelagem partiu, do continente africano para as ilhas e de oriente para ocidente.

Para a realização do processo de confecção de panos, mantas colchas xailes, havia a divisão sexual do trabalho. O cultivo do algodão e do anil, as suas colheitas, a limpeza, a cardagem, a fiação da fibra e a preparação das anilinas constituem atividades próprias

⁵³ A maioria proveniente da região da costa da Guiné que ia desde a margem sul do rio Senegal ao rio Orange no limite norte da Serra Leoa..

⁵⁴ Carreira diz-nos [na sua obra *Formação e Extinção de Uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)*, 2ª edição, Lisboa. Instituto Cabo-verdiano do livro, p. 321], que entraram em Cabo Verde vinte e sete grupos étnicos e alguns subgrupos. De entre eles, os Jalofos, Mandingas, Banhuns, Cassangas e Papeis eram considerados excelentes tecelões.

da mulher (escrava); ao homem, cabia a distensão do fio para a urdidura, a montagem dos liços, a determinação do desenho que devia servir de ornato das bandas, a confecção das lançadeiras, a dos pedais, a dos órgãos essenciais, a montagem e a armação do tear.

É difícil calcular o número de tecelões existentes nessa época. Contudo, pode-se constatar que, tendo existido uma importante indústria de tecelagem provavelmente existiu paralelamente um elevado número de tecelões. O número deles diminuiu gradualmente com o movimento de libertação de escravos, com a situação económica e social das ilhas, entre outras razões.

Segundo o recenseamento populacional de 1900⁵⁵, nesse ano existiam no Fogo 160 tecelões, 2 em Santiago, 9 em S. Nicolau e apenas 1 na Boa Vista, obviamente todos homens livres. Com esses dados pode-se concluir que a tecelagem estava em plena decadência.

Hoje, o número de tecelões tende a aumentar com a formação de novos tecelões, nos concelhos de Tarrafal, Santa Catarina e S. Vicente.

3.2. Tear e acessórios

3.2.1- O tear

O tear cabo-verdiano pertence ao tipo de tear africano. Lopes de Lima citado por Carreira, diz que “os mandingas do sertão manufacturaram também panos, de que os teares e o método de tingidura serviram de modelo nas ilhas de Cabo Verde,⁵⁶ (...)”. Este autor quer evidenciar que o tear cabo-verdiano é descendente do tear mandinga, assim como o método de tingidura.

É composto por quatro estacas de madeira, implantadas no solo verticalmente e às quais se ligam duas traves longitudinais, onde correm as varas de suporte da roldana e dos liços, e as travessas transversais, eram colocadas a meia altura, sendo uma o enrolador e outra para correr a urdidura. Este funciona com a urdidura distendida horizontalmente.

⁵⁵ CARREIRA, António. (1983). Panaria Cabo-Verdiano Guineense (Aspectos históricos e socio-económicos) ... p. 79)

⁵⁶ Idem, p. 54

Fig. 15- Tear atual



Fotografia: Ana Levy- Outubro 2013.

Os primeiros teares fabricados e utilizados em Cabo verde eram caracterizados como sendo de construção frágil e fácil com um pente estreito, mas eficiente. Segundo Chelmicki⁵⁷, os teares depois de serem utilizados eram desarmados e serviam de lenha aos tecelões. Guardavam apenas o pente e a lançadeira considerados de construção mais delicada e difícil.

Hoje, ao lado de teares de estaca fixa coexistem teares mais aperfeiçoados, sólidos e duráveis. Este instrumento de trabalho é construído, quase sempre pelo próprio tecelão e revela em si muita originalidade, simplicidade e irregularidade.

3.2.2- Acessórios do tear

- **O pente** - é uma peça integrante do tear que serve para apertar o tecido. É constituído por uma armação em madeira com uma chanfradura a todo o comprimento onde se encaixam as puas ou dentes em tiras finas de ramo de coqueiro e as cordas de pressão feitas em agave (sisal). O pente deve ser relativamente pesado para melhor apertar o tecido. Tem tamanho variável. O comprimento útil varia de 13 a 22 cm, a distância entre os dentes é irregular deparando-se algumas com 91 dentes e outros com 120 a 130; cada dente leva 1 a 2 fios de linha. Os pentes destinados à confecção de mantas colchas e xailes são maiores.

⁵⁷CHELMICKI, José Conrado Carlos de, & VARNHAGEM, Francisco Adolfo. (1841). *Corografia Cabo-verdiana: Descrição Geográfica - História da Província das Ilhas de C. Verde e Guiné*, Tomo II. Lisboa. Tipografia de L.C. da Cunha.

Fig. 16- Pente para confecção de bandas de 40 cm de largura



Fotografia: Ana Levy- Outubro 2013.

- Os Liços servem para separar os fios de urdidura.

Há dois tipos de liços:

- Liços de pé ligado à roldana e pedais, que servem para abrir e fechar a urdidura de modo a fazerem passar a lançadeira com linha. São dois, uma para o pé direito e outra para o pé esquerdo.

- Liços de mão servem para “apanhar bichos” (desenhos). São vários em função do padrão que se pretende fazer. Para mudar o modelo do pano mudam-se também os liços de “apanhar bicho”.

Fig. 17- Liços



Fotografia: Ana Levy- Outubro 2013.

- **Pedais ou “pó de pé”**- para fazer subir e baixar os liços de pé de modo a permitir a passagem da lançadeira.

18- Pedais ligados aos liços de pé



Fotografia: Ana Levy- Outubro 2013.

- **Lançadeira** – feita de madeira bem polida. Assemelha-se a pequenos barcos com aproximadamente 20 cm de comprimento, tendo no centro uma cavidade longitudinal onde se introduz a canela com o fio de trama.

Fig. 19- Lançadeira



Fotografia: Ana Levy- Outubro 2013.

- **Canela** – uma pequena cana de bambu que atravessada por um arame é introduzida na lançadeira, permitindo que o fio de trama se vá desenrolando à medida que se vai tecendo.

Fig. 20- Canela com o fio de trama



Fig. 21- Lançadeira com canela



Fotografia: Ana Levy- Outubro 2013.

- **Roldana ou “Rolé”** - roda por onde passa o fio que liga os liços aos pedais e que permite a movimentação dos liços e pedais.

-**Pó de base** - por onde corre a urdidura.

-**Tábua bitcho** - em forma de uma faca e serve para apanhar bichos (debuxo).

- **Pó de dobra ou enrolador** – para aguentar ou enrolar o tecido.

- **Cururú** – é a designação da forquilha de madeira onde se segura a urdidura distendida para tecer. Sobre esta peça é colocada uma pedra com peso suficiente para permitir o deslocamento lento por arrasto enquanto se tece.

Fig. 22- Cururú



Fotografia: Ana Levy- Outubro 2013.

3. 3. Técnicas de tecelagem

3.3.1. Preparação artesanal da fibra têxtil e sua tingidura

Esta etapa é quase exclusiva das mulheres. Antigamente as mulheres que pretendiam encomendar um pano preparavam a linha e levavam ao tecelão para tecer.

1. Recolhido o algodão é preciso retirar-lhe as sementes com auxílio da “pedra de limpa cu pó”, instrumento de madeira em forma de paralelepípedo, de face lisa, acompanhado de um pau roliço que rolando sobre uma pedra chata elimina as sementes.

2. Se o algodão estiver com muitas impurezas é necessário fazer a limpeza com a ajuda de um instrumento simples e elementar em forma de arco de flecha com um cordel tenso unindo as extremidades do pau que é flexível. Esse instrumento é conhecido por “pó di tuco tuco”.

3. Limpo das sementes e da sujidade as cardadeiras vão alisar o algodão escovando-o até ficar com um aspeto roliço, leve como uma nuvem, esbranquiçada, translúcida. Esta operação é feita com auxílio de um par de cardas, instrumento de madeira com dentes de ferro. O algodão cardado chama-se “nambo”.

4. Para transformar o algodão em fio utiliza-se o fuso, mais conhecido por “guitcho”. Na sua extremidade superior afiada coloca-se a “nuvem” roliça do algodão ou lã e faz-se com que este opere rotações consecutivas. Com esse movimento vai-se torcendo o nambo até chegar à espessura desejada do fio. Fiar algodão pode ser em fino – “falé di dedo” ou, a grosso. A espessura do fio depende do tamanho do “guitcho” utilizado.

5. O algodão fiado é posto em forma de meada utilizando a urdideira, instrumento de carriço o qual se segura pela mão, enquanto se anda de um lado para o outro urdindo os fios. É constituído por uma vara vertical e duas horizontais, fazendo estas, uma espécie de dupla cruz com a primeira. Serve também para colocar a meada de trama. Na falta da urdideira, serve-se das pernas de qualquer banco (“mucho”) invertido ou o espaldar de uma cadeira. A meada pode ser usada nas suas cores naturais - branca e amarela “lantidjado” ou então tingida.

6. Tendo a linha em meada, procede-se à tingidura. A meada é mergulhada na tinta já preparada, durante o dia amassando-a com a mão. No dia seguinte coloca-se a meada ao sol a enxugar. Esta operação é repetida durante vários dias até que a linha tome a tonalidade desejada. Com a linha tingida em azul ou preto tecem-na com a branca para formarem panos matizados.

Quando se trata da tingidura de panos ou bandas já confeccionadas estas são mergulhadas, na tinta e tendo-as bem ensopadas, tiram-nas fora, abrem-nas para receberem ar e depois são colocadas ao sol.

7. A meada de cor natural ou tingida é bobinada em canelas com auxílio de um instrumento chamado “pó di baza”. Para colocar a linha na canela põe-se um ou dois bancos de pés para o ar de modo a poder esticar a meada, ou então senta-se no chão, põe-se a meada entre os dedos dos pés e afasta-se as pernas de modo que ela fique bem

esticada e com o “pó di baza” enrola a linha na canela. As canelas com linha serão colocadas na lançadeira pelos tecelões.

Esse tipo de trabalho era feito essencialmente por mulheres.

3. 3. 2- Confeção do tecido

Depois de preparado o algodão seguindo todas as etapas já apontadas, o tecelão entra em ação.

O tecelão vai armar a urdidura no tear estendendo os fios e suspendendo uma das suas extremidades no cururú. A outra extremidade é passada nos liços e no pente e é amarrado no “pó de dobra” de modo que a urdidura fique bem esticada.

Tendo as canelas com linha vai-se formando a trama mediante o levantamento lateral dos fios da teia por meio de uma espátula (o separador) permitindo assim a interposição dos fios para a sua formação.

Depois de armar a urdidura e a trama o tecelão vai-se servindo delas para confeccionar o tecido abrindo alternadamente a urdidura com os pés de modo a fazer passar a lançadeira com linha. O tecelão vai formando desenhos como estrelas de várias pontas, figuras geométricas, etc.

Estando as bandas prontas o tecelão junta-as lateralmente, no sentido de maior comprimento e ponteia-as de maneira a ficarem coincidentes, costurando-as uma às outras e torcendo o cadilho para preservar a integridade do tecido. Esta última operação constitui tarefa exclusiva das mulheres.

CAPÍTULO III - O PANO DE TERRA: DENOMINAÇÕES, IMPORTÂNCIA E UTILIZAÇÃO

Antes de mais, é necessário explicar o termo “pano de terra”. Para isso, começa-se por explicar o vocábulo pano.

É de salientar que, este vocábulo em África tem um significado diferente do usado na Europa. Para os europeus, pano significa tecido feito de fio de linho, lã, seda ou algodão⁵⁸. E, para os africanos, pano constitui uma peça de vestuário usado para envolver o corpo; tem a forma retangular, é formado por conjunto de bandas, faixas ou tiras (normalmente 6) de largura e comprimento variáveis unidas entre si no sentido do maior comprimento pela costura das ourelas de uma faixa a outra.

“Pano de terra” é a expressão usada para identificar panos de vestir confeccionados de forma artesanal em Cabo Verde.

Geralmente um pano é formado por seis faixas ou bandas, de largura entre 14 a 20 cm e aproximadamente 1,74 a 1,90m de comprimento, sendo a largura total do pano depois de unidas as várias faixas ou bandas de aproximadamente 1 metro. No entanto, podem-se encontrar panos formados por 3 bandas de 26 a 40 cm de largura e de 150 cm a 180 cm de comprimento.

O tipo, o preço e a denominação de cada pano variam conforme o padrão, (mais simples ou mais trabalhado) e o tipo de linha utilizado.

O pano de terra carece de um tratamento especial para preservar a sua integridade. Um desses cuidados consiste na sua lavagem.

Para lavar o pano existem pessoas especializadas. Para isso, o pano é mergulhado em água limpa; põe-se-lhe o sabão somente nas partes em branco esfregando-os com as unhas, até ficarem completamente limpas. Depois alisa-se com as mãos e põe-se a enxugar num lugar onde não há sol. Esta tarefa é feita, de preferência, nas ribeiras com o pano todo aberto para evitar a sobreposição das partes brancas e das tingidas.

⁵⁸ www.dicionarioweb.com.br/pano.html consultada em Março 2013

Atualmente, a produção de pano é uma atividade quase que exclusiva da ilha de Santiago, mais concretamente do interior da ilha.

1-Tipos de pano

Desde muito cedo se criaram denominações para identificar cada tipo de pano de vestir. Os nomes do pano dependiam da sua origem, tipo de confeção, motivos decorativos e modo de uso.

Antigamente, os panos de algodão ou de algodão e retrós eram agrupados segundo o trabalho exigido na confeção das bandas, o conseqüente o seu valor artístico, e o tipo de fio utilizado na tecelagem, em duas grandes categorias:⁵⁹

- Panos simples ou singelos
- Panos d'obra

1.1-Panos simples ou singelos

São assim considerados, os formados por bandas em branco (cor natural do tecido) ou apenas tingidas em qualquer cor; e ainda os formados por bandas tecidas com limitados lavores, de tipo linear (simples) e cuja feitura não exige grande especialização técnica.

Nesta categoria destaca-se:

- **Berefula ou baracula**⁶⁰ - eram os panos listrados de riscas azuis (claras ou escuras) e brancas de um fio muito grosso e muito mal trabalhados.

Este tipo de pano serviu de moeda corrente e com ele se pagavam os dízimos e outros impostos, as multas, o pré dos soldados e o vencimento dos “filhos da folha”, as despesas dos restauros das fortalezas e igrejas, etc. Desempenhou um papel muito importante na permuta de escravos e de outros géneros na costa da Guiné.

Mais tarde essa designação foi substituída por ordinários (grosseiro, de má confeção), bocui ou de lei⁶¹.

⁵⁹O produto da tecelagem era também agrupado segundo o seu valor comercial e artístico em: panos grossos, panos de tecidos finos e panos ricos.

⁶⁰O termo berefula é de origem Mandinga composta por Bara, medida aferida com o braço e dedos esquerdos distendidos, até ao ombro direito + (mais) o cardinal dois; isto é, duas vezes a medida ou se quisermos «duas braças»(in CARREIRA, António. (1983). Panaria Cabo-Verdiano-Guineense (Aspectos históricos e socio-económicos)... p.107/108.)

⁶¹Essa designação derivou do fato de uma provisão régia haver fixado o preço para a sua comercialização.

- **Pretos** - Os que eram feitos de um azul ferrete, escuro obtido através do prolongamento do banho em anil bem carregado. Os panos eram confeccionados em todas as ilhas. No entanto, Santo Antão, Santiago e Fogo eram os maiores produtores.

- **Listra ou lista de fora** – panos idênticos aos ordinários mas confeccionados com fios ligeiramente mais finos e mais “cochado” (apertado). Eram tingidos de azul ou preto, formando listas largas alternadas com branco. Quando na confeção da banda entrava retrós a cores ou fio de algodão na formação dos desenhos, o pano passava para a categoria de pano d’obra e passava a chamar-se **Listra de fora d’obra**.

- **Agulha** – panos constituídos por bandas de tecidos em branco e depois tintas em azul claro ou a vermelho.

- **Gallan**⁶², **galão ou galã** – panos feitos em algodão tingido, de grandes barras e de fundo azul-escuro com riscas brancas ou azul claro, dito galan. Por vezes, eram guarnecidos de rendas nas ourelas passando a ser designados galan de renda. Eram considerados de boa qualidade e usados pelas mulheres em substituição do xaile.

Havia ainda outras designações como: Gulluzan ou golosan, Jugulados, Else, Sor, Dampé, Sakes, além de outras que possivelmente poderiam ter existido.

Segundo Carreira⁶³ essas denominações perderam-se com o tempo e com as transformações económico-sociais, ao serem produzidos outros padrões mais ao gosto de cada época ou para satisfazer exigências do comércio. Pouco a pouco as denominações novas foram substituindo as antigas.

1.2- Panos d’obra

Eram assim conhecidos, todos os panos formados por bandas feitas no tear, “de complexos labores (definidos indistintamente por ornato em relevo, a técnica de brocado ou float...)”⁶⁴. Empregavam só linha de algodão, ou linha de algodão e de seda de diversas cores. Os motivos baseavam-se em desenhos geométricos ou figuras,

⁶²Esta denominação deve-se ao fato de este tipo de pano ser inicialmente confeccionado na região de Galam, situada na confluência do rio Senegal com o Felemé, próximo a Bakel. (in CARREIRA, 1983e, p. 114).

⁶³CARREIRA, António. (1983). *Panaria Cabo-verdiano-Guineense (Aspectos históricos e socio-económicos)*. 2ª Edição, Lisboa. Instituto cabo-verdiano do livro, p. 107.

⁶⁴Idem, p. 119.

objetos, números, símbolos como a cruz de Cristo, estrelas de várias pontas, rosáceas e outros.

A tecelagem de panos desta categoria é difícil e exige muito trabalho e especialização técnica o que o torna mais caro. Segundo Carreira, citando Feijó⁶⁵, “conforme o seu obrado ou trabalho, assim se determinava a espécie, pois a diversidade dos labores concorria também a fazer o seu valor intrínseco no comércio. “ Era considerado de luxo ou de “ronco”.

Carreira⁶⁶ atribui aos portugueses a introdução na tecelagem cabo-verdiana, da técnica de desenhos geométricos de estilo muçulmano, em labores, para o que se teriam inspirado na padronagem de tecidos hispano-mouriscos trazidos pelos árabes para a península e depois levada pelos portugueses nas mercadorias destinadas ao escambo na costa ocidental;

O aparecimento dos panos d’obra nos mercados de escravos e de géneros ricos fez mudar radicalmente as preferências dos compradores e dos consumidores. Por essa razão, o pano d’obra era muito procurado pelos estrangeiros.

Nesta categoria encontram-se as seguintes denominações:

- **Bicho simples** – era o tecido em liso nas cores, vermelha, amarela e verde.
- **Bicho Cortado** – Aquele cujo fio era grosso e os labores com desenhos diversos, todos as cores. Quando apresenta labores em relevo à roda são chamados pano de bicho.
- **Boca⁶⁷ Branca** – Aquele cujo fio era fino e bem cochado, feito a preto e branco ou a cores com labores, formando os desenhos uma faixa branca nas margens no sentido transversal.
- **Oxô⁶⁸ ou pano de vestir** – designação dada ao pano d’obra completamente cobertos de lavor, feitos com fio de algodão preto e branco ou a cores, em linha de seda. Estes panos eram geralmente utilizados por mulheres em dias santos, nas festas solenes, nas

⁶⁵ Idem, p.120.

⁶⁶ Idem, p. 207.

⁶⁷ Boca – palavra crioula que significa cercadura e daí a designação boca branca.

⁶⁸ Corresponde ao vocábulo Mandinga Nhantchô que significa fidalgo, nobre, fino.

visitas de receção a hóspedes de cerimónia, à chegada dos governantes e gente grada. Era vestimenta nobre, fidalga.

Estas denominações antigas estão hoje, quase na totalidade esquecidas em Cabo Verde e foram substituídas pela designação pano d’obra simples que corresponde ao antigo pano simples ou singelo.

Hoje, destacam-se duas categorias de pano:

-Pano chã – aquele que é formado por bandas, todas de técnica elementar em que predomina o fundo azul ou preto, com barras longitudinais e transversais de cor brancas. É um pano simples, de fácil fabrico e conseqüentemente mais barato. É um pano vulgar do pobre ou remediado.

- Pano d’obra

No entender de António Carreira⁶⁹, “em Santiago o chamado pano d’obra não possui já nenhuma das denominações consagradas. É um tipo de pano que raramente se encontra hoje, a não ser em poder de um ou outro indivíduo mais abastado. Deve-se isso ao seu elevado custo, perante o baixo nível de vida das gentes na zona rural. Foi, como se disse, substituído por um pano simples singelo, mas, como nos casos de “pobreza envergonhada”, toma o nome de pano d’obra simples. Puro eufemismo. No fundo, ele corresponde em tipo ao antigo pano singelo”.

Conclui-se que o pano d’obra que hoje é usado corresponde ao antigo pano singelo e é confeccionado na maior parte das vezes com linha de fabrico industrial importada de Dakar ou Brasil. É feito, na maioria dos casos, nas cores preto e branco ou azul e branco, com poucos desenhos, todos eles do tipo linear e monótono. Ainda, a respeito do pano d’obra, Carreira⁷⁰ refere que “o pano d’obra com lavores é invendável. Com o pequeno poder de compra do nativo, a preferência pende forçosamente, para o simples e barato. O tecido deste tipo de pano é de fraca textura em comparação com o dos panos antigos”.

⁶⁹ Idem, p. 128.

⁷⁰ Idem, p. 129.

A respeito da qualidade do pano constata-se que, os panos de algodão em comparação com os feitos de meada de fabrico industrial são de melhor qualidade, pois podem ser usados por muito mais tempo, e conservam o seu brilho inicial.

O próprio tecelão Henrique Sanches Ribeiro⁷¹ reconhece que a qualidade dos panos feitos de linha importada é muito inferior dos feitos de algodão local. Como referiu na entrevista que lhe foi feita: “... no entanto, faço pano tipo d’obra com linha importada para torná-lo mais acessível ao bolso dos clientes. Fazer pano d’obra com linha de algodão puro fica muito caro, por volta de 25 ou 30 mil escudos o que fica caro para a nossa realidade. Além disso não há algodão e tinta natural suficiente para cobrir a toda a produção. Só faço pano de algodão natural por encomenda. Guardo sempre linha de algodão local e pães de tinta pronto para serem usados caso houver alguma encomenda”⁷².

Atualmente, não há grande rigor na atribuição do nome dado aos panos. As denominações nem sempre têm alguma relação com o padrão do pano, podendo depender da região, dos que o usam, dos tecelões, etc.

Um tecelão pode criar um padrão do pano e atribuir-lhe um nome relacionado com alguma coisa da sua vida, acontecimentos do dia-a-dia, etc.

Atualmente, os panos recebem as seguintes nomes⁷³:

- **Pano d’obra bicho boca bicho** - a designação bicho aplica-se quando existe um conjunto de desenhos em relevo com alguma semelhança real ou puramente ideal, com a pele de algum bicho.

- **Pano d’obra bicho boca fásca** – sem explicação

- **Nova Estrela** - É um novo padrão que tem um novo tipo de estrelas no desenho das faixas;

- **Independência** – porque tem estrelas parecidas com as estrelas da nossa bandeira, provavelmente criado na época da independência;

- **Centenário**- Provavelmente para comemorar 100 anos;

- **Dente rato** - Chamado assim por ter desenhos semelhantes aos dentes do rato.

⁷¹Tecelão de 42 anos de idade, natural do conselho de Santa Catarina, aprendeu a tecer com o tio (já falecido) desde 17 anos. Já participou em exposições em galerias e feiras em diversos países como: Itália, França, Holanda, Luxemburgo e China.

⁷² Entrevista realizada em Agosto de 2012. Ver o Anexo nº 1.

⁷³ Ver algumas fotos no catálogo no Anexo nº 5.

- **Ferro Gaita**- sem explicação
- **Roda Spora** – Chamado assim porque tem uma figura que assemelha a uma espora de cavalo.
- **Novo dinheiro**- porque surgiu na época em que, em Cabo verde foram criadas novas notas em Cabo Verde.
- **Novo Mundo** - chamado assim por ser um pano que pertence ao mundo novo, isto é, um pano moderno.
- **Rabecindade** - sem explicação
- **Verso Nobo**- Novo padrão de pano (nova versão).
- **Craveiro Lopes** – que foi criado em 1955 pelo tecelão Arlindo Almada em homenagem ao marechal, então chefe de Estado, aquando da sua visita ao arquipélago.⁷⁴
- **Cinco liço**- utilizam-se cinco liços na sua confeção.
- **Sete liço**- utilizam-se sete liços na sua confeção.
- **Tchocotinha**⁷⁵ - é um pano simples, com muitas repetições em que utilizam apenas 4 liços para a sua confeção.

2- Importância do pano de terra na economia de Cabo Verde

A panaria cabo-verdiana desempenhou um papel de relevo na economia das ilhas, constituindo durante séculos (de 1510 ao segundo quartel do século XIX) mercadoria base para a aquisição de escravos.

Em Cabo verde, a confeção do pano de terra era uma atividade doméstica normal tanto nas casas do meio rural como nos quintais das residências dos grandes senhores, nas vilas e povoados. Nas fazendas agrícolas, encontravam-se pequenas oficinas com dezenas de teares montados e muitos escravos tecelões. Confeccionavam panos para a vestimenta da população livre, para o uso dos escravos e para a venda ou permuta no continente africano.

É de salientar que, o mercado interno de panos absorvia uma pequena parte da produção local de panos. A parte substancial era exportada para Guiné onde era permutada por escravos e outras mercadorias.

⁷⁴ Idem, p. 129.

⁷⁵ Palavra crioula que deriva do termo Chacota.

A primeira referência da sua exportação vem na carta de Dezembro de 1517 enviada pelo juiz de residência da ilha de Santo Domingos, Alonso Zuaro, ao Monsenhor De Xevres. Diz a carta:

“Hay necesidad ansimismo que vengan negros esclavos como escribo a su Alteza /... / mas que hacerle saber que es cosa muy necesario mandando los traer, que donde esta isla partan los navios para Sevilha donde se compre el rescate que fuere necesario, ainsi como paños de diversos colores com otras cosas de rescate que se use em Cabo Verde donde se han de traer com licencia del Rey de Portugal, e que por el dicho rescate vayan allí los navios e trayan todos los negros e negros que pudieren haber, bozales de edad de quince, o diez e ocho o viente años, e hacerse han esta isla a nuestras costumbres, e ponerse han en pueblos donde estarán casados com sus mugeres; sobrellevarse ha el trabajo de los indios, sacarse há infinito oro. Es tierra esta la major que hay en el mundo para los negros”⁷⁶.

As estimativas oficiais e particulares sobre a produção ou exportação de panos na época são poucas e díspares. Por essa razão será difícil calcular o volume das exportações e muito menos, o do consumo interno de panos de vestir.

Nos finais do século XVIII Feijó estimava a exportação anual entre 4 a 5000 panos, sem contar com os panos que saíram por via ilegal através das transações que se faziam com os estrangeiros. É claro que esse número podia ser maior se não fosse o contrabando feito especialmente pelos ingleses. Por isso, só é possível determinar as quantidades saídas por via legal durante o período da companhia do Grão Pará e o período que vai de 1797 a 1803.

Durante os 25 anos de atividade da Companhia do Grão Pará e Maranhão⁷⁷ foi registada um total de 131 371 panos exportados para Bissau, Cacheu e Serra Leoa, o que

⁷⁶CARREIRA, António. (1983). *Documentos para a História de Cabo Verde e «Rios de Guiné»*, edição fac-similada, Lisboa.

⁷⁷É uma companhia por ações, de «privilégio exclusivo» da navegação e comércio entre a costa africana e o Pará e Maranhão, criada por Alvará de 7 de Junho de 1755.

corresponde ao valor total aproximadamente 313 contos de réis.⁷⁸ Pode-se dizer que, durante a vigência do monopólio só a companhia exportou em média 5000 a 6000 panos por ano, o que mostra a importância do artesanato de panos nas ilhas.

No tocante ao período que vai de 1797 a 1803 foi registada um total de 23 229 panos de tecelagem cabo-verdiana com o valor global de 32 088\$415 réis. A média anual das exportações foi de 3 318 panos⁷⁹. Dos panos exportados nesse período só 150 foram expedidos para Lisboa.

No início da colonização, os estrangeiros compravam com moeda metálica. Mas, mais tarde, a moeda quase desapareceu a favor da permuta, sistema que predominou nas ilhas durante muito tempo, não só nas trocas entre os habitantes, mas também entre estes e os estrangeiros. Com a escassez da moeda nas ilhas, os panos, a partir de uma certa época começaram a desempenhar o papel de moeda.

Tem havido uma certa dificuldade, por carência de documentação, em determinar com rigor, o período em que o pano de terra começou a ser utilizado como moeda corrente. António Carreira⁸⁰ situa-o entre 1500 a 1520, isto é, cerca de 40 a 60 anos após o achamento das ilhas.

A panaria cabo-verdiana era preferida no continente, o que a tornou desde os alvares do tráfico até a sua extinção a mercadoria essencial para a obtenção de escravos e de produtos considerados ricos. Como já se referiu, a base das transações era a permuta de bens de consumo e mesmo de artigos supérfluos, por géneros africanos e escravos. Foi isso, uma consequência do desconhecimento por parte dos africanos da função e do valor do dinheiro⁸¹. Daí, o papel de moeda de troca desempenhado durante séculos por panos de algodão e outros produtos como o sal, a cola, o ouro, o algodão, etc.

⁷⁸ Ver o quadro no Anexo nº 2.

⁷⁹ Esses valores correspondem somente às saídas pelo porto da Praia. Ver CARREIRA (1983e, p.166/167).

⁸⁰ CARREIRA, António. (1983). *Documentos para a História de Cabo Verde e «Rios de Guiné»*, edição fac-similada. Lisboa.

⁸¹ CARREIRA, António. (1973). *A Urzela e o pano de Vestir – dois produtos de Exportação das Ilhas de Cabo Verde*, Praia.

Esta preferência dada à panaria cabo-verdiana e à “roupa alta de Santiago” deve-se ao facto de os panos do continente, em regra compostos por bandas brancas, lisas sem ornatos, ou quando muito de tingidura rudimentar, serem considerados extremamente pobres, monótonos e inexpressivos; enquanto o pano cabo-verdiano encantava os comerciantes pela variedade de ornatos, boa textura e ótima qualidade do tecido. Sendo assim – diz Carreira⁸² – Muitas vezes quem não tivesse pano das ilhas dificilmente adquiriria escravos.

O comércio de panos segundo a lei cabo-verdiana era privativo dos portugueses e era aplicada a pena capital e de confiscação de bens aos transgressores que o vendiam a estrangeiros. Estes necessitavam dos panos de Cabo Verde, mercadoria essencial para o resgate com a costa africana, e pagavam altos preços pelos panos, logo havia um incitamento a contrabando. Por outro lado, a rede dos lançados⁸³ instalada no litoral africano desde muito cedo, por si só constituía uma base de venda dos panos de Cabo Verde aos estrangeiros.

O contrabando prejudicava grandemente o negócio dos moradores que possuíam licença para o praticarem e conseqüentemente a própria coroa portuguesa.

Para tentar remediar essa situação foi promulgada um alvará em forma de lei a 23 de Janeiro de 1687⁸⁴ que dizia o seguinte:

“Hei por bem proibir que se não possam vender a estrangeiros os panos e roupas que se fazem nas ilhas de Cabo Verde, e que todos aqueles meus vassallos, que nas mesmas ilhas e nas costas de Guiné tiverem este comércio ou qualquer outro com estrangeiros, por si ou por interpostas pessoas incorrerão em pena de morte e que esta se execute sendo achados no dito comércio, ou provando-se contra eles tão claramente que se não possa duvidar de sua culpa, admitindo-se para este efeito denúncias ainda que sejam dos cúmplices, ...”⁸⁵

⁸²CARREIRA, António. (1983). *Panaria Cabo-Verdiano – Guineense (Aspectos históricos e sócio-económicos)* ... p.29

⁸³ Lançados são todos os cristãos que se instalaram nos rios e portos africanos a comerciar sem licença régia. Surgiram em consequência da publicação de uma série de leis proibitivas relacionadas com o comércio na costa.

⁸⁴ Registado no livro corrente da alfândega da cidade de R. Grande, as fls. 40v e 41.

⁸⁵ BALENO, Ilídio Cabral. (2002). «*Reconversão do Comércio Externo em Tempo de Crise e o Impacto da Companhia de Grão Pará e Maranhão*» in *História Geral de Cabo Verde*, coord. Maria Emília Madeira Santos. Vol. III. Coimbra: Instituto de investigação científica e tropical e Instituto Nacional de investigação, promoção e património culturais de C. Verde, p.184.

Esta lei foi recomendada numa carta régia de 13 de Março de 1700. Ainda no alvará de 28 de Outubro de 1721 foi lembrado que a transgressão seria punida com pena capital. É de ressaltar que, estas e outras medidas proibitivas que se seguiram, não produziram os efeitos desejáveis. O contrabando atenuava-se em certos períodos, consoante a maior ou menor fiscalização ou mesmo por razões não esclarecidas. Voltava a recrudescer quando aumentava a procura por parte dos estrangeiros.

Para avaliar a importância que o pano de terra representava para os negócios, transcreve-se um extrato de uma carta de 18 de Junho de 1760 endereçada à junta de administração em Lisboa, pelo seu representante em Santiago:

“A venda de panos faz-se com um lucro de 100%. Na forma das ordens de V.M. compramos ao Reverendo Mestre-escola, Bernardo Roiz Pereira, nesta ilha, 299 panos de algodão que eram pertencentes a José Afonso Lima, morador nesta côrte, das qualidades e preços seguintes: 203 ordinários a 800 réis; 30 de vestir e Agulha a 800 réis; 3 de vestir e Agulha melhores, a 1\$000; 62 de Bixo, a 1\$800 e 1 de Obra, a 2\$500 réis, os quais pagamos em dinheiro corrente”⁸⁶.

Durante o governo Filipino, tanto o comércio de víveres como o negreiro enfraqueceram. Com o desvio da rota de comércio os navios deixaram de passar pelas ilhas cabo-verdianas. Assim, Santiago perdeu a posição de entreposto de exportação de escravos e conseqüentemente deu-se a decadência do comércio de panos.

Segundo os artesãos entrevistados, o comércio do pano, é hoje, uma atividade lucrativa, isso, apesar das dificuldades do mercado, relativamente ao escoamento do produto. Considerando a instabilidade do mercado nacional, os tecelões são obrigados a exercerem uma outra atividade paralela à da tecelagem.

Conclui-se que atualmente, os panos são mais procurados por faixas ou bandas, pelos turistas, emigrantes em férias e pelos artesãos que trabalham com o pano de terra. O pano composto por seis bandas é mais procurado no interior de Santiago por mulheres que usam pano.

⁸⁶CARREIRA, António. (1983). *Panaria Cabo-Verdiano – Guineense (aspectos históricos e sócio-económicos)* ... p.150-51.

Em relação aos preços praticados, para muitos nacionais, esses panos são vendidos a um preço elevado, apresentando-se como argumento a capacidade financeira da maioria das pessoas, não deixando mesmo assim, de ser apreciado por grande maioria dos cabo-verdianos.

3- Estatuto sociocultural do pano de terra

O pano desempenhou um papel de relevo na vida económica, social e simbólica dos cabo-verdianos. Serviu de vestimenta da mulher cabo-verdiana à moda da Guiné, em substituição da saia ou vestido e só mais tarde (início do séc. XX) passou a ser utilizado como complemento do vestuário.

Nos casamentos, batizados, missas, procissões e funerais, visitas de cortesia e receções, as mulheres exibiam os diferentes tipos de pano. O tipo de pano usado indicava o estatuto social da mulher.

Desempenhou ainda, papel importante no amortalhamento dos cadáveres. Estes eram enrolados em vários panos de diferentes tipos e denominação. Os que ficavam em contacto direto com o corpo eram mais compridos e de cor natural (branco ou amarelo). Os restantes eram em geral panos d'obra, dos melhores e mais caros que a família possuísse. A qualidade e quantidade de pano utilizado no amortalhamento definem a posição social do defunto.

Nos casamentos a mãe ou madrinha dos noivos ofertavam pano d'obra à noiva porque é um produto de grande valor económico, afetivo e utilitário, pois servia não só de recordação mas também servia de enxoval para os filhos que os noivos poderiam ter depois de casados.

Para demonstrar a importância do pano na sociedade cabo-verdiana é importante deixar uma transcrição de um extrato da conversa com um dos entrevistados.

“Ter um pano de terra e, sobretudo, um pano d'obra era considerado um luxo e poucas pessoas o podiam comprar. E quando um homem saía acompanhado da sua esposa para visitar um familiar, e ela levava o filho

às costas segurada com um pano bicho e um outro pano d'obra amarrado na cintura seria motivo de grande orgulho para o marido”⁸⁷.

Esta transcrição mostra-nos que o pano é símbolo de riqueza para muitos e um estatuto social para quem o usa.

O pano era considerado um património familiar. Os mais velhos deixavam-no de herança aos filhos, netos ou afilhados por ser um bem de muita estimação e de elevado valor comercial. Esses hábitos praticamente desapareceram em Cabo Verde. No entanto, no interior da ilha de Santiago podemos encontrar algumas famílias que deixam os seus panos para os filhos.

4 - Uso do pano de terra em Cabo Verde (do século XV a princípios do século XX)

O hábito de vestir pano foi levado para Cabo Verde pelo escravo africano desde o início do povoamento, isto é, desde o século XV. No entanto, ainda no início do século XIX, Lucas de Senna citado por Carreira⁸⁸, ao descrever os costumes dos cabo-verdianos diz que:

“ o feminino não usa outro vestuário que dois destes panos, um amarrado pela cintura para os pés, outro solto em que embrulham o corpo indiferentemente traçado o cobrindo-o todo”.

Esta citação mostra como era usado o pano de vestir. Usaram-no ao ombro ou ao dorso, a envolver o busto passando-o de baixo do braço direito e a sobrepor uma das pontas no ombro esquerdo. O tipo de pano em questão foi conhecido por pano de lambu⁸⁹. Também era usado pelas mulheres para manterem as crianças pequenas ao dorso, sobre os rins fazendo com ele uma espécie de saco e as duas extremidades atadas no peito, ficando da criança apenas visíveis a cabeça e os pés. Neste caso toma a designação de pano de bambu⁹⁰.

Só nos começos do século passado (século XX) se operou uma mais rápida e radical transformação no tipo de vestuário cabo-verdiano, em especial no da mulher, evoluindo para a europeização. A mulher da classe social mais elevada vestia à moda europeia e

⁸⁷ Entrevista com o Sr. Ildo Lopes, 84 anos e residente em Santa Catarina, Agosto de 2012.

⁸⁸ Idem, p. 104

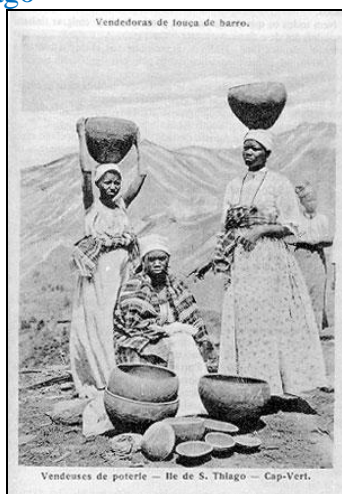
⁸⁹ Lambu e bambu derivam do mandinga bamburo, que significa “ trazer ao ombro” e “pôr às costas ou ao dorso”.

⁹⁰ Pano usado para transportar crianças às costas (“bambu menino” – forma africana clássica de transportar crianças de colo, pondo-as ao dorso e seguras por um pano de bambu ficando visíveis apenas a cabeça e os pés da criança) - ver a figuras 24 e 27.

sobre o ombro usava um xaile de origem estrangeira. Antes usavam panos de tecidos finos de confecção local. As mulheres de camada social mais desfavorecida usavam saia muito comprida e larga, com pregas na cintura, “blusa-mandrião”⁹¹ feita de tecido importado e, sobre a saia usavam o pano amarrado na cintura. Na cabeça usavam lenço de diversas cores com duas pontas caídas atrás e habitualmente andavam descalças⁹².

Pode-se concluir que havia uma ligação harmoniosa de elementos europeus e africanos no vestuário cabo-verdiano. Na segunda metade do séc. XX, apesar da evolução no traje da mulher cabo-verdiana, as mulheres do meio rural continuaram a usar o pano de terra como complemento do vestuário, como se pode verificar pelas fotografias.

Fig. 23- Mulheres do interior de Santiago



Fonte: <http://home.no/tabanka/pano1.htm> - consultado em Outubro de 2012.

Fig. 24- Mulher transportando menino às costas



Fonte: <http://home.no/tabanka/pano1.htm> - consultado em Outubro de 2012.

4.1- Uso do pano de terra na atualidade

4.1.1- Permanência do uso tradicional

A tradição do uso do pano de terra perdura ainda hoje no interior da ilha de Santiago, não como vestimenta clássica, como acontecia nos tempos antigos, e também já não serve de mortalha. Hoje, é usado pelas mulheres como complemento do vestuário, enrolado em volta da cintura. Normalmente são usados os padrões em que entra o branco, azul-escuro e o preto.

As figuras que se seguem mostram a forma tradicional de amarrar o pano na cintura.

⁹¹ Blusa de manga comprida, de punho com folhos colarinho subido, pregas no alto das mangas, apertadas á frente com botões.

⁹² Ver a foto no Anexo nº 3.

Fig. 25- Forma tradicional de usar pano



Fonte: <http://home.no/tabanka/pano1.htm> - consultado em Outubro de 2012.

Fig. 26- Forma tradicional de usar pano



Fotografia: Ana Levy- Agosto 2012.

As mulheres usam o pano em todas as ocasiões, sendo os d'obra reservados para ocasiões mais importantes - missas, visitas de pêsames, por se considerar produto de luxo.

As mulheres valorizam o pano de terra, e tratam-no de igual forma comparativamente às demais peças de vestuário. É importante deixar aqui uma transcrição das respostas que são comuns a maioria das entrevistadas:

“Uso pano porque é bonito (...) e para suster “madre”⁹³, sem ele não sou ninguém, sinto-me leve, nua e sem força. Quando uso pano sinto força para andar e para fazer todo tipo de trabalho. Gosto muito dele e faço esforço para adquirir vários padrões porque para além de servir para amarrar na cintura é um grande valor. Serve como pronto-socorro, se faltar dinheiro em casa posso vender um deles”⁹⁴.

Essa transcrição mostra a importância que o pano tem para a mulher santiaguense. Se para umas é um “reforço para trabalhar” e proteção uterina, para outras representa um estatuto social muito desejado e cobiçado.

Hoje, as jovens, raramente usam o pano de terra amarrado na cintura. Usam-no só quando realizam um trabalho pesado, durante os trabalhos do campo ou no mercado de sucupira⁹⁵ para melhor resguardar o corpo, para evitar a sujidade e para esconder o

⁹³ “madre” significa útero.

⁹⁴ Ver entrevista às mulheres no Anexo nº 1.

⁹⁵ Local onde se vende roupas.

bolso dos carteiristas. Nestes casos, elas usam na maioria das vezes a sulada⁹⁶ e o “ pano Djila”⁹⁷ que são mais baratos e mais propícios para os trabalhos do dia-a-dia.

Em casos menos frequentes o pano de terra é usado por mulheres que tiveram filhos há menos de 30 dias; este é enrolado da cintura para baixo para o resguardo do corpo.

Segundo algumas entrevistadas “era um luxo uma mulher ao sair do hospital com o seu bebé ao colo, estar vestida com um pano d’obra”⁹⁸. É também usado para manterem crianças às costas (bambu - fig.27), para proteger do frio (lambú- fig.28) e na dança (bataque e funaná) para apertar a cintura (fig.29).

Fig. 27- Mulher transportando menino às costas



Fotografia: Ana Levy- Agosto 2012

Fig. 28- Mulher com pano “Lambudo”



Fonte:<http://grenhaportfolio.files.wordpress.com/2010/01/brochura-cao.pdf> - consultado em Fev. de 2013

Fig. 29- Dança do bataque



Fonte:<http://noticias.sapo.cv/cultura/agenda/evento/1110940.html> – consultado em Fev. de 2013

⁹⁶Qualquer peça de tecido industrial importado com largura variável e comprimento entre 1,50m a 1,75m que é usado para apertar a cintura em substituição do pano de terra. Para preservar a integridade do tecido torcem o cadinho nas duas extremidades do pano.

⁹⁷Tecido industrial africano.

⁹⁸ Ver entrevista às mulheres no Anexo nº 1 .

No acompanhamento dos enterros o pano é dobrado e colocado à cabeça sobre o lenço (branco ou preto), por pessoas da família do defunto para identificar as pessoas de luto e limpam as lágrimas com as suas pontas.

4.1.2- Uso moderno do pano de terra

Hoje, as mulheres cabo-verdianas, na sua maioria, trajam à moda europeia.

O desenvolvimento dos meios de transportes e o avanço verificado nos meios de comunicação, sobretudo a televisão e revistas de moda, contribuíram para uma rápida difusão da moda estrangeira em Cabo Verde. Outro fator importante na difusão da moda estrangeira e, sobretudo, a moda europeia em Cabo Verde é a emigração. Sendo Cabo Verde um país de emigrantes, esses mandam roupas para os seus familiares e/ou voltando de férias levam a moda estrangeira que muito rapidamente é assimilada pela população.

Com a generalização do uso da moda europeia e a diminuição da produção de pano de terra, este, esteve durante muito tempo esquecido pela maioria da população. No entanto, a partir do ano 2000, o pano de terra começou a ser adaptado à moda internacional. Com este tecido passou-se a confeccionar modelos *fashion* com um toque tradicional, como roupas de gala, sapatos, cintos, bolsas de senhora, pastas para homens, gravatas e outros acessórios tanto para homens como para mulheres. Esta é a forma moderna que alguns estilistas e artesões cabo-verdianos encontraram de valorizar o pano de terra. O emprego do pano de terra na moda marca uma nova etapa na moda cabo-verdiana, contribuindo para o enriquecimento e a preservação da cultura cabo-verdiana.

A estilista e empresária no setor da moda, Fátima Almeida, trabalha com o pano desde 2001 e os seus produtos tiveram grande aceitação tanto dentro como fora do país. Já ganhou prémios internacionais em Inglaterra, Nova Iorque e Alemanha. Participou em vários desfiles, nomeadamente, no Castelo de Milão na Itália e em Espanha, onde representou Cabo Verde ficando entre os 10 primeiros classificados num total de 20 países concorrentes⁹⁹.

⁹⁹ in Boletim da Câmara de Comércio, Indústria e Serviços de Sotavento, nº9, Julho 2009, p. 7, Perfil Empresarial do mês de Julho - Fátima Almeida disponível no site: http://www.faroldacciss.org/index.php?option=com_content&view=article&id=181:perfil-empresarial-do-mes-de-julho-fatima-almeida&catid=90:entrevista&Itemid=185 - consultado em Dezembro de 2012.

Fig. 30: Desfile de moda da marca Fátima Almeida



Fonte: http://www.portalangop.co.ao/galeria_de_fotos/foto.jsp?uuid=c287fa74-97ec-45bb-bd9b-ba024b9a36b7 – consultado em Fevereiro 2013.

Sónia Tavares é outra estilista cabo-verdiana que trabalha com o pano de terra. Para além da Fátima Almeida e da Sónia Tavares, ainda outra marca que trabalha essencialmente com pano de terra e pano “djila” é a Strinka’s Terra¹⁰⁰. Confeciona vestidos e saias de várias cores e modelos, mas sempre com um detalhe em pano terra. As figuras que se seguem mostram alguns modelos modernos de vestuários e acessórios feitos com faixas de pano de terra.

Fig. 31- Vestuários femininos



Fonte: https://www.facebook.com/StrinkasTerra/photos_albums- consultado em Fev. de 2013.

¹⁰⁰ Disponível no site: <http://fotos.sapo.pt/mulhercv/albums/?aid=48> - consultado em Dezembro 2012.

Fig. 32- Acessórios de vestuário feminino



Fotografias: Ana levy- Agosto 2012

Fig. 33- Camisas com faixas de pano de terra



Fotografia: Ana Levy- Agosto 2012.

Acessórios do traje masculino

Fig.34- Chapéus



Fotografias: Ana Levy- Agosto 2012 e Nov. 2013



Fig.35- Gravata



Fotografia: Ana Levy- Agosto 2012

Fig. 36- Cinto, colar e pulseiras



Fotografia : Ana Levy Novembro 2013

Outro produto muito procurado é o sapato feito com pano de terra.

Os sapateiros usam faixas de panos de terra para fazer sandálias e chinelos de vários modelos e tamanhos. João Oliveira e Euclides Morreira¹⁰¹, sapateiros de profissão, começaram a trabalhar com pano a partir do ano 2000. Escolheram o pano como matéria-prima para a confecção dos sapatos porque acham que é um tecido bonito, que agrada os clientes e também porque faz parte da tradição de Cabo Verde.

Consideram que os seus produtos são muito apreciados e procurados tanto por nacionais como por estrangeiros e emigrantes, sendo os jovens, a faixa etária que mais procura estes sapatos.

¹⁰¹ Ver entrevistas aos artesãos no Anexo nº 1.

O preço varia consoante o modelo, de 1500 a 3000 escudos cabo-verdianos¹⁰². O produto tem boa saída no mercado, sobretudo, na época em que os emigrantes vão de férias e querem levar para presente alguma coisa “de terra”.

Fig.37- Sapatos feitos de pano de terra



Fotografias: Ana Levy- Novembro 2013

Fig.38- Sapateiro confeccionando sapatos de pano de terra



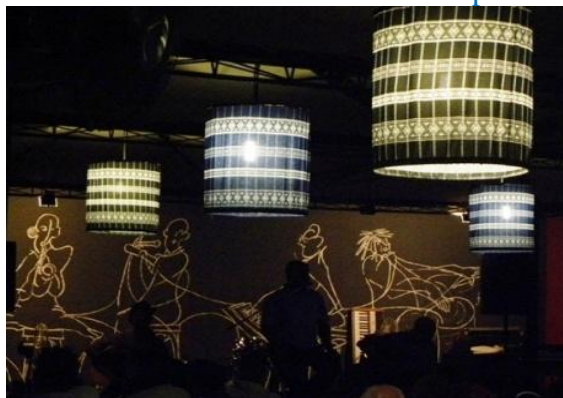
Fotografia: Ana Levy- Agosto 2012.

¹⁰² Cerca de 14 e 27 euros respetivamente

As faixas de pano têm sido usadas pelos jovens sobre a saia ou calças em substituição do cinto, como cachecol, estolas, lenço, etc.

Os panos tradicionais de Cabo Verde são também usados na decoração das casas, como tapetes e quadros de parede.

Fig.39- Candeeiros de teto decorado com pano de terra



Fonte: <https://www.fotos.sapo.pt/partner/albums/?aid=57>- consultado em Dezembro 2012.

Fig.40- Quadros e tapetes de parede



Fotografias: Ana Levy- Outubro 2013

É de salientar que hoje há peças de vestuários e acessórios com faixas de pano muito semelhantes ao pano de terra, mas que são tecidos importados de Dakar. Estes produtos são vendidos por um preço mais barato e, por isso, muitas vezes são os mais preferidos.

O pano de terra tornou-se símbolo da identidade cultural cabo-verdiana e, constitui um “souvenir” distintivo para todos aqueles que visitam ou são visitados por um cabo-verdiano.

Fig.41- Pano de terra- símbolo da Identidade cabo-verdiana- presente na inauguração do centro de acolhimento para doentes cabo-verdianos evacuados para Portugal.



Fonte: http://www.embcv.pt/lista_conteudos_sub.asp?idcont=1909&idarea=4&idsub=787- Consultado em Maio de 2013.

Fig. 42- O Presidente da República de Cabo Verde oferecendo um pano de terra ao Papa Francisco aquando da sua visita ao Vaticano a 3 de Junho de 2013.



Fonte: foto oficial @Presidência da República - <http://noticias.sapo.cv/foto/> - consultado em 3 Junho 2013.

Fig.43- O Presidente da República Portuguesa recebeu um pano de terra em sinal de boas vindas à tenda da associação Assomada¹⁰³ em Carnaxide.



Fonte:<http://radioatlantico.blogspot.pt/2010/06/diaspora-cv-portugalcavaco-silva-elogia.html>
Consultado em Dezembro de 2012.

As bandas de pano de terra são também muito usadas pelos artistas, políticos e população em geral nas cerimónias solenes e em qualquer atividade cultural.

Fig. 44- Cantor cabo-verdiano – N’Toni dente d’Oro (António dente de ouro).



Fonte:<http://www.diarioliberalidade.org/component/search/?areas%5B0%5D=content&searchphrase=exact&searchword=caboverde> - consultado em Maio de 2013.

Fig. 45- Cantora cabo-verdiana - Celina Pereira.



Fonte:http://www.radioeducativa.cv/index.php?paginas=21&id_cod=203 consultado em Maio de 2013.

¹⁰³ Associação de cabo-verdianos residentes em Carnaxide – Portugal

Fig. 46- Cantora cabo-verdiana Titina Rodrigues



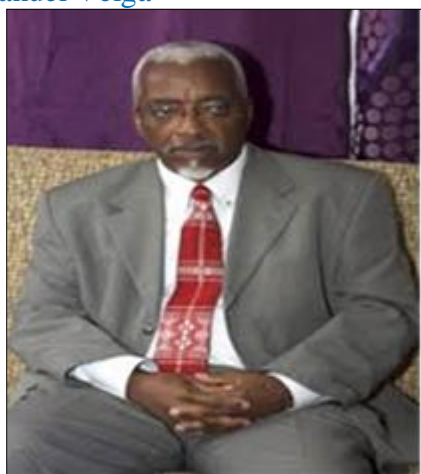
Fonte: <http://fotos.sapo.pt/celebridadescv/fotos/?uid=dDNnhuwYamuplZdmccb&aid=7&grande#normal>
Consultado em Maio de 2013.

Fig.47- Artista e Ministro da Cultura - Mário Lúcio Sousa



Fonte: http://semanariocontacto.blogspot.com/2012_03_01_archive.html - consultado em Maio de 2013.

Fig.48- Professor e Investigador Manuel Veiga



Fonte: <http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article85309&ak=1> - consultado em Maio de 2013.

Fig.49- Embaixadora de Cabo Verde em Portugal - Madalena Neves



Fonte: http://fotos.sapo.pt/cabo_verde/albums/?aid=1171 - consultado em Maio de 2013.

CAPITULO IV- VALOR PATRIMONIAL DO PANO DE TERRA, SUA SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO

1- Reconhecimento do valor patrimonial do pano de terra no contexto das cartas internacionais.

1.1- Evolução do termo património e o enquadramento do pano de terra no conceito de património

O termo património tem vindo ao longo da história a assumir sentidos diferentes. De início estava ligado somente às conceções jurídicas, isto é, dizia respeito à herança familiar assente na justiça, especialmente sobre os seus direitos de propriedade. Entendia-se que o património era constituído, sobretudo, pelos bens possuídos por uma pessoa, por uma família ou por uma entidade e que se transmitia como espécie de elo material que constituía a base estável da sucessão de gerações e garantia a sua subsistência ou a sua reprodução.

A extensão do uso do termo património como herança cultural, surge na França pós-revolucionária, quando o Estado decide tutelar e proteger as antiguidades nacionais às quais era atribuído um significado para a história da nação. Desta forma, o conjunto de bens entendido como herança de um povo passou, então, a ser designado de património histórico. Surgiram, então, em França as primeiras medidas de salvaguarda dos monumentos históricos, tomadas durante a Revolução de 1789. Segundo F. Choay, “a 2 de Outubro de 1789 efetivou-se um dos primeiros atos jurídicos da Constituição, ao colocar os bens do clero, dos emigrantes e da coroa à disposição da nação”¹⁰⁴.

A partir do século XIX, o termo património utilizado durante a Revolução Francesa foi abandonado e substituído pelas expressões “monumento” e “monumento histórico”. Sobre essa questão Lopes Filho afirma que é a partir do século XIX que surge uma preocupação especial virada para a questão do conceito de património, “ligada aos conceitos de monumentos históricos de qualidade artística e de memória coletiva”, cuja preservação constitui um dever de toda a comunidade¹⁰⁵.

¹⁰⁴CHOAY, Françoise. (2010). *Alegoria do Património*. Lisboa: edições70, p. 105

¹⁰⁵MARTINS, António Fernandes. (2011). *Legislação Sobre a Defesa do Património em Cabo Verde, (1975-2005)*, Praia. Universidade de Cabo Verde, Mestrado, p.26.

A consagração do monumento histórico materializa-se no período que vai desde 1820 até 1964, data da redação da Carta de Veneza, que marca a mudança ocorrida após a II Guerra Mundial¹⁰⁶.

A partir dos anos cinquenta do século XX, houve uma alteração no paradigma patrimonial, que passa a integrar todas as formas de edificar e tipos de construções, quer sejam urbanas, rurais, eruditas, populares, faustosas ou utilitárias, passando mesmo a incorporar os conjuntos edificados e a sua envolvente.

Nos anos sessenta o termo património generaliza-se em substituição da expressão «monumento histórico» que cai rapidamente em desuso¹⁰⁷.

Na primeira metade do século XX, começaram a surgir várias Cartas e Recomendações que vão dar forma a uma nova política de conservação do Património. Assim, em 1931, surge a Carta de Atenas, que constituiu o primeiro ato normativo internacional exclusivamente dedicado ao património e que define, pela primeira vez, os princípios básicos para a preservação e restauro de edifícios antigos. Este documento é considerado o grande precursor do processo de mundialização do património.

Um outro documento importante foi a Carta de Veneza, que teve como objetivo alargar o conceito de monumento histórico que passa a “englobar a criação arquitetónica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que são o testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Esta noção estende-se não somente às grandes criações mas também às obras modestas que adquiriram com o tempo um significado cultural”¹⁰⁸. A Carta de Veneza é também importante porque defende que os valores humanos são considerados pela humanidade como património comum, e que todos devem reconhecer a responsabilidade coletiva para a sua salvaguarda e transmissão às gerações futuras.

¹⁰⁶CHOAY, Françoise. (2010). *Alegoria do Património*. Lisboa: edições70, p.105

¹⁰⁷CABRAL, Clara Bertrand. (2011). *Património Cultural Imaterial. Convenção da UNESCO e seus Contextos*, Lisboa: edições 70, p. 28.

¹⁰⁸ Carta Internacional Sobre a Conservação e Restausos dos Monumentos e Sítios, artigo 1º.

Em 1972, a Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural da UNESCO no seu artigo 1º “considera como património cultural: Os monumentos, os conjuntos e os locais de interesse”.

Ainda em 1976, surge a Carta do Turismo Cultural, que realça a importância de proteger o património mundial, cultural e natural e levanta a questão referente à vulnerabilidade dos sítios patrimoniais e a forma como eram geridos. Propõe uma série de atuações, nomeadamente, uma relação equilibrada entre o Turismo e o Património. Fazendo referência ao património, a carta refere que, “Património é um conceito amplo e inclui tanto o ambiente natural como o ambiente cultural.”

De acordo com a declaração do México de 1985- Conferência mundial sobre as políticas culturais, o Património Cultural de um povo compreende as obras de seus artistas, arquitetos, músicos, escritores e sábios, assim como as criações anónimas surgidas da alma popular e o conjunto de valores que dão sentido à vida. Ou seja, as obras materiais e não materiais que expressam a criatividade desse povo: a língua, os ritos, as crenças, os lugares e monumentos históricos, a cultura, as obras de arte e, os arquivos e bibliotecas.

Vários autores cabo-verdianos que têm escrito sobre a cultura do seu país têm, também, esta visão alargada de património cultural. Refira-se o caso de Lopes Filho¹⁰⁹, que entende por “Património Cultural um conjunto de testemunhos ou valores herdados (não no sentido restrito de bens deixados por um familiar, mas no entendimento mais amplo da herança coletiva, constituída pelos valores mundiais, nacionais, regionais ou locais, outrora usufruídos pelos nossos antepassados) ...”. Sendo uma herança coletiva, a sua preservação constitui tarefa de todos.

Nos finais do século XX, assiste-se um maior alargamento do sentido de património possibilitando a atribuição do estatuto patrimonial a bens cuja essência é intangível como as práticas, as expressões, as representações e os saberes-fazer.

¹⁰⁹ LOPES FILHO, João. (2003). *Introdução à Cultura Cabo-verdiana*. Praia. Instituto Superior de Educação-República de Cabo Verde, pp.23 -24.

Em 1989, a Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular, saída da 25ª reunião da Conferência Geral da Unesco, define a cultura tradicional e popular como:

“ Conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos, e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores transmitem-se oralmente, por imitação ou de outras maneiras. As suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes”¹¹⁰.

Em Outubro de 2001, sai da 31ª Conferência Geral da Unesco a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. É nesse contexto que se inicia o século XXI, marcado por novas preocupações no domínio do património.

O património cultural imaterial é descrito no artigo 2º/1 da Convenção da UNESCO para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial de 2003 como:

“as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefactos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu património cultural. Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interação com a natureza e da sua história, inculcando neles um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana”¹¹¹.

Reportando para o contexto nacional, Cabo Verde procurou acompanhar esta dinâmica internacional em torno do património. A Lei de Bases nº102/III/90, de 29 de Dezembro que aprova a preservação, a defesa e a valorização do património cultural cabo-

¹¹⁰ Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular, Conferência Geral da UNESCO - 25ª Reunião. Paris. Novembro de 1989, A.

¹¹¹ Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, 32ª sessão da UNESCO, Paris, 2003.

verdiano, no seu artigo 3º, define património cultural como um conjunto de bens materiais e imateriais criados ou integrados pelo povo cabo-verdiano ao longo da história com relevância para a formação e o desenvolvimento da identidade cultural cabo-verdiana.

Segundo a mesma lei, entende-se por bens materiais todos os elementos móveis e imóveis que pelo seu valor histórico, bibliográfico, artístico, arqueológico e científico fazem parte do património cultural cabo-verdiano; e por bens imateriais todos os que constituem elementos essenciais da memória coletiva do povo, tais como a história e a literatura oral, as tradições populares, os ritos e o folclore, a língua nacional e a oficial, e ainda as obras do engenho humano e todas as formas de criação artística e cultural independentemente do suporte ou veículo por que se manifestam¹¹².

De acordo com os conceitos atrás referenciados, considera-se que o Pano de Terra (o tecido), é um Património material, com um elevado valor utilitário, histórico, artístico e cultural, símbolo da identidade cultural do povo das ilhas e peça obrigatória na dança do batuque, como já foi demonstrado ao longo deste trabalho.

No entanto, o pano comporta ainda uma outra vertente não material - o saber fazer – que é uma manifestação de património imaterial. Integra-se ainda no Património imaterial porque está ligado a uma série de ritos, práticas sociais e manifestações culturais como é caso da dança que já foi referida.

1.2- Valor patrimonial do Pano de Terra

Entende-se por valor patrimonial cultural a “detenção de especial significado histórico, arqueológico, arquitetónico, tecnológico, estético, científico, espiritual, social, tradicional ou outros, associado com a atividade humana”¹¹³.

Para perceber se a população cabo-verdiana reconhece ao pano de terra um valor histórico e patrimonial, foi feita uma pequena entrevista aplicada a pessoas cujo perfil

¹¹² Idem, artigo 3º, c) e d).

¹¹³ Carta para Conservação dos Sítios com Valor Patrimonial Cultural, secção nº 22- definições, p. 7.

foi previamente determinado, designadamente: sexo, faixa etária e profissão, de modo a obter opiniões diferentes sobre o tema.

O quadro que se segue apresenta o resultado das entrevistas que se basearam em duas questões:

1- Considera que o pano de terra tem um valor histórico para o povo cabo-verdiano? Justifique a sua resposta.

2- Acha que o pano de terra deve ser preservado? Porquê?

Quadro nº 1- Resultado da entrevista sobre o Valor Patrimonial do pano de terra

Nº de entrevistado	Sexo	Idade			Profissão	Perguntas			
		20-30	30-40	+ 40		1		2	
						S	N	S	N
1	F	X			Estudante		X		X
2	F	X			Comerciante	X		X	
3	M		X		Professor	X		X	
4	F	X			Estudante	X		X	
5	M			X	Tecelão	X		X	
6	M			X	Tecelão	X		X	
7	M			X	Sapateiro	X		X	
8	M		X		Gestor e prod. Cultural	X		X	
9	F		X		Coor. C. Cult. N. Tavares	X		X	
10	F			X	Doméstica	X		X	
11	F			X	Doméstica	X		X	
12	F	X			Professora	X		X	
13	M		X		Ator e vereador de cultura na C. M. de S ^{ta} Catarina	X		X	
14	F		X		Professora	X		X	
15	F	X			Tecelã	X		X	
16	M			X	Tecelão	X		X	
17	M			X	Professor		X	X	
18	M	X			Desempregado		X		X
19	M		X		Desempregado	X			X

Fonte: Dados recolhidos pela autora entre 08/08 - 14/08/12 e 10/13

Com a aplicação deste instrumento de recolha de dados, pode-se constatar que, a maior parte das questões foram respondidas afirmativamente, ou seja, a maioria reconhece o

valor histórico, artístico, cultural e simbólico representado pelo pano de terra, defendendo a sua preservação e valorização, a fim de continuar a representar a identidade do povo cabo-verdiano. Como justificação das respostas, os entrevistados salientaram o papel desempenhado pelo pano na vestimenta dos escravos e das camadas mais desfavorecidas da sociedade cabo-verdiana e ainda a sua importância na economia. Para os mais velhos, o pano desempenhou outrora um papel muito importante como património familiar, que era passado de geração em geração, não só pelo seu valor económico mas também pelo seu valor afetivo.

Um aspeto que foi percebido com esta pesquisa é que os jovens sabem muito pouco sobre o pano de terra. A maioria aprecia o pano de terra e tem uma ideia da sua importância para a cultura cabo-verdiana, mas não conhece a sua longa história para poder justificar a importância da sua preservação. Por esse motivo, torna-se necessário a abordagem dessa matéria nas escolas, como será proposto mais adiante.

O pano amarrado na cintura está a cair em desuso, e constata-se que o pano de terra vem sendo utilizado essencialmente para “enfeitar o vestuário” e para fazer acessórios. Por isso, entende-se que se não houver um aumento de consumo e maior diversificação de produtos, poderá estar em causa a produção nacional e a subsistência dos artesãos.

2- Legislação Cabo-Verdiana sobre o Património Cultural e as iniciativas de valorização do artesanato nacional.

2.1- Legislação cabo-verdiana sobre o património cultural

Antes da independência as autoridades coloniais mostraram-se pouco preocupadas com a defesa do património cultural cabo-verdiano. No entanto, nas vésperas da independência foram criadas algumas leis relacionadas com o património cultural.

A primeira lei nacional sobre o património Cultural em Cabo Verde, data de 1974, quando o Governo de transição para a independência de Cabo Verde cria o Ministério da Educação e Cultura através da lei nº 13/74, de 17 de Dezembro.

Apoiado na consciência de que a cultura é um dos pilares fundamentais na identificação e reconhecimento de um povo, particularmente o povo cabo-verdiano que durante cinco

séculos conheceu a dor do menosprezo e submissão das autoridades coloniais, criou-se através do decreto-lei nº 45/75 de 24 de Maio, uma Comissão de Investigação e Divulgação Cultural (art.1º), cuja missão fundamental era:

- Inventariar o Património Cultural de Cabo Verde;
- Orientar toda a atividade cultural e artística do Estado de modo a enquadrá-la na situação histórica atual libertando-a de todas as taras alienantes e inserindo-a como parte atuante, na cultura universal;
- Lançar as bases para um intercâmbio cultural com todos os povos do mundo, em especial da Guiné-Bissau, das antigas colónias portuguesas, de Portugal, e dos países africanos de uma maneira geral (art.2º).

A Portaria nº 45/75, de 7 de Junho do Ministério da Educação e Cultura, no seu art.1º define a atribuição de Comissão de Investigação e Divulgação Cultural, criando Delegações da mesma e indicando a sua composição. Esta comissão tinha como missão a investigação e divulgação nos domínios da Literatura oral e escrita, costumes e tradições, estudo do crioulo, Música, Arte e Arquitetura regionais, História de Cabo Verde, Cinema e Teatro.

Com a independência nacional, em 1975, Cabo Verde erigiu-se como uma República soberana, que perante a lei reconhece a igualdade de todos os cidadãos sem distinção de origem social ou situação económica, raça, sexo, religião, convicções políticas ou ideológicas e condição social. Por isso, promover a identidade nacional, fomentar a criação, a preservação e o desenvolvimento cultural, facilitar o ensino, a cultura, a investigação científica, a divulgação/difusão da cultura cabo-verdiana no mundo, proteger a paisagem, a natureza, os recursos naturais e o meio ambiente, bem como o património histórico - cultural e artístico nacional são da responsabilidade total do Estado.

O Ministério da Educação e Cultura foi substituído pelo Ministério da Informação Cultural e Desportos pela Portaria nº 45/86 de 29 de Novembro.

O Decreto - Lei nº 99 - A/90, de 27 de Outubro criou o Instituto Nacional da Cultura (INAC), que tem por objetivo promover a defesa e a consolidação da identidade cultural nacional, a preservação, valorização e a divulgação do património histórico e cultural de

Cabo Verde, dinamizando e desenvolvendo atividades culturais fomentando e apoiando todas as manifestações do povo cabo-verdiano (art.1º).

O Decreto – Lei nº 101 - c/ 90, de 23 de Novembro estabeleceu no Ministério de Informação, Cultura e Desportos um serviço designado de Direção Geral dos Assuntos Culturais, que tem como objetivo fornecer ao Ministério elementos necessários à definição das diretrizes para a proteção e enriquecimento do património cultural do país.

A Lei nº 102/III/90, de 29 de Dezembro tem por objetivo a Preservação, a Defesa e a Valorização do Património Cultural Cabo-verdiano (art.1º) e considera que o património cultural cabo-verdiano é constituído por todos os bens materiais e imateriais que, pelo seu valor próprio, devem ser considerados como de interesse relevante para a preservação da identidade e a valorização da cultura cabo-verdiana através do tempo. (art.2º).

Na segunda República (a partir de 1991), foram produzidas várias Leis e Decretos-Lei sobre o património cultural.

O Decreto – Lei nº 3/92, de 6 de Julho, em matéria de Turismo Cultural, declara que os Estados membros¹¹⁴ e a Comunidade¹¹⁵ estabelecem uma legislação em matéria da proteção do património Cultural, regulamentando o tráfico dos bens culturais originários de um Estado membro a um outro, e de um Estado membro para um outro não membro. (Art.14º)

Decreto – Lei nº 97/97, de 31 de Dezembro cria junto do gabinete do secretário de Estado da Cultura, o Gabinete de Salvaguarda do Património (G.E.P), que tem por função apoiar secretário de Estado da Cultura na coordenação, fiscalização e execução da política do Governo respeitante à salvaguarda do Património cultural mobiliário e imobiliário (art.1º).

O Decreto-Lei nº53/99 de 23 de Agosto aprova o orgânico do Ministério da Cultura (MC), com os seguintes objetivos:

¹¹⁴ Benim, Burkina Faso, Cabo Verde, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Mali, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa e Togo.

¹¹⁵ Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO).

Promover a investigação, a identificação de valores culturais do povo cabo-verdiano; preservar, defender e valorizar o património histórico e cultural. (Art.1º)

O Decreto-Lei nº2/2003 de 24 de Fevereiro aprova o diploma orgânico do Ministério da Cultura e Desportos (M.E.D) com as seguintes atribuições:

- Promover a investigação, a identificação e a inventariação dos valores culturais do Povo Cabo-Verdiano; preservar, defender e valorizar o património histórico e cultural; estimular e proteger a criação cultural; promover a divulgação da cultura cabo-verdiana no estrangeiro, particularmente no seio das comunidades cabo-verdianas, em colaboração com o Ministério dos Negócios Estrangeiros Cooperação e Comunidades. (Art.2º)

Em 2003 foi criado o Instituto da Investigação e do Património Culturais pelo Decreto-Lei nº 2/2003, de 24 de Fevereiro, com a finalidade de identificar, inventariar, investigar, salvaguardar, defender e divulgar os valores da cultura, o património móvel e imóvel, material e imaterial do povo cabo-verdiano. Tem como Missão conhecer, salvaguardar e difundir o legado histórico e cultural do povo cabo-verdiano, estabelecendo para o efeito um diálogo constante e profícuo com o meio envolvente, interno e externo, e promovendo este património como recurso para o desenvolvimento sustentável da sociedade cabo-verdiana e meio para garantir a afirmação da nossa identidade no mundo multicultural.

A Lei nº 72/IV/2005, de 4 de Julho instituiu o dia 18 de Outubro, data do nascimento de Eugénio de Paula Tavares, como “Dia Nacional da Cultura”.

O objetivo é de chamar a atenção da sociedade cabo-verdiana para a importância e valorização da cultura, incentivando a criação de condições necessárias com vista à promoção da mesma como fator de desenvolvimento de Cabo Verde. (art.1º)

2.2- Iniciativas de valorização do artesanato em Cabo Verde

Existem várias iniciativas de valorização do artesanato em Cabo verde. São frequentemente realizadas, por iniciativa privada ou por instituições ligadas à cultura, feiras de artesanato, formações de artesãos e exposições de produtos artesanais que

mostram as habilidades e as criatividades dos artesãos cabo-verdianos, em todas as áreas do artesanato tradicional.

As primeiras iniciativas organizadas para a promoção da cultura Cabo-Verdiana datam de 1954, altura da criação do Centro de Cultura de Cabo Verde, que tinha como objetivo o desenvolvimento de atividades culturais, científicas, artísticas, literárias, e históricas.

Em 1955 o Ministério do Ultramar reconheceu a qualidade das rendas e dos bordados de Cabo Verde e criou uma agência de aquisição e venda desses artigos no Porto Grande, ilha de São Vicente, e no aeroporto da ilha do Sal, como forma de desenvolver e internacionalizar os referidos produtos, pois estes tinham um impacto considerável na economia familiar.

O Centro de Cultura de Cabo Verde foi extinto em 1961 e foi substituído pelo Centro de Estudos de Cabo Verde. O objetivo da criação deste centro era promover o estudo e a investigação de todos os aspetos da vida do povo das ilhas, visando o incremento da melhoria das condições de vida e do bem-estar. No entanto, o Centro estava sobre tutela do organismo provincial da junta de investigações do ultramar e funcionava mais como uma extensão da atividade cultural da metrópole no arquipélago, do que como um espaço que proporcionasse o estudo da cultura Cabo-Verdiana.

Após a independência, numa perspetiva de valorização das raízes culturais Cabo-Verdianas, então consideradas degradadas, o governo de então, considerava fundamental a difusão de toda a experiência acumulada no domínio do artesanato, para que esta fosse transmitida às novas gerações, para que contribuísse para o processo de transformação do país, reforçando o sector social, económico e educacional. Neste sentido, foram implementadas um conjunto de medidas como forma de aproveitar o potencial da cultura cabo-verdiana.

Uma das medidas adotadas foi a criação do Centro Nacional de Artesanato em 1977, com sede no Mindelo, tendo como principal objetivo investigar, formar, estimular e desenvolver as diferentes formas de artesanato existentes em Cabo Verde. O Centro funcionou até Outubro de 1997 e, durante este período, desenvolveu várias ações, com o

intuito de cumprir os objetivos pretendidos, incidindo nas áreas de tecelagem, tapeçaria, batike¹¹⁶, pintura e estudos de rendas e bordados. Muitos dos artesões que continuam a sua atividade artesanal nestas áreas foram formados no centro.

No sector privado destaca-se o “*atelier mar*” artes e ofícios, fundado em 1979, com o objetivo de revalorizar a cerâmica, a formação profissional, e a promoção cultural, através de iniciativas de animação cultural. Para além da cerâmica vêm sendo disponibilizando vários cursos profissionais como a serigrafia, carpintaria, *design* gráfico e de equipamento, design de habitação e fabricação de materiais, gestão artística e cultural, manutenção de equipamentos hoteleiros e introdução à tecnologia de trabalhar a pedra.

Para além de São Vicente, a sua atuação estende-se à ilha de Santo Antão, onde tem desenvolvido o artesanato e outras atividades de produção alternativa, sobretudo na comunidade de Lajedos, para valorizar as potencialidades locais numa perspetiva de economia solidária, como forma de debelar as necessidades sociais e culturais existentes.

Com o objetivo de dinamizar o desenvolvimento da cultura e da expressão artística do povo das ilhas o governo, como forma de estimular a criatividade e encorajar a pesquisa e a contínua promoção das iniciativas, instituiu em 1986, alguns prémios destinados a galardoar as melhores obras nas áreas da literatura, escultura, artesanato, pintura e música, nomeadamente os prémios “Claridade”, “Jorge Barbosa”, “Pedro Cardoso”, “Eugénio Tavares”, “B. Leza”, “Jaime Figueiredo” e “Fonte Lima”.

Todos esses prémios tinham como objetivo incentivar a promoção da cultura Cabo-Verdiana.

O novo governo saído das eleições pluripartidárias em Cabo Verde, propôs reformas no setor artesanal e apostando na formação de novos quadros. Para isso, criou-se em 1994,

¹¹⁶Técnica de reserva em que se aplica no tecido uma solução líquida à base de cera, posteriormente solidificada, segundo desenhos previamente dispostos ao longo do pano. Este é depois banhado na tingidura e a cera retirada após a secagem, permitindo o surgimento dos desenhos previamente inscritos. (in catalogo de exposição, panos de Cabo verde e Guiné-Bissau. Museu de Etnologia. Glossário, p.1)

na Escola Comercial e Industrial do Mindelo, o curso de artes e ofícios, no qual contemplava a formação na área de cerâmica, as artes gráficas e as artes dos tecidos. Entre 1993/94, o Instituto Nacional de Investigação Cultural realizou uma recolha de produtos artesanais que veio constituir, em 1997, o espólio do Museu etnográfico da Praia.

Como forma de permitir uma maior preservação, defesa e promoção da cultura Cabo-Verdiana, foi criado o “Fundo Autónomo de Apoio à Cultura”, em 2002, para prestar auxílio financeiro a projetos diversos desde atividades culturais até à criação individual e coletiva e à circulação de bens e de obras culturais. Em resumo, financiar de projetos de investigação de carácter cultural.

A criação do PLEI-Cultura (plano estratégico intersectorial da cultura) que compreende um conjunto de medidas que visam enfrentar alguns desafios da cultura Cabo-Verdiana, trouxe uma nova dinâmica ao Ministério da Cultura.

Integrado na política do governo para promoção da cultura nacional, o Ministério da Cultura organizou em 2011 o Fórum Nacional de Artesanato - FONARTES'2011 – cujo objetivo foi analisar o artesanato Nacional e a contribuição deste setor no desenvolvimento da economia nacional.

Durante este fórum foram efetivados vários outros projetos nomeadamente inauguração do Centro Nacional de Artesanato e Design no Mindelo e a apresentação do selo de qualidade e certificação dos produtos artesanais feitos em Cabo Verde- “Created in Cabo Verde”.

Fig.50 - Selo de qualidade dos produtos artesanais de Cabo Verde.



Fonte: www.governo.cv/.../124-plano-estrategico-intersectorial-da-cultura-plei consultado em Março de 2013.

Esta iniciativa é de extrema importância, porque o artesanato cabo-verdiano está sendo ameaçado pelo crescente processo de industrialização, sobretudo, o caso concreto da falsificação do pano de terra, já referido anteriormente.

Para proporcionar um maior desenvolvimento do artesanato no país, foi criada ainda a Rede de Distribuição Nacional de Artesanato (RENDA), um projeto que tem como objetivo fazer circular no país e no exterior os produtos produzidos em Cabo Verde de modo a motivar os artesãos a produzir. Segundo o Ministro da Cultura, Mário Lúcio Sousa, "é melhor o Estado comprar e armazenar os produtos artesanais, do que serem os próprios artesãos a armazená-los, pois com isso eles perdem a motivação"¹¹⁷.

O Atelier-Mar em parceria com o Departamento de Design do Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura – ambos de São Vicente, inseridos no Plano Municipal de Desenvolvimento Local e co-financiado pela Cooperação Espanhola, concretizaram um Projeto “Revitalização do Artesanato da Calheta”¹¹⁸, no qual participaram doze formandos. A formação abrangeu várias áreas do artesanato contemporâneo com base na chapa metálica, miolo de acácia, papel machê, costura criativa, entre outras.

O objetivo é dotar os formandos de conhecimentos para produzirem ferramentas mais eficazes do ponto de vista funcional e comercial.

A criação do Banco da Cultura¹¹⁹ que financia projetos culturais e a criação o estatuto de vendedor de produtos artesanais são outras formas de valorização do artesanato nacional.

3- Proposta de medidas para a salvaguarda e valorização do pano de terra

Para a salvaguarda e valorização do pano de terra é necessário considerar dois aspetos fundamentais:

- 1- Preservação do pano como património material (tecido);

¹¹⁷Disponível no site: <http://www.expressodasilhas.sapo.cv/pt/noticias/go/artesanato-cabo-verdiano-tera-selo-de-qualidade-e-um-mercado-proprio> consultado em Dezembro 2012.

¹¹⁸ Calheta é uma vila da ilha do Maio.

¹¹⁹O Banco da Cultura é uma nova designação do Fundo Autónomo de Apoio à Cultura que visa não só facilitar o acesso ao financiamento de forma mais democrático e transparente por parte dos artistas, mas também criar espírito empreendedor no trabalhador.

2- Preservação das técnicas e conhecimentos necessários para a confeção do pano, isto é, o “saber fazer”, enquanto património imaterial.

3.1- Proposta de formas de valorização e divulgação do pano de terra (o tecido)

Em relação ao pano, e tendo em conta o seu valor patrimonial, neste ponto propõe-se um conjunto de medidas que visam preservar o pano de terra e promover a sua valorização.

- Recolha e inventariação de panos antigos que ainda existem¹²⁰

O conhecimento é o pilar de toda e qualquer ação de valorização do património cultural, ou seja, para valorizar é preciso conhecer.

Sabe-se que muitas famílias guardam nos seus baús, em suas casas, panos muito antigos que herdaram dos seus familiares. Deste modo, propõe-se a recolha desses panos a fim de saber o que ainda existe e resgatar alguns padrões antes do seu total desaparecimento.

- Elaboração de um catálogo de pano de terra

A catalogação¹²¹ dos panos é de extrema importância, na medida em que irá servir não só para identificar os diferentes tipos de panos, mas também para escolher o modelo que se quer comprar ou encomendar. Para isso, propõe-se um modelo de ficha de levantamento da informação, não muito exaustivo, utilizando os seguintes critérios:

- Foto
- Tipo
- Designação
- Cor
- Dimensão
- Tecelão
- Local de trabalho
- Contacto
- Preço

¹²⁰ Ver proposta de uma ficha de inventário no Anexo nº 4.

¹²¹ Ver um exemplo de catálogo no Anexo nº 5.

- Nº de lições utilizados
- Observações

- Criação de um “Mercado de Artesanato”

Propõe-se a criação de um espaço próprio para a venda de produtos artesanais e que se ensine aos comerciantes os conhecimentos mínimos sobre esses produtos, pois servem de intermediário entre o produtor e o comprador e, por isso, têm um papel fundamental na divulgação desses produtos.

Essa sugestão deve-se ao facto de existirem poucos espaços apropriados para a venda de produtos artesanais, principalmente dos panos de terra, que se encontram espalhados por todo o mercado nas mãos de feirantes, sem nenhuma proteção, o que põe em causa integridade e qualidade do produto.

Sabe-se que existe um projeto de instalação de um centro de artesanato na atual instalação do mercado de Assomada na ilha de Santiago e, por essa razão, reforça-se a concretização desse projeto, a fim de proporcionar maior sustentabilidade do artesanato local.

Para haver no mercado produtos de qualidade sugere-se o seguinte:

- Formação de uma equipa que faça o controlo e certificação dos produtos com atribuição do selo da qualidade;
- Anexar nos produtos folhetos onde se encontre descrita, de forma muito breve, a história desse produto (origem, evolução, etc.), com objetivo de divulgar essa história e dar a conhecer as razões que levam a que se considere o pano de terra como um produto com valor patrimonial.

- “Criação” dinamização de associações de artesãos

Propõe-se a criação de uma associação de artesãos em todas as ilhas, que ainda não a tem, de modo a lutarem com mais força em favor da defesa do artesanato tradicional e a terem maior facilidade de realizar atividades de divulgação dos seus trabalhos.

Existe um projeto de criação de uma associação de artesãos de Santiago, por isso, propõe-se a concretização dessa associação, visando maior dinamização e organização da classe.

Outra sugestão seria a criação dentro da associação de artesãos, de pequenas associações, ou núcleos associativos, por áreas de trabalho, tomando como exemplo, o caso concreto da tecelagem, com a criação da “*Associação de Tecelões*”.

- Incentivar a produção de algodão e tinta vegetal em Cabo Verde

Como já foi referido neste trabalho, Cabo Verde tem potencialidades para o cultivo de algodão e tinta vegetal, matérias-primas necessárias para a produção do pano de terra. Também já foi dito que os panos confeccionados com linha feito de algodão “de terra” são de melhor qualidade se comparados com os feitos com a linha importada. Produzindo as matérias-primas localmente irá contribuir não só para melhorar a qualidade dos panos de terra, mas também para baixar o preço dos panos e desenvolver a atividade agrícola em Cabo Verde, contribuindo para a melhoria das condições de vida da população e para um desenvolvimento sustentado.

- Criação de um museu de tecelagem

Sabe-se que os museus são importantes espaços de divulgação e conservação do património. Deste modo, propõe-se a criação de um museu de tecelagem onde ficarão expostos os diferentes tipos de panos, teares (tradicional e modernos), acessórios do tear, as meadas de algodão natural e os pães de tinta.

3.2- Preservação das técnicas e conhecimentos ligados à panaria

A salvaguarda do Património Cultural Imaterial é um tema que tem merecido uma atenção especial nestes últimos anos, tanto a nível nacional como internacional.

De acordo com a convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, no seu artigo 2º/3, “Entende-se por “salvaguarda” as medidas que visam garantir a viabilidade do património cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão –

essencialmente por meio da educação formal e não-formal - e a revitalização deste património em seus diversos aspetos.”

Um dos campos onde o Património Cultural Imaterial se manifesta é justamente nas técnicas artesanais tradicionais [art.º2/2, e)], isto é, nas aptidões ligadas ao artesanato tradicional. É de salientar que, o alvo principal da Convenção do Património Cultural Imaterial não é propriamente os produtos artesanais, mas sim as competências e conhecimentos necessários para a sua produção. Para salvaguardar o pano de terra, deve-se centrar não só na preservação do próprio tecido em si, mas também na criação condições que incentivam os artesãos a continuar a produzir o pano de terra e na transmissão de conhecimentos a outros, em especial aos jovens.

A transmissão dos conhecimentos assume um papel fundamental em todo o processo de salvaguarda, uma vez que, enquanto o património tangível facilmente sobrevive ao seu criador, as manifestações imateriais só existem se forem praticadas¹²².

Sabe-se que as técnicas e os próprios instrumentos utilizados na confeção do Pano de Terra que chegaram até aos nossos dias foram passados oralmente pelos tecelões, aos seus familiares e demais pessoas que, por um motivo ou outro, se interessaram pela arte da tecelagem.

O pano de terra possui um conjunto de conhecimentos e simbologias que carece de um estudo e medidas de conservação com vista a sua salvaguarda. É neste sentido que sugere-se um conjunto de medidas que visam a salvaguarda e a valorização do pano de terra.

- Realização de um inventário de tecelões existentes em Cabo verde.

Como forma de preservar o “saber-fazer” ligado a produção do pano de terra propõe-se a realização de inventário dos tecelões que ainda existem nas várias ilhas de Cabo Verde e a promoção junto deles de uma campanha de recolha e registo de todas as informações relacionadas com as técnicas e os instrumentos utilizados na tecelagem.

¹²²CABRRAL, Clara Bertrand. (2011).*Património Cultural Imaterial, convenção de UNESCO e seus contextos*. Lisboa: edições 70, p.127.

Este é um aspeto muito importante na preservação do pano de terra, porque se hoje encontramos poucos tecelões em Cabo Verde, como já foi referido neste trabalho, daqui alguns anos esse número tenderá a ser ainda menor e com o tempo corre-se o risco de desaparecer. Por isso, esses conhecimentos devem ser transmitidos para os mais novos. Com os conhecimentos das técnicas e instrumentos de produção, estes panos podem ser facilmente reproduzidos.

- Introdução no currículo escolar da disciplina de “Trabalhos Manuais”

Entende-se que o reforço das competências de tecelagem e do artesanato em geral passa necessariamente por uma vertente educativa. Será então necessário, a organização de programas específicos, abrangendo todos os níveis do ensino, orientados não só para desenvolvimento das competências ligadas ao artesanato, mas também, para a defesa e divulgação dos nossos valores culturais, sociais e naturais.

É neste sentido que se propõe a introdução no currículo escolar, desde o ensino primário ao secundário, da disciplina de Trabalhos Manuais¹²³, no qual as crianças desde tenra idade comecem a confeccionar objetos utilitários, do seu dia-a-dia e deste modo, ganhar gosto para a criação artística e pela promoção cultural.

É também muito importante estimular os professores e alunos para a preservação e valorização da cultura, fomentando a sua participação na recolha e difusão dos elementos basilares da “cultura tradicional”, a cooperação com os grupos de pesquisa, associações culturais, etc. Esta atividade, poderá ser incluída nos planos de atividades da disciplina de Cultura Cabo-verdiana, no 10º ano de escolaridade e no ensino superior nas áreas mais direcionadas para o estudo do património.

No entanto, como medida imediata aconselha-se a formação de professores e monitores de modo a poderem coordenar e orientar convenientemente os seus alunos.

¹²³ Pode-se ensinar também o artesanato tradicional nas disciplinas já existentes como o caso da disciplina de Educação Artística, no 8º ano e Cultura Cabo Verdiana, no 10º ano de escolaridade e/ ou no ensino técnico.

- Criação de um centro interpretativo do artesanato tradicional (no concelho de Santa Catarina)

Com esta proposta pretende-se preservar e valorizar não só o pano de terra, mas o artesanato em geral.

Propõe-se a localização do centro no concelho de Santa Catarina, no interior da ilha de Santiago, porque grande parte dos artesãos que trabalham nas várias áreas do artesanato (tecelagem, cerâmica, cestaria, rendas e bordados, etc.), encontram-se concentrados neste concelho ou arredores.

O objetivo da criação deste centro é sensibilizar a população para a importância de preservar o artesanato local e fornecer aos visitantes do concelho um espaço físico e virtual que os ajude a compreender todo o processo de confeção de objetos artesanais feitos no concelho.

A criação do referido centro irá contribuir também, para o desenvolvimento do turismo cultural e rural em Santa Catarina proporcionando vantagens económicas para a população e instituições locais, o que por sua vez irá contribuir para a criação de meios e motivações para as populações cuidarem e manterem o seu património e as suas práticas culturais.

- Criação de pequenas oficinas de tecelagem

Estes espaços serão os locais de trabalho dos tecelões e também o lugar onde se podem realizar a formação de novos tecelões.

A formação de novos tecelões deve ser bem estruturada e com objetivos específicos e bem definidos, visando não só a recuperação da memória e história do país, mas também apostar no empreendedorismo a fim de garantir a sustentabilidade e autonomia da produção e comercialização do pano de terra.

Para alcançar esse fim será necessário promover e incentivar o consumo do pano. Para isso, destaca-se o papel dos que usam pano para a sua criação artística, como os

estilistas e artesãos, que devem ser dinâmicos e criativos para despertar nos mais jovens o gosto pelos seus produtos e conquistar o mercado nacional e internacional. Por exemplo, incentivar o uso do pano de terra na decoração do interior das casas, isto é, a sua utilização como cortinas, tapetes de parede, toalhas de mesa, colchas, etc.

Também os empreendedores turísticos devem saber valorizar e divulgar os produtos tradicionais colocando-os à disposição dos seus clientes, isto é, ter um espaço no seu estabelecimento para exposição e venda desses produtos.

Não é menos importante o envolvimento de outras entidades e instituições como as escolas e associações comunitárias e a população em geral.

CONCLUSÃO

De tudo quanto se tratou no presente trabalho, algumas conclusões sucintas podem ser destacadas.

A tecelagem surgiu em Cabo Verde desde o século XVI, com a chegada no arquipélago dos primeiros escravos africanos, muitos deles tecelões. A existência de algodão e da planta do anil nas ilhas possibilitou a implantação de importantes indústrias de tecelagem de panos, xales, colchas e mantas de lã. A produção de panos fazia-se em todas as ilhas mas os grandes centros produtores situavam-se em Santiago – *Tarrafal e Santa Catarina* – e no Fogo.

Os panos desempenharam papel de relevo na economia de Cabo Verde servindo de moeda para aquisição de escravos na costa africana, para o pagamento de rendas, impostos, multas e para o pagamento de vencimento aos funcionários. Serviu de vestimenta da mulher cabo-verdiana, em substituição da saia ou vestido e só mais tarde passou a ser utilizado como complemento do vestuário.

A sua produção continua a ser feita de forma tradicional, sem muitas inovações. Quanto ao tear e demais acessórios continuam a ser construídos utilizando os mesmos processos, diferenciando dos mais antigos somente nos materiais, que são mais resistentes e mais polidos.

Hoje, o pano de terra continua a fazer parte da indumentária dos cabo-verdianos e não perdeu, de todo, o seu valor simbólico, económico e cultural.

O pano amarrado na cintura está a cair em desuso, e constata-se que o pano de terra vem sendo utilizado essencialmente para “enfeitar o vestuário” e para fazer acessórios. Por isso, entende-se que se não houver um aumento de consumo e maior diversificação de produtos, poderá estar em causa a produção nacional e a subsistência dos artesãos

Pano de Terra (o tecido) é um Património material, com um elevado valor utilitário, histórico, artístico e cultural, símbolo da identidade cultural do povo das ilhas e peça obrigatória na dança do batuque.

Para os mais velhos, o pano desempenhou outrora um papel muito importante como património familiar que era passado de geração em geração não só pelo seu valor económico mas também pelo seu valor afetivo.

Os jovens sabem muito pouco sobre o pano de terra. A maioria aprecia o pano de terra e tem uma ideia da sua importância para a cultura cabo-verdiana, mas não conhecem a sua longa história para poderem justificar a importância da sua preservação. Por esse motivo, torna-se necessário a abordagem dessa matéria nas escolas.

Os emigrantes e turistas estão mais interessados na obtenção de um símbolo do que propriamente na aquisição de um pano completo que, naturalmente custa mais caro. É de salientar o papel dos imigrantes e turistas na divulgação do pano a nível internacional.

Graças ao trabalho e imaginação de alguns estilistas e jovens artesãos cabo-verdianos, os panos estão a ser adaptados nos modelos de vestuários e acessórios modernos que passaram a ser preferidos e apreciados tanto pelos homens como pelas mulheres. Essas peças são consideradas de luxo, muito usadas em cerimónias solenes e festivas representando para quem as usa um estatuto social e poder económico.

Constatou-se ainda neste trabalho que em Cabo Verde, a defesa do património cultural constitui uma preocupação dos governos que sucessivamente têm criado leis que protegem o património cultural cabo-verdiano e o artesanato em particular.

Eis algumas sugestões e recomendações:

- Incentivar os agricultores a produzir algodão e tinta em Cabo Verde a fim de proporcionar aos tecelões o acesso a matérias-primas de melhor qualidade para a produção dos panos e promover formações direcionadas para transformação do algodão natural em linha e o tingimento das linhas.

- Criação em cada concelho do país de uma associação de defesa do artesanato local com objetivo de sensibilizar a população para a necessidade de preservar as tradições populares e promover atividades de promoção dessas tradições enquanto património cultural.
- Implementação de projetos que visam divulgar e valorizar o artesanato tradicional, como são os casos da Rede de Distribuição Nacional do Artesanato, a criação do centro de artesanato em Assomada, a aplicação do selo de qualificação de produtos nacionais, entre outros.
- Fazer um inventário de tecelões existentes em cada ilha, de modo a permitir um estudo da situação atual da tecelagem em Cabo verde;
- Elaboração de um catálogo de pano que contenha informações sobre panos com atualizações periódicas a fim de introduzir novas criações.
- Promover o ensino do artesanato e da tecelagem em particular nas disciplinas de Trabalhos Manuais, Educação artística e Cultura cabo-verdiana, no qual as crianças desde tenra idade comecem a confeccionar objetos utilitários, do seu dia-a-dia e deste modo, ganhar gosto para a criação artística e pela promoção cultural.
- Criação de um museu de tecelagem onde ficarão expostos os diferentes tipos de panos, teares (tradicionais e modernos), acessórios do tear, as meadas de algodão natural e os pães de tinta.
- Criação de um centro interpretativo do artesanato local cujo objetivo é sensibilizar a população para a importância de preservar o artesanato local. A criação do centro irá contribuir para o desenvolvimento do turismo cultural e rural, proporcionando vantagens económicas para a população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Luís de. (1991). “*Descobrimento das Ilhas de Cabo Verde*” in *História Geral de Cabo Verde*, coord. Luís de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos. Vol. I. Coimbra, Instituto de investigação científica e tropical, Lisboa e Direcção do património cultural de Cabo Verde, Praia,

AMARAL, Ilídio do. (1991). «Cabo Verde: introdução Geográfica» in *História Geral de Cabo Verde*, coord. Luís de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos. Vol. I. Coimbra: Instituto de investigação científica e tropical, Lisboa e Direcção do património cultural de Cabo Verde, Praia.

___ (1964). *Santiago de Cabo Verde: A Terra e os Homens*. Lisboa. Dissertação de Doutoramento em Geografia apresentada á Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

AAVV. (1993). *Constituição da República de Cabo Verde*, 2ª Edição, Praia, Assembleia Nacional.

AAVV. (1996). Catálogo de exposição. Panos de Cabo Verde e Guiné. Museu de Etnologia.

BALENO, Ilídio Cabral. (1991). «Povoamento e formação da sociedade» in *História Geral de Cabo Verde*, coord. Luís de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos. Vol. I. Coimbra: Instituto de investigação científica e tropical, Lisboa e Direcção do património cultural de Cabo Verde, Praia.

___ (2002). «*Reconversão do Comércio Externo em Tempo de Crise e o Impacto da Companhia de Grão Pará e Maranhão*» in *História Geral de Cabo Verde*, coord. Maria Emília Madeira, vol. III, Coimbra: Instituto de investigação científica e tropical, Lisboa e Instituto Nacional de investigação, promoção e património culturais de C. Verde,

BARCELOS, Christiano José de Senna. (2003). *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné*. 2ª Edição, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

Boletim da Câmara de Comércio, Indústria e Serviços de Sotavento, (Julho 2009), *Perfil Empresarial do mês de Julho - Fátima Almeida*, nº9, p.7.

CARREIRA, António. (1983a). *As Companhias Pombalinas: De Grão- Pará e Maranhão e Pernambuco e Paraíba*, Lisboa, Editorial Presença;

___ (1983b), *Cabo Verde - Formação e extinção de uma sociedade escravocrata (1460-1878)*, 2ª edição, Lisboa, Instituto Cabo-Verdiano do Livro.

___ (1983c). *Documentos para a História de Cabo Verde e «Rios de Guiné»*, Lisboa, edição fac-similada.

___ (1983d) *Notas sobre o tráfico português de escravos*, 2ª edição, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

___ (1983e) *Panaria Cabo-Verdiano – Guineense (Aspectos históricos e sócio-económicos)*, 2ª Edição. Lisboa. Instituto Cabo-Verdiano do Livro.

___ (1973). *A Urzela e o pano de Vestir – dois produtos de Exportação das Ilhas de Cabo Verde*. Praia.

___ (1967). Cabo Verde e Guiné e a Companhia do Grão- Pará e Maranhão (um documento inédito para a sua história). *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, vol. XXII, nº 87-88, Junho/Outubro. P.309-324.

CABRAL, Clara Bertrand. (2011). *Património Cultural Imaterial-convenção de UNESCO e seus contextos*. Lisboa. Edições 70.

CARDOSO, Gaudino, (1997), “A Cerâmica de Fonte Lima: Factor de identidade histórica social e cultural” in Revista *Kultura*, p.42- 44.

Censo 2010, Instituto Nacional de Estatística, Praia, Cabo verde, 2010.

CHELMICK, José Conrado Carlos de, & VARNHAGEM, Francisco Adolfo. (1841). *Corografia Cabo-verdiana: Descrição Geográfica- História da Província das Ilhas de C. Verde e Guiné*, Tomo II. Lisboa: Tipografia de L.C. da Cunha.

CHOAY, Françoise. (2010). *Alegoria do Património*. Lisboa. edições70.

_____(2011). *As questões do Património, Antologia para um Combate*, edições 70.

COHEN, Zelinda. (2007). *Os filhos da Folha (Cabo Verde - séculos XV-XVIII)*. Praia. Edições Spleen.

COSTA, Jorge. (1996), “Panaria Cabo-Verdiana/Guineense em Museu Português”. In *Revista Emigrason. Praia*, Daniel Spínola. Nº 39/39, Iª série, pp.69-74.

DOMINGUES, Ângela. (1991). «*Administração e instituições: Transplante, Adaptação, Funcionamento*» in *História Geral de Cabo Verde*, coord. Luís de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos, vol. I. Coimbra. Instituto de investigação científica e tropical, Lisboa e Direcção do património cultural de Cabo Verde, Praia.

ÉVORA, Brígida dos Santos. (2010). *O papel da música na afirmação da cultura cabo-verdiana no país e na diáspora*. Praia. Universidade de Cabo Verde.

FEIJÓ, João da Silva. (1986). *Ensaio e Memórias Económicas sobre as ilhas de Cabo Verde*.

GRENHA, Pedro; FRÓIS, Virgínia, (2010), *Olaria de trás-di-Munti*, acesso no site <http://grenhaportfolio.files.wordpress.com/2010/01/brochura-cao.pdf> em 20/02/13.

KLIPPEL, Áquila. *A Tecelagem Manual, Tear e Pente Liço*. Nível I. acesso no site: <http://www.tecelagemmanual.com.br/manuais/manual.pdf>, em Dezembro 2012.

Jornal ASemana, Cabo Verde. “Arte e tradição no espaço Cachito de Plateau”, 18 de Setembro de 2010, acesso no site, <http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article56326> em Dezembro 2012.

Jornal *ASemana*, Cabo Verde. Pano de Terra: “Uma faixa pequena com uma história longa”, 17 de Maio de 2008, acesso no site,

<http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article32555> em Dezembro de 2012.

LERENO, Álvaro, (1942). *Subsídios para a História da Moeda em Cabo Verde*, Lisboa, Agência Geral das colónias.

LOPES FILHO, João. (1985). *Defesa do Património Sócio-Cultural de Cabo Verde*, Lisboa, Ulmeiro.

__(1996). *Ilha de S. Nicolau. Cabo Verde. Formação da sociedade e Mudança Cultural*, I volume. Secretaria – Geral, Ministério da Educação.

__(2003). *Introdução à cultura Cabo-Verdiana*, Praia: Instituto Superior de Educação.

__(1997). *O corpo e o pão: O vestuário e o regime alimentar cabo-verdianos*. Oeiras, Câmara Municipal.

LOPES, Leão, (2006), “Olaria Cabo-verdiana - que futuro?” in Revista *Ponto & Virgula*, nº 2.

MARTINS, António Fernandes. (2011). *Legislação Sobre a Defesa do Património em Cabo Verde, (1975-2005)*, Praia. Universidade de Cabo Verde. Mestrado.

MENDES, Arlindo. (2009), “Significado da sulada em Santiago: um reparo etnográfico”, in *Revista de estudos Cabo-Verdianos*, Praia, nº3, pp. 79-106.

MESQUITELA, Isabel Borges Pereira. (1996). *O Pano Artesanal na República da Guiné-Bissau. A sua Recuperação nos anos 80*.

RIBEIRO, Orlando. (1998). *A Ilha do Fogo e as suas Erupções*, Lisboa. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

RIBEIRO, Orlando «Primórdios da ocupação das ilhas de Cabo Verde» in *Revista da Faculdade de Letras*, tomo XXI, 2ª série, nº1, pp. 92-122.

SAMBARE, Boubacar. (2012). *L'industrie Textile Traditionnelle à Ouagadougou: de la cotonnade au faso dan fani. Histoire, Techniques et Patrimonialisation. (1896-2011)*. Memoire du master Erasmus Mundus TPTI-Techniques, Patrimoine, Territoires de l'industrie, defendida na Universidade de Évora.

SILVA, António Leão Correia e. (1991). «*Espaço, Ecologia e Economia Interna*», in *História Geral de Cabo Verde*, coord. Luís de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos, Vol. I. Coimbra. Instituto de investigação científica e tropical, Lisboa e Direcção do património cultural de Cabo Verde, Praia,

_____(1996). *Histórias de um Shael Insular*, 2ª edição. Praia. Spleen- Edições.

SILVA, Filinto Elísio C. e. (2005). “Pano de terra sta na moda”, texto de apresentação da exposição “*Cabo-Verdianamente*”, Praia.

TORRÃO, Maria Manuel Ferraz. (1991a). «*Actividade Comercial Externa de Cabo Verde: Organização, Funcionamento, Evolução*» in *História Geral de Cabo Verde*, coord. Luís de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos. Vol. I. Coimbra: Instituto de investigação científica e tropical, Lisboa e Direcção do património cultural de Cabo Verde, Praia, Coimbra.

TORRÃO, Maria Manuel Ferraz. (1991b). *Subsídios para a História Geral de Cabo Verde - O algodão da ilha do Fogo: uma matéria-prima de produção afro-europeia para uma manufactura africana*, In *Stúdia* nº50, Lisboa, pp. 157-176.

VEIGA, Manuel. (1997). “Cabo Verde: Que cultura, que direito, que dinamismo”, *Pré-textos*, nº especial, Ministério de Cultura. Praia.

Legislação (Cabo Verde)

Decreto-Lei nº 45/75 de 24 de Maio -“Cria a Comissão de Investigação e Divulgação Cultural”, in *Boletim Oficial* nº 21, de 24 de Maio de 1975, I Série.

Portaria nº45/75 de 7 de Junho -“Atribui Comissão de Investigação e Divulgação Cultural e cria as suas Delegações”, in *Boletim Oficial* nº 23, de 7 de Junho de 1975, I Série.

Portaria nº45/86 de 29 de Novembro -“Cria o Ministério da Informação Cultura e Desportos”, in *Boletim Oficial* nº 48, de 29 de Novembro de 1986, I Série.

Decreto-Lei nº 99-A/90 de 27 de Outubro -“Cria o Instituto Nacional do Cultura (INAC) ”, in *Boletim Oficial* nº 43, de 27 de Outubro de 1990, I Série.

Decreto-Lei nº 101-C/90 de 23 de Novembro -“Cria no âmbito do Ministério da Informação, Cultura e Desportos, a Direção Geral dos Assuntos Culturais”, in *Suplemento ao Boletim Oficial de Cabo Verde* nº 46, de 23 de Novembro de 1990, I Série

Lei nº102/III/90 de 29 de Dezembro -“ Define a preservação, defesa e valorização do património cultural cabo-verdiano”, in *Suplemento ao Boletim Oficial da República de Cabo Verde* nº 52, de 29 de Dezembro de 1990, I Série.

Decreto-Lei nº97/97 de 31 de Dezembro - “Cria, junto do Gabinete do Secretário de Estado da Cultura, o Gabinete de Salvaguarda do Património, abreviadamente designado GSP”, in *Boletim Oficial* nº 50, de 31 de Dezembro de 1997, I Série.

Decreto-Lei nº 53/99 de 23 de Agosto – “Orgânica do Ministério da Cultura, in *Boletim Oficial* nº 30, de 23 de Agosto de 1999, I Série.

Lei nº 72/IV/2005 de 4 de Julho - “Assembleia Nacional institui o Dia Nacional da Cultura”, in *Boletim Oficial* nº 27, de 4 de Julho de 2005, I Série.

Cartas internacionais

AAVV, *Carta Internacional sobre Turismo Cultural*, Paris, ICOMOS, 1976.

AAVV, *Declaração do México, Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais*, ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, 1985.

AAVV, *Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular*, Conferência Geral da UNESCO - 25ª Reunião Paris Novembro de 1989, A.

AAVV, *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*, 32ª sessão da UNESCO, Paris, 2003.

WEB GRAFIA

<http://www.pordosol.com.cv/index.php?page=cabo-verde> – consultado em Fev. 2013;

<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/cv.html>, consultado em Fev. 2013;

http://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_de_Cabo_Verde consultada em Fev. 2013.

<http://www.reformadoestado.gov.cv/index.php/news/205-boa-governacao-elevou-cabo-verde-a-pais-de-desenvolvimento-medio> - consultado Março 2013;

http://www.alfa.cv/anacao_online/index.php/cultura/3882-artesanato-cabo-verdiano-face-a-concorrencia-da-costa-africana - consultada em Março 2013;

<http://www.tecelagemmanual.com.br/manuais/manual.pdf>- consultado em Dez. 2012;

www.dicionarioweb.com.br/pano.html- consultado em Março de 2013;

<http://home.no/tabanka/pano1.htm> - consultado em Fevereiro de 2013:

<http://grenhportfolio.files.wordpress.com/2010/01/brochura-cao.pdf> consultado em Fevereiro de 2013;

<http://noticias.sapo.cv/cultura/agenda/evento//1110940.html>-consultado em Maio de 2013;

http://www.faroldacciss.org/index.php?option=com_content&view=article&id=181:perfil-empresarial-do-mes-de-julho-fatima-almeida&catid=90:entrevista&Itemid=185 – consultado em Dezembro de 2012;

http://www.portalangop.co.ao/galeria_de_fotos/foto.jsp?uuid=c287fa74-97ec-45bb-bd9b-ba024b9a36b7- consultado em Maio 2013;

<http://nospatrimonio.blogspot.pt/2012/01/pano-terra-faz-sucesso-no-cvma.html>- consultado em Dezembro de 2012;

<http://fotos.sapo.pt/mulhercv/albums/?aid=48> - consultado em Dezembro 2012;

https://www.facebook.com/StrinkasTerra/photos_albums - consultado em Fev. de 2013;

<http://fotos.sapo.pt/partner/albums/?aid=57&listar=normal&ordenar=maisrecentes&pagina=2#lista> – consultado em Dezembro de 2012;

http://www.embcv.pt/lista_conteudos_sub.asp?idcont=1909&idarea=4&idsub=787-
Consultado em Maio de 2013;

<http://noticias.sapo.cv/foto/> - consultado em Junho de 2013;

<http://radioatlantico.blogspot.pt/2010/06/diaspora-cv-portugalcavaco-silva-elogia.html> -
consultado em Dezembro 2012;

<http://www.diarioliberalidade.org/component/search/?areas%5B0%5D=content&searchphrase=exact&searchword=caboverde> - consultado em Maio de 2013;

http://www.radioeducativa.cv/index.php?paginas=21&id_cod=203- consultado em
Maio de 2013;

<http://fotos.sapo.pt/celebridadescv/fotos/?uid=dDNnhuwYamupIZdmccb&aid=7&grande#normal>- consultado em Maio de 2013;

http://semanariocontacto.blogspot.com/2012_03_01_archive.html - consultado em Maio
de 2013;

<http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article85309&ak=1> - consultado em Maio de
2013;

http://fotos.sapo.pt/cabo_verde/albums/?aid=1171- consultado em Maio de 2013;

[http://www.expressodasilhas.sapo.cv/pt/noticias/go/artesinato-cabo-verdiano-tera-selo-
de-qualidade-e-um-mercado-proprio](http://www.expressodasilhas.sapo.cv/pt/noticias/go/artesinato-cabo-verdiano-tera-selo-de-qualidade-e-um-mercado-proprio) - consultado em Dezembro de 2013;

www.governo.cv/.../124-plano-estrategico-intersectorial-da-cultura-plei- consultado
em Março de 2013;

<http://patrimonium-cv.blogspot.pt/2011/11/sao-vicente-contribuicao-do-artesinato.html>
- consultado em Março de 2013;

[http://www.alfa.cv/anacao_online/index.php/cultura/1175-fonartes-pensando-o-
artesinato-nacional-no-mindelo](http://www.alfa.cv/anacao_online/index.php/cultura/1175-fonartes-pensando-o-artesinato-nacional-no-mindelo) - consultado em Março de 2013;

http://www.iipc.cv/index.php?option=com_content&view=article&id=52&Itemid=56-
consultado em Março/2013;

<http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article65946&ak=1> consultado em Dezembro de
2012.

ANEXOS

Anexo 1 – Entrevistas

A- Guião de entrevista ao Tecelão

Identificação Nome Morada..... Profissão.....	
Idade: 20- 30 <input type="checkbox"/> 30-50 <input type="checkbox"/> 50 ou mais <input type="checkbox"/>	
Perguntas	Respostas
1- Desde quando faz panos?	
2- Como aprendeu a fazer panos?	
3- Que instrumentos o senhor utiliza para fazer panos?	Os mesmos que eram usados antigamente <input type="checkbox"/> Outros <input type="checkbox"/>
4- Que tipo de linha utiliza?	Linha importada <input type="checkbox"/> linha de algodão de terra <input type="checkbox"/>
5- Quais são os tipos ou padrões de pano que o senhor confeciona?	
6- A tecelagem é uma atividade lucrativa? Justifica a sua resposta.	
7- O preço do pano é igual para qualquer tipo? Justifica.	
8- Quando faz o preço do pano, o que leva em conta?	O tempo gasto <input type="checkbox"/> O preço das matérias-primas <input type="checkbox"/> Originalidade do padrão <input type="checkbox"/> Pessoas que encomenda <input type="checkbox"/> Outros <input type="checkbox"/> Quais?.....
9- Normalmente quem compra os seus panos?	Mulheres que usam <input type="checkbox"/> Pessoas que usam pano para fazer roupas, sapatos e/ou acessórios <input type="checkbox"/> Emigrantes <input type="checkbox"/> Turistas <input type="checkbox"/>
10- Que tipo é mais procurado? Porquê?	
11- Que importância o pano tem para si?	
12- Acha que o pano corre risco de desaparecer? Porquê?	
13- O que deve ser feito para evitar o seu desaparecimento?	
14- O que o ministério da cultura tem feito para evitar o desaparecimento do pano?	
15- Foi criado um selo de certificação de qualidade para produtos de artesanato nacional. O senhor usa-o nos seus produtos? Porquê?	
16- O que o senhor acha dos panos vindos do Senegal imitando o pano de terra?	
17- Acha que o pano de terra deve ser classificado património nacional? Porquê?	
Os tipos de pano	
18- Que Tipo (nomes) de pano que o senhor conhece?	Porque é chamado assim?
1- Dente rato	

2- Sete liço 3- Independência 4- Rabecindade 5- tchocotinha 6- Ferro gaita 7- Nove dinheiro 8- Centenário 9- Verso Nobo Outros	
--	--

Obrigada pela sua contribuição
Ana Spínola Levy

Entrevista nº 1

Identificação Nome: Henrique Sanches Ribeiro Morada: João Dias Profissão: Tecelão Idade: 20- 30 <input type="checkbox"/> 30-50 X 50 ou mais <input type="checkbox"/>	
Perguntas	Respostas
1- Desde quando faz panos?	Desde os 17 anos- cerca de 25 anos
2- Como aprendeu a fazer panos?	Foi o meu tio que me ensinou o segredo da tecelagem
3- Que instrumentos o senhor utiliza para fazer panos?	Os mesmos que eram usados antigamente, com algumas modificações mais modernas.
4- Que tipo de linha utiliza?	Uso mais linha importada de várias cores e linha de algodão de terra e tingida. Sei que a linha importada é de menor qualidade. No entanto, faço pano tipo d’obra com essa linha para torná-lo mais acessível ao bolso dos clientes. Fazer pano d’obra com linha de algodão puro fica muito caro, por volta de 25 ou 30 mil escudos o que fica caro para a nossa realidade. Além disso, não há algodão e tinta natural suficiente para cobrir toda a produção. Só faço pano de algodão natural por encomenda. Guardo sempre linha de algodão local e pães de tinta pronto para serem usados caso houver alguma encomenda.
5- Quais são os tipos ou padrões de pano que o senhor confeciona?	Todo o tipo- Pano de bitcho, chã e panos d’obra.
6- A tecelagem é uma atividade lucrativa? Justifica a sua resposta.	É lucrativa mas não é um negócio contínuo, ou seja, não tem a mesma procura em toda a época.
7- O preço do pano é igual para qualquer tipo? Justifica.	Não, o preço varia conforme o tipo e conforme os materiais utilizados. Por ex: os de obras são mais caros e sobretudo quando é feito de algodão de terra.
8- Quando faz o preço do pano, o que leva em conta?	O tempo gasto, o preço das matérias-primas e a originalidade do padrão.
9- Normalmente quem compra os seus panos?	Mulheres, pessoas que usam pano para fazer roupas, sapatos e/ou acessórios, Emigrantes e Turistas.
10- Que tipo é mais procurado? Porquê?	São os panos de obra, mas, feitos de linha importada porque

	são mais baratos.
11- Que importância o pano tem para si?	O pano é importante porque faz parte do nosso passado, serviu de moeda de troca, serviu de vestuário e, ainda hoje, é usado no nosso vestuário. É tradição dos cabo-verdianos.
12- Acha que o pano corre risco de desaparecer? Porquê?	Acho que não, apesar de hoje poucas mulheres usarem pano na cintura, mas mesmo assim, ainda há muita procura de panos para fazer outros tipos de produtos.
13- O que deve ser feito para evitar o seu desaparecimento?	- Deve-se apoiar a produção do pano e formar os mais novos de modo a não deixar morrer a nossa tradição. Eu mesmo já dei algumas formações e já participei em exposições nas galerias e feiras fora de Cabo Verde, em países como, Luxemburgo, Itália, França e Holanda, com a ajuda de <i>Cabo Verde Investimentos</i> . Tudo isso para divulgar a nossa tradição!
14- O que o ministério da cultura tem feito para evitar o desaparecimento do pano?	- Tem apoiado algumas formações...
15- Foi criado um selo de certificação de qualidade para produtos de artesanato nacional. O senhor usa-o nos seus produtos? Porquê?	Tenho essa informação, mas, que eu saiba, ainda não é usado nos produtos.
16- O que o senhor acha dos panos vindos do Senegal imitando o pano de terra?	Esses panos são usados em Cabo Verde como se fossem nossos mas há uma grande diferença porque são mais leves e tem menos qualidade. Para já são mais baratos, por isso, muitas pessoas os preferem, o que vem prejudicando a venda dos nossos panos. Mas, os que nós fazemos cá, têm mais qualidade, e exige mais trabalho e por isso é mais caro.
17- Acha que o pano de terra deve ser classificado património nacional? Porquê?	Acho que sim, porque faz parte da nossa história e representa a nossa cultura dentro e fora do país.

Os tipos de pano

18 – Que Tipo (nomes) de pano que o senhor conhece?	Porque é chamado assim?
1- Dente rato 2- Sete liço 3- Independência 4- Rabecindade 5- tchocotinha 6- Ferro gaita 7- Nove dinheiro 8- Centenário 9- Verso Nobo 10- Roda spora 11- Novo mundo	Porque tem desenhos que se assemelham aos dentes do rato; Porque é utilizado sete liços na sua confeção; Não sei “ “ “ “ “ “ Porque os desenhos assemelham a espora do cavalo; Novo tipo de pano é um Pano moderno

Obrigada pela sua contribuição
Ana Levy

Entrevista nº 2

Identificação		
Nome: Eunice Correia	Morada: Serra Malagueta- S. Catarina	Profissão: Tecelã
Idade: 20- 30 <input checked="" type="checkbox"/>	30-50 <input type="checkbox"/>	50 ou mais <input type="checkbox"/>
Perguntas	Respostas	
1- Desde quando faz panos?	Desde 2007, ano em que me formei.	
2- Como aprendeu a fazer panos?	Numa formação- financiada pelo projeto <i>áreas protegidas</i> .	
3- Que instrumentos, a senhora utiliza para fazer panos?	Os mesmos que eram usados antigamente com algumas modificações mais modernas.	
4- Que tipo de linha utiliza?	Linha importada do Senegal.	
5- Quais são os tipos ou padrões de pano que a senhora confeciona?	Panos de bicho (de acordo com a armação dos liços, feito por um amigo também tecelão) * *A senhora não sabe armar liços.	
6- A tecelagem é uma atividade lucrativa? Justifica a sua resposta.	Sim, dá para sobreviver e suprir algumas necessidades. Este é o meu “ganha-pão”	
7- O preço do pano é igual para qualquer tipo? Justifica.	Sim, 1200 cada banda de pano	
8- Quando faz o preço do pano, que critério leva em conta?	O tempo gasto e o preço das matérias-primas (antes 1kg de linha custava 1500 escudos e agora subiu para 1700 escudos).	
9- Normalmente quem compra os seus panos?	Essencialmente, Emigrantes e Turistas.	
10- Que tipo é mais procurado? Porquê?	São todos muito procurados.	
11- Que importância o pano tem para si?	É importante porque é nossa tradição.	
12- Acha que o pano corre risco de desaparecer? Porquê?	Não, porque continua a ser utilizado; o seu uso está a reavivar.	
13- O que deve ser feito para evitar o seu desaparecimento?	Devemos continuar a produzir panos.	
14- O que o Ministério de Cultura tem feito para evitar o desaparecimento do pano?	Sem resposta	
15- Foi criado um selo de certificação de qualidade para produtos de artesanato nacional. A senhora usa-o nos seus produtos? Porquê?	Não tenho conhecimento.	
16- O que a senhora acha dos panos vindos do Senegal imitando o pano de terra?	Acho que são panos falsos de pouca qualidade, o tecido é diferente.	

17- Acha que o pano de terra deve ser classificado património nacional? Porquê?	Sem resposta
---	--------------

Os tipos de pano

18- Que Tipo (nomes) de pano que o senhor conhece?	Porque é chamado assim?
1- Dente rato	Sem resposta
2- Sete liço	“
3- Independência	“
4- Rabecindade	“
5- tchocotinha	“
6- Ferro gaita	“
7- Nove dinheiro	“
8- Centenário	“
9- Verso Nobo	“
Outros	“

Obrigada pela sua contribuição
Ana Spínola Levy

Entrevista nº 3

Identificação	
Nome: António Semedo Cabral Morada: Lagoa- Tarrafal Profissão: Tecelão	
Idade: 20- 30 <input type="checkbox"/> 30-50 X 50 ou mais <input type="checkbox"/>	
Perguntas	Respostas
1- Desde quando faz panos?	Desde 1983.
2- Como aprendeu a fazer panos?	Aprendi com o senhor “Nho Toni” homem que criou o meu pai. Como deixei de estudar, ele tinha muitas encomendas de pano e me ensinou para poder ajuda-lo.
3- Que instrumentos o senhor utiliza para fazer panos?	Os mesmos que eram usados antigamente e alguns outros que eu adaptei.
4- Que tipo de linha utiliza?	Linha importada e linha de algodão de terra.
5- Quais são os tipos ou padrões de pano que o senhor confeciona?	Faço todos os tipos de pano, desde os mais simples aos panos de obra.
6- A tecelagem é uma atividade lucrativa? Justifica a sua resposta.	É lucrativa em momentos de alta. Antigamente rendia muito mais, o meu tio fez muito dinheiro com este trabalho.
7- O preço do pano é igual para qualquer tipo? Justifica.	Não. Depende do tipo de pano. Uma tira do pano chã com meada de terra custa 100\$ e um pano completo 6000\$ e com meada importada 1 tira 700\$. Os de bitcho, cada tira, custam 1500, se for de meada importada e 2000\$ se for de algodão de terra.
8- Quando faz o preço do pano, o que leva em conta?	O tempo gasto e o preço das matérias-primas

9- Normalmente quem compra os seus panos?	As mulheres que usam, Pessoas que usam pano para fazer roupas, sapatos e/ou acessórios, emigrantes e, sobretudo, Turistas.
10- Que tipo é mais procurado? Porquê?	Os mais procurados são os de algodão de terra.
11- Que importância o pano tem para si?	Para mim é muito importante porque sempre constituiu a base de sustento da minha família, é o meu ganha-pão.
12- Acha que o pano corre risco de desaparecer? Porquê?	Sim. Porque as mulheres quase não usam esses panos na cintura. Antigamente chegavam lá em casa do meu tio, muitas mulheres que iam buscar os panos que encomendavam. Levavam balaios cheios de comida e presentes e ainda pagavam com dinheiro o preço dos panos.
13- O que deve ser feito para evitar o seu desaparecimento?	Dar mais formação mas com algum cuidado, isto é, não ensinar somente a forma de fazer tecidos (tecer), mas sobretudo ensinar na confeção de “máquinas”- tear e acessórios, porque só assim podemos preservar o pano.
14- O que o ministério da cultura tem feito para evitar o desaparecimento do pano?	Não tenho conhecimento de nenhuma medida tomada neste sentido;
15- Foi criado um selo de certificação de qualidade para produtos de artesanato nacional. O senhor usa-o nos seus produtos? Porquê?	Não, mas gostaria de usar para dar mais valor ao meu trabalho.
16- O que o senhor acha dos panos vindos do Senegal imitando o pano de terra?	Esses panos são os nossos maiores concorrentes. Quando esses panos chegaram em Cabo Verde, muito barato, não conseguíamos vender os nossos porque são mais caros. Mas depois que começaram a usá-los viram que pouco tempo depois já estavam velhos, que a qualidade é inferior, passaram a preferir o pano de terra.
17- Acha que o pano de terra deve ser classificado património nacional? Porquê?	Sim, faz parte da nossa história e pelo papel que desempenhou na economia de Cabo Verde. É símbolo da nossa cultura.

Os tipos de pano

18 - Tipo (nomes) de pano que o senhor conhece	Porque é chamado assim?
1- Dente rato 2- Sete liço 3- Cinco liço 5- Nova estrela 4- Independência 7- Novo dinheiro 6- Roda spora 8- Novo mundo 9- Mascote	-Porque tem desenhos que se assemelham aos dentes do rato; -Porque é utilizado sete liços na sua confeção; -Porque é utilizado cinco liços na sua confeção; -Tem muitas estrelas -Tem um desenho parecido com a estrela da nossa bandeira; -Porque foi inventado na época em que mudaram a moeda em Cabo Verde; -Com desenhos semelhantes a espora do cavalo; -Pano moderno - Com desenhos de estilo de uma mascote;

Entrevista nº 4

Guião de entrevista ao tecelão

Identificação Nome <i>José Salino Lopes Teixeira</i> Idade: 20-30 <input type="checkbox"/> 30-50 <input checked="" type="checkbox"/> 50 ou mais <input type="checkbox"/>	
Perguntas	Respostas
1- Desde quando faz panos?	<i>Desde 1978 (clarificar 1978)</i>
2- É tecelão de profissão ou amador?	<i>De profissão e amador</i>
3- Como aprendeu a fazer panos?	<i>Na família (tio pai).</i>
4- Que instrumentos o senhor utiliza para fazer panos?	Os mesmos que eram usados antigamente <input checked="" type="checkbox"/> Outros <input type="checkbox"/>
5- Que tipo de linha utiliza?	Linha importada <input checked="" type="checkbox"/> linha de algodão de terra <input type="checkbox"/>
6- Quais são os tipos ou padrões de pano que o senhor confeciona?	<i>Pano bicho, pano dobro, pano sham entre outros.</i>
7- A tecelagem é uma atividade lucrativa? Justifica a sua resposta.	<i>É lucrativa porque faz-se não se trata de conservar a cultura mas com fim de comercializar</i>
8- O preço do pano é igual para qualquer tipo? Justifica.	
9- Quando faz o preço do pano, que requisitos leva em conta?	O tempo gasto <input checked="" type="checkbox"/> O preço das matérias primas <input checked="" type="checkbox"/> Originalidade do padrão <input checked="" type="checkbox"/> Pessoas que encomenda <input type="checkbox"/> outros <input type="checkbox"/> Quais?.....
10- Normalmente quem compra os seus panos?	Mulheres que usam <input checked="" type="checkbox"/> Pessoas que usam pano para fazer roupas, sapatos e/ou acessórios <input checked="" type="checkbox"/> Emigrantes <input checked="" type="checkbox"/> Turistas <input checked="" type="checkbox"/>
11- Que tipo é mais procurado? Porquê?	<i>Pano de bicho, porque o preço é mais acessível.</i>
12- Que importância o pano tem para si?	<i>Tem muita importância na conservação da nossa cultura etc...</i>
13- Acha que o pano corre risco de desaparecer? Porquê?	<i>Não, porque há muita preocupação por parte do governo e organizações não governamentais na preservação desta tão nobre cultura de B. Verde.</i>

não governamentais na preservação desta tão nobre cultura de B. Verde.

14- O que deve ser feito para evitar o seu desaparecimento?	<i>Sensar e formar jovens tendo em ^{conta} criação de vários centros de formação</i>
15- O que o ministério da cultura tem feito para evitar o desaparecimento do pano?	<i>Promover várias actividades no que concerne a divulgação desta cultura, formação entre outros...</i>
16- Foi criado um selo de certificação de qualidade para produtos de artesanato nacional. O senhor usa- nos seus produtos? Porquê?	<i>Não é do meu conhecimento.</i>
17- O que o senhor acha dos panos vindos do Senegal imitando o pano de terra?	<i>O pano de terra tem a sua originalidade na colocação de padrões, enquanto que o do Senegal o padrão é feito através de desenhos</i>
18- Acha que o pano de terra deve ser classificado património nacional? Porquê?	<i>Sim! Porque o pano de terra marca no ^{do} povoamento e a colonização de b. Verde</i>

Tipo (nomes) de pano que o senhor conhece	Porque é chamado assim
Exemplos:	<i>Pano d'obra, pano bruto, pano d'obra bruto, pano chá, o nome de pano vem de tipo de padrão</i>
1- Dente rato	Porque tem desenhos que se assemelham aos dentes do rato;
2- Sete liço	Porque é utilizado sete liços na sua confeção;
3- Independência	<i>A utilização de sete liços, menos liços ou mais liços, tem haver com a simplicidade ou complexidade na colocação dos desenhos (padrões).</i>
4- Rabecindade	
5- tchocotinha	
6- Ferro gaita	
7- Nove dinheiro	
8- Centenário	
9- Verso Nobo	

Obrigada pela sua contribuição

Ana Spínola Levy

Obs: Podia ser muito mais claro para ajudar a Senhora Ana, mas o espaço é muito limitado, não dá para escrever tanto. Boa sorte no trabalho

B- Guião de entrevista às mulheres

Identificação	
Nome: Morada: Profissão:	
Idade: 20- 30 <input type="checkbox"/> 30-50 <input type="checkbox"/> 50 ou mais <input type="checkbox"/>	
Perguntas	Respostas
1 - A senhora usa pano? Porquê?	
2- Que tipo de pano usa?	
3- Como costuma usar pano?	
4- Em que ocasião costuma usar esses panos?	
5- Que importância o pano tem para si?	
6- Como é que a senhora adquire esses panos? Compra ou recebe de presente? Em que ocasião?	
7- Quanto custam os panos que a senhora compra?	
8- Atualmente usa-se o pano para fazer vestuário ou acessórios (cinto, sapatos, bolsas de senhora, carteira). A senhora usa esses produtos feitos com pano de terra?	
9- O que a senhora acha dessa nova forma de usar pano?	
10- O pano exige alguns cuidados para preservar a sua integridade. Quais?	
11- Acha que o pano tem o mesmo valor que tinha antigamente? Se não porquê?	
14- Acha que deveria proteger a produção de panos em Cabo verde?	

Obrigada pela sua contribuição

Ana Levy

Entrevista nº1

Identificação		
Nome: Maria Tavares	Morada: Assomada- Santa Catarina	Profissão: Doméstica
Idade: 20- 30 <input type="checkbox"/>	30-50 <input type="checkbox"/>	50 ou mais <input checked="" type="checkbox"/>
Perguntas	Respostas	
1- A senhora usa pano? Porquê?	<p>Uso porque é bonito. Desde pequena a minha mãe usava pano e ajudava-a a preparar a linha para tecer. Não é só para enfeitar mas serve para sustentar “madre” (útero). Sem ele sinto-me leve, nua e sem força.</p> <p>Porque uma mulher depois de ter um filho já não fica a mesma coisa, fica mais frágil. Por isso, sobretudo quando faz algum trabalho pesado deve amarrar a cintura para evitar que “madre” saia do lugar. Também quando a mulher tem um filho pode usar por cima da saia para resguardar do frio.</p>	
2- Que tipo de pano usa?	Uso todos os tipos. Tenho vários panos guardados	
3- Como costuma usar pano?	Uso o pano amarrado na cintura. Também todos os meus filhos foram transportados às costas com pano de terra.	
4- Em que ocasião costuma usar esses panos?	Uso pano em todas as ocasiões. Uso pano d’obra quando vou à missa, visitas de pesamos, festas. Em casa uso os mais simples ou os mais velhos.	
5- Que importância o pano tem para si?	Para mim o pano é uma peça de vestuário de igual importância como as outras, gosto dele e faço esforço para adquirir vários padrões. Além disso, tem também um grande valor. Serve de emergência, se faltar dinheiro em casa posso vender um deles.	
6- Como é que a senhora adquire esses panos? Compra ou recebe de presente? Em que ocasião?	Comprei todos.	
7- Quanto custam os panos que a senhora compra?	O preço depende do tipo de pano. Mas o mais caro que tenho custa 12000 escudos.	
8- Atualmente usa-se o pano para fazer vestuário ou acessórios (cinto, sapatos, bolsas de senhora, carteira). A senhora usa esses produtos feitos com pano de terra?	Conheço essas peças mas não as uso. Já vi pessoas a usar, mas para mim o pano deve ser usado na cintura.	
9- O que a senhora acha dessa nova forma de usar pano?	Acho bonito já que os jovens não usam na cintura, podem usar de outra forma.	
10- O pano exige alguns cuidados para preservar a sua integridade. Quais?	<p>Sim. Por exemplo para lavar é preciso tomar cuidado para evitar que o preto ou azul não passe para as partes brancas. Antigamente havia mulheres especializadas para lavar panos. Nem todos sabiam lavar pano. Os panos de hoje não precisam de muitos cuidados. É só lavar com detergente líquido e secar à sombra. No meu caso, poucas vezes lavo os meus panos. Não é uma coisa que suja muito porque sempre</p>	

	que uso tomo cuidado para não sujar e depois de chegar à casa tiro logo e guardo na mala enrolado num lenço para não sujar.
11- Acha que o pano tem o mesmo valor que tinha antigamente? Se não porquê?	Não. Os jovens de hoje não querem usar pano. Eles não conhecem o valor do pano.
14- Acha que deveria proteger a produção de panos em Cabo verde?	Acho que devem proteger a produção do pano porque é uma coisa que é nossa. É um costume antigo. Os nossos antepassados usavam panos.

Obrigada pela sua contribuição
Ana Levy

Entrevista - nº2

Identificação	
Nome: Titina Sanches	Morada: Achada Falcão –S ^{ta} . Catarina Profissão: Doméstica
Idade: 20- 30 <input type="checkbox"/>	30-50 <input checked="" type="checkbox"/> 50 ou mais X
Perguntas	Respostas
1- A senhora usa pano? Porquê?	Sim, porque acho que é bonito e é uma peça importante para a vestimenta das mulheres. Quando saio de casa, uso sempre um pano de terra. Em casa uso “sulada”.
2- Que tipo de pano usa?	Tenho vários tipos de pano. Tenho os mais simples e mais barato mas também tenho panos de obra que são os mais caros. Também tenho “sulada”.
3- Como costuma usar pano?	Uso sempre amarrado na cintura, mas se sentir frio e não tenho casaco comigo uso para resguardar o frio.
4- Em que ocasião costuma usar esses panos?	Pano de terra uso para sair, quando vou à missa, visita de pesamos ou quando vou para a festa.
5- Que importância o pano tem para si?	È importante porque é a nossa cultura, encontrei os mais velhos a usarem. E tem um grande valor porque se me faltar dinheiro posso vende-los, dá uma ajudinha. Antigamente muitas pessoas penhoravam seus panos quando faltava um dinheirinho em casa.
6- Como é que a senhora adquire esses panos? Compra ou recebe de presente? Em que ocasião?	Eu compro no mercado de Sucupira e às vezes mando fazer. Já tive panos também que eu preparei linha e dei ao tecelão para tecer e paguei apenas a mão-de-obra.
7- Quanto custam os panos que a senhora compra?	Vários preços- desde 6000 escudos a 9000 escudos que são os de algodão.
8- Atualmente usa-se o pano para fazer vestuário ou acessórios (cinto, sapatos, bolsas de senhora, carteira). A senhora usa esses produtos feitos com pano de terra?	Não. Eu apenas uso pano amarrado na cintura mas, vejo os meus netos a usarem roupas, sapatos, bolsas, que trazem na confeção a moda do pano de terra.
9- O que a senhora acha dessa nova forma de usar pano?	Acho bonito mas, somente quando são os jovens a usarem.
10- O pano exige alguns cuidados para preservar a sua integridade. Quais?	Sim, por exemplo para lavar o pano é preciso cuidado para não estragar. Os que são feitos agora não exigem muito cuidado mas os feitos de algodão tingido tem de se tomar cuidado para que as partes tingidas não passem para as partes brancas.

11- Acha que o pano tem o mesmo valor que tinha antigamente? Se não porquê?	Acho que não porque antigamente todas as raparigas ao prepararem para o casamento deviam ter pelo menos um pano no seu enxoval e os próprios pais ou padrinhos ofereciam panos no casamento. Era um luxo uma mulher ao sair do hospital com o seu bebe ao colo, estar vestida com um pano d'obra. Hoje ninguém liga para isso.
14- Acha que deveria proteger a produção de panos em Cabo verde?	Devemos sim, porque é uma coisa antiga que encontramos as mulheres mais velhas a usarem e devíamos morrer e deixar para os mais novos usarem. Isso é o mais correto.
15- O que acha da imitação dos panos de terra que vêm de Dakar?	Não tem mesma qualidade e não tem mesmo valor.

Obrigada pela sua contribuição
Ana Levy

Entrevista nº3

Identificação	
Nome: Ana Borges	Morada: Achada Grande- S. Catarina
Idade: 20- 30 <input type="checkbox"/>	30-50 <input type="checkbox"/> 50 ou mais <input checked="" type="checkbox"/>
Profissão: Doméstica	
Perguntas	Respostas
1- A senhora usa pano? Porquê	Sim, porque para mim é uma forma de manter o corpo protegido sobretudo quando ando uma longa distância a pé, consigo andar mais depressa.
2- Que tipo de pano usa?	Todo o tipo, conforme os lugares onde vou.
3- Como costuma usar pano?	Enrolado na cintura
4- Em que ocasião costuma usar esses panos?	Todas as ocasiões. Mesmo em casa uso sulada ou um pano mais velho.
5- Que importância o pano tem para si?	Acho importante porque nascemos, encontramos os mais velhos a usarem e vamos morrer e vamos deixar para os mais novos. É a nossa tradição. Só que eles não o querem usar.
6- Como é que a senhora adquire esses panos? Compra ou recebe de presente? Em que ocasião?	Compro mas também já recebi de presente do meu marido e da minha comadre. Do meu marido foi quando tive o meu primeiro filho e a minha comadre foi um "gasadjo" (foi oferecido quando fez uma visita á sua comadre).
7- Quanto custam os panos que a senhora compra?	Há vários preços. (vai de 3.000 a 12.000 escudos ou até mais)
8- Atualmente usa-se o pano para fazer vestuário ou acessórios (cinto, sapatos, bolsas de senhora, carteira). A senhora usa esses produtos feitos com pano de terra?	Eu não costumo usar esses produtos.
9- O que a senhora acha dessa nova forma de usar pano?	Acho bonito, já que não querem usar como eu uso pelo menos assim.
10- O pano exige alguns cuidados para preservar a sua integridade. Quais?	O pano deve ser lavado e secar à sombra. Antigamente, nós usávamos pedras de anil para dar mais brilho.

11- Acha que o pano tem o mesmo valor que tinha antigamente? Se não porquê?	Não, porque antigamente era usado por maioria das mulheres e jovens e hoje poucas mulheres usam. Os jovens já não dão muito valor.
14- Acha que deveria proteger a produção de panos em Cabo verde?	Sim
15- O que acha da imitação dos panos de terra que vêm de Dakar?	Não é mesma coisa.

Obrigada pela sua contribuição
Ana Levy

Entrevista nº-4

Identificação	
Nome: Paula Cabral	Morada: Engenhos - Santa Catarina
Profissão: Doméstica	
Idade: 20- 30 <input type="checkbox"/>	30-50 <input type="checkbox"/> 50 ou mais <input checked="" type="checkbox"/>
Perguntas	Respostas
1- A senhora usa pano? Porquê?	Sim. Em casa só quando estou a fazer trabalhos pesados para dar mais força.
2- Que tipo de pano a senhora usa?	Uso sulada, pano chã e pano d'obra.
3- Como costuma usar pano?	Amarrado na cintura, ou para transportar crianças às costas.
4- Em que ocasião costuma usar esses panos?	Na época de trabalhos de campo uso sulada e panos d'obra para ir à missa, festas, visitas de pesamos. Uso pano sempre.
5- Que importância o pano tem para si?	Acho importante porque é nossa tradição.
6- Como é que a senhora adquire esses panos? Compra ou recebe de presente? Em que ocasião?	Compro ou mando fazer
7- Quanto custam os panos que a senhora compra?	Vários preços
8- Atualmente usa-se o pano para fazer vestuário ou acessórios (cinto, sapatos, bolsas de senhora, carteira). A senhora usa esses produtos feitos com pano de terra?	Não.
9- O que a senhora acha dessa nova forma de usar pano?	Acho bonito, mas não uso.
10- O pano exige alguns cuidados para preservar a sua integridade. Quais?	Lavo-os como as outras roupas. Os de algodão são aqueles que precisam de mais cuidados. Isso é antigamente.
11- Acha que o pano tem o mesmo valor que tinha antigamente? Se não porquê?	Não, porque antigamente era usado por maioria das mulheres e jovens e hoje poucas mulheres usam. As jovens já não dão muito valor. Algumas usam quando vão trabalhar no campo.
14- Acha que deveria proteger a produção de panos em Cabo verde?	Sim, para não se perder
15- O que acha da imitação dos panos de terra que vêm de Dakar?	Não é mesma coisa. Mas também são bonitos.

Obrigada pela sua contribuição
Ana Levy

Entrevista nº 5

Identificação		
Nome Maria Semedo Varela	Morada: Ponta Furna – Tarrafal	Profissão: Oleira
Idade: 20- 30 <input type="checkbox"/>	30-50 ×	50 ou mais <input type="checkbox"/>
Perguntas	Respostas	
1- A senhora usa pano? Porquê?	Não uso mas tenho um pano em casa.	
2- Que tipo de pano usa?		
3- Como costuma usar pano?		
4- Em que ocasião costuma usar esses panos?		
5- Que importância o pano tem para si?	É importante porque é o nosso património, é hábito que constitui a nossa identidade.	
6- Como é que a senhora adquire esses panos? Compra ou recebe de presente? Em que ocasião?	Foi a minha mãe que me ofereceu de presente de casamento. Como eu não o uso, neste momento eu dividi e dei uma faixa para a minha filha mais velha usar na cabeça	
7- Quanto custam os panos que a senhora compra?	Nunca comprei	
8- Atualmente usa-se o pano para fazer vestuário ou acessórios (cinto, sapatos, bolsas de senhora, carteira). A senhora usa esses produtos feitos com pano de terra?	Eu não uso o pano amarrado de forma tradicional na cintura mas, uso cinto, carteira, bolsas e sapatos feitos com pano.	
9- O que a senhora acha dessa nova forma de usar pano?	Acho que é a melhor forma de se usar o pano.	
10- O pano exige alguns cuidados para preservar a sua integridade. Quais?	O pano deve ser lavado com detergente apropriado e secar à sombra.	
11- Acha que o pano tem o mesmo valor que tinha antigamente? Se não porquê?	Tem o mesmo valor ou até mais porque agora é usado de várias formas e por todos. Os homens por exemplo hoje andam a usar pano nas suas roupas, chapéus, gravatas, malas.	
14- Acha que deveria proteger a produção de panos em Cabo verde?	Devemos sim, preserva-lo porque é um património e não devemos deixar desaparecer.	
15- O que acha da imitação dos panos de terra que vêm de Dakar?	Acho que devemos dar mais prioridade do que é nosso para não desaparecer.	

Obrigada pela sua contribuição
Ana Levy

C- Guião de entrevista aos artesãos que usam pano como matéria-prima (entrevista aos sapateiros)

Identificação Nome: Morada: Profissão: Idade: 20- 30 <input type="checkbox"/> 30-50 <input type="checkbox"/> 50 ou mais <input type="checkbox"/>	
Perguntas	Respostas
Quando começou a trabalhar com o pano?	
Porque escolheu o pano de terra para fazer sapatos?	
Que tipo de pano usa para fazer sapatos	
Onde arranja panos para fazer os sapatos?	
Quanto custa uma faixa de pano?	
O que acha do preço?	
Os seus sapatos são muito procurados? Quem procura mais?	
Quanto custa cada par? As pessoas costumam reclamar do preço?	
Retém o produto por muito tempo?	
Quanto á qualidade do pano que usa. É o pano de linha importada ou de algodão preparado aqui?	
Do ponto de vista cultural, o que o pano representa para si?	
Acha que a produção do pano de terra deve ser incentivado e preservado?	

Obrigada pela sua contribuição
 Ana Levy

Entrevista nº1

Identificação	
Nome: João da Cruz de Oliveira Morada: Assomada - Santa Catarina Profissão: Sapateiro	
Idade: 20- 30 <input type="checkbox"/> 30-50 × 50 ou mais <input type="checkbox"/>	
Perguntas	Respostas
Quando começou a trabalhar com o pano?	Desde o ano 2000
Porque escolheu o pano de terra para fazer sapatos?	Porque acho bonito e com ele posso fazer um produto diferente que chama muita atenção e é também uma forma de divulgar o pano.
Que tipo de pano usa para fazer sapatos	Uso pano de bicho para fazer sapatos.
Onde arranja panos para fazer os sapatos?	Tenho um tecelão que me fornece panos quando preciso.
Quanto custa uma faixa de pano?	Cada faixa custa 1000 escudos.
O que acha do preço?	Acho que é um preço bom, não é muito caro.
Os seus sapatos são muito procurados? Quem procura mais?	São muito procurados por todas as faixas etárias, homens e mulheres, nacionais e estrangeiros. Mas os jovens procuram mais, sobretudo, emigrantes.
Quanto custa cada par? As pessoas costumam reclamar do preço?	Os preços variam consoante o modelo e tamanho. O preço varia entre 1500 a 3000 escudos. Não reclamam do preço.
Retém o produto por muito tempo?	Não. Vende-se rapidamente. Mas também depende muito da época. Na época em que há muitos emigrantes vende-se com mais facilidade.
Quanto á qualidade do pano que usa. É o pano de linha importada ou de algodão preparado aqui?	Uso pano feito com linha importada, mas de boa qualidade. O pano de algodão puro é muito caro.
Do ponto de vista cultural, o que o pano representa para si?	É um aspeto cultural, símbolo da nossa identidade.
Acha que a produção do pano de terra deve ser incentivado e preservado?	Sim, porque faz parte da nossa tradição e esta sendo cada vez mais procurado e usado, por isso deve ser incentivado e preservado.

Obrigada pela sua contribuição
Ana Levy

Entrevista nº2

Identificação		
Nome: Euclides Jorge Morreira	Morada: Assomada - Santa Catarina	Profissão: Sapateiro
Idade: 20- 30 <input type="checkbox"/>	30-50 ×	50 ou mais <input type="checkbox"/>
Perguntas		Respostas
Quando começou a trabalhar com o pano?		Desde o ano 2000
Porque escolheu o pano de terra para fazer sapatos?		Porque acho bonito e agrada os clientes
Que tipo de pano usa para fazer sapatos		Uso qualquer tipo de pano
Onde arranja panos para fazer os sapatos?		Tenho um tecelão que me fornece panos quando preciso.
Quanto custa uma faixa de pano?		Cada faixa custa 1000 escudos
O que acha do preço?		Acho que não é muito caro, dá para pagar as despesas.
Os seus sapatos são muito procurados? Quem procura mais?		São muito procurados pelos jovens e emigrantes.
Quanto custa cada par? As pessoas costumam reclamar do preço?		Os preços variam consoante o tamanho e o modelo. Varia entre 1000 a 2500 escudos. Não reclamam do preço.
Retém o produto por muito tempo?		Depende muito da época.
Quanto á qualidade do pano que usa. É o pano de linha importada ou de algodão preparado aqui?		Uso pano feito com linha importada, que é mais barato.
Do ponto de vista cultural, o que o pano representa para si?		Tem muito valor porque é símbolo da nossa identidade.
Acha que a produção do pano de terra deve ser incentivado e preservado?		Sim, porque é tradição da nossa terra.

Obrigada pela sua contribuição
Ana Levy

Anexo 2- Quantidade de panos exportados de Cabo Verde para Cacheu, Bissau e Serra Leoa.

Anos	Destinos			Total	Custo em Cabo Verde e gastos até bordo
	Cacheu	Bissau	Serra Leoa		
1758	1 391	720	169	2 280	5 542\$000
1759	1 551	-----	-----	1 551	3 299\$750
1760	4 600	979	-----	5 579	11 218\$405
1761	695	3 372	-----	4 067	8 306\$450
1762	1 967	2 432	-----	4 399	9 359\$010
1763	2 366	750	-----	3 116	6940\$100
1764	2 200	1 599	-----	3 799	8 569\$695
1765	2 415	1 939	-----	4 354	9 457\$700
1766	5 076	4 811	-----	9 887	21 756\$100
1767	2 160	2 752	-----	4912	11676\$750
1768	1 975	5 785	-----	7 760	19 557\$350
1769	4 107	7 231	-----	11 338	23 118\$220
1770	2 990	6 888	-----	9 878	24 255\$650
1771	2 510	1 352	-----	3 862	11 146\$400
1772	6 292	4 195	-----	10 487	28 397\$100
1773	4 570	3 378	-----	7 948	14 846\$350
1774	2 606	1 675	-----	4 281	8 534\$450
1775	6 287	6 472	-----	12 759	35 131\$070
1776	5 600	4 555	-----	10 155	26 167\$950
1777	1 889	1 834	-----	3 723	11 402\$650
1778	1 629	1 590	-----	3 219	11 118\$750
1779/82	-----	2 017	-----	2 017	3 419\$000
Somas	64 876	66 326	169	131 371	313 220\$900

Fonte: CARREIRA (1983e), p. 159

Anexo 3- Traje tradicional da mulher cabo-verdiana



Fotografia: Ana Levy Novembro 2013

Anexo nº 4 - Proposta de uma ficha de inventário

Ficha de Inventário do Pano de Terra

Nº de inventário:

1-Identificação da peça

Instituição/Proprietário:

Categoria:

Sub-categoria:

Denominação:

Descrição:

Autoria:

Datação:

2- Informação técnica:

Dimensão:

Estado de conservação:

3- Origem

Função inicial/ Alteração:

4- Incorporação

Data:

Modo de incorporação:

Custo:

Descrição anterior do Proprietário

4- Achado/Recolha

Lugar:

Freguesia:

Conselho:

País:

Data de Recolha:

Achador/Coletor:

Foto



Ficha de Inventário do Pano de Terra

Nº de inventário: 1

1-Identificação da peça

Instituição/Proprietário:

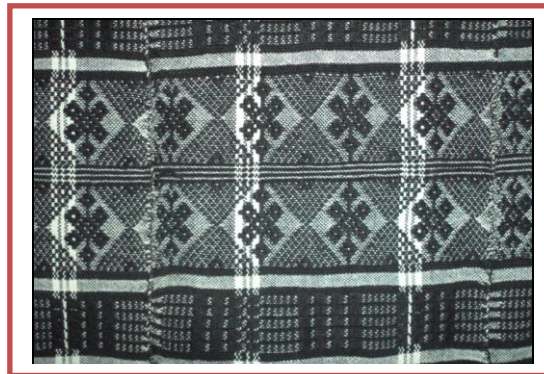
Categoria: Têxteis

Sub-categoria: Tecidos

Denominação: Pano de Bicho

Autoria: Desconhecido

Datação: Século XX



Descrição: Superfície têxtil tecida no tear artesanal do tipo horizontal. Tem forma retangular, formada por seis faixas tecidas separadamente, com 180cm de comprimento e 14cm de largura. As faixas estão unidas entre si pela costura das aurelas, no sentido de maior comprimento. Feitos com linhas de algodão preto e branco, com motivos em desenhos geométricos (losangos) e linhas transversais de cor branca.

2- Informação técnica

Dimensão: Comprimento: 1,80m; Largura: 1m

Estado de conservação: Bom

3- Origem

Função inicial/ Alteração: Amarrar em volta da cintura e transportar crianças às costas.

4- Incorporação

Data:

Modo de incorporação:

Custo:

Descrição anterior do Proprietário: Isabel Semedo, de 81 anos de idade, residente em Assomada.

4- Achado/Recolha

Lugar: Assomada

Freguesia: Nossa Senhora de Fátima

Conselho: Santa Catarina

País: Cabo Verde

Data de Recolha: Outubro 2013

Coletora: Ana Levy

Anexo nº 5

Catálogo de Pano de Terra

Tipo: Pano de Bicho

Nome: Rabecindade

Cor: Preto e Branco

Largura: faixa com 40cm

Comprimento: 180 cm

Tecelão: Henrique Sanches

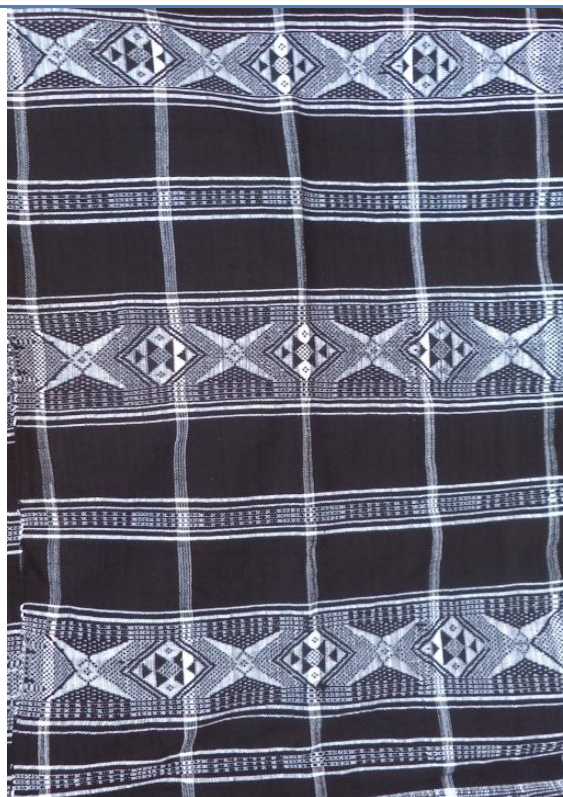
Localidade: João Dias - Santa Catarina

Contacto: (+00238) 9942415/ 92367009

Preço: 5000 escudos (cada faixa)

Nº de liços utilizados: 15

OBS:



Tipo: Pano d'obra

Nome: Pano d'obra

Cor: branco e preto

Largura: faixa com 14 cm

Comprimento:

Tecelão: Henrique Sanches

Localidade: João Dias - Santa Catarina

Contacto: (+00238) 9942415/ 92367009

Preço: 5000 escudos (cada faixa)

Nº de liços utilizados: 68

OBS:



Tipo: Pano Bicho

Nome: Verso Nobo (nova versão)

Cor: Azul, Preto e Branco

Largura: faixa com 40cm

Comprimento: 180cm

Tecelão: Henrique Sanches

Localidade: João Dias - Santa Catarina

Contacto: (+00238) 9942415/ 92367009

Preço: 5000 escudos (cada faixa)

Nº de liços utilizados: 11

OBS:



Tipo: Pano bicho

Nome: sem informação

Cor: Preto e Branco

Largura: Bandas com 14cm

Comprimento: 170 cm

Tecelão: Desconhecido

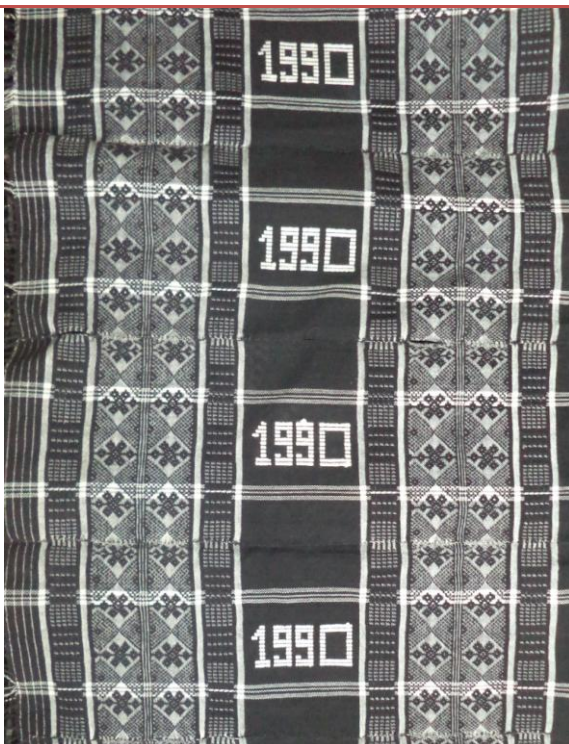
Localidade: Assomada

Contacto: sem contacto

Preço: 9000 escudos

Nº de liços utilizados: sem informação

OBS:



Tipo: Pano bicho

Nome:

Cor: Preto e Branco

Largura: Bandas com 18cm

Comprimento: 180 cm

Tecelão: Desconhecido

Localidade: Santa Catarina

Contacto: Sem contacto

Preço: 1500 escudos (cada faixa)

Nº de liços utilizados: sem informação

OBS:



Tipo: Pano bicho

Nome: Sete Liço

Cor: Azul e Branco

Largura: faixa com 14cm

Comprimento: 180 cm

Tecelão: António Cabral

Localidade: Lagoa – Tarrafal

Contacto: (+00238) 9236386

Preço: 1200 escudos (cada faixa)

Nº de liços utilizados: 7

OBS:



Tipo: Pano bicho

Nome: sem informação

Cor: Preto e Branco

Largura: Bandas com 14cm

Comprimento: 180 cm

Tecelão: Sabino Lopes

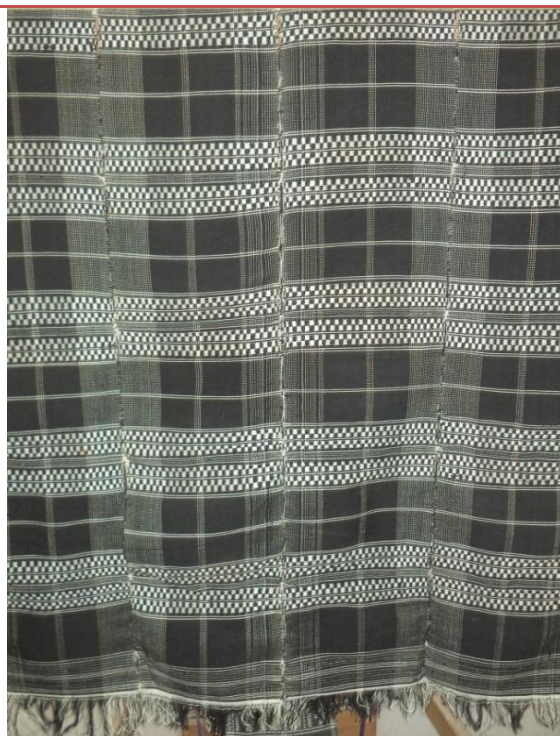
Localidade: Serra Malagueta – S^{ta}. Catarina

Contacto: sem contacto

Preço: 5000 escudos

Nº de liços utilizados: sem informação

OBS:



Tipo: Pano bicho

Nome: sem informação

Cor: Preto e Branco

Largura: Bandas com 18cm

Comprimento: 180 cm

Tecelã: Eunice Correia

Localidade: Serra Malagueta – S^{ta}. Catarina

Contacto: (+00238) 2651211

Preço: 120 escudos (cada faixa)

Nº de liços utilizados: sem informação

OBS:



Tipo: Pano bicho

Nome: sem informação

Cor: Preto e Branco

Largura: Bandas com 14cm

Comprimento: 170 cm

Tecelão: Desconhecido

Localidade: Assomada

Contacto: sem contacto

Preço: 5000 escudos

Nº de liços utilizados: sem informação

OBS:



Tipo: Pano simples ou singelo

Nome: Pano chã

Cor: Preto e Branco

Largura: Bandas com 18cm

Comprimento: 180 cm

Tecelão: Henrique Sanches

Localidade: João Dias - Santa Catarina

Contacto: (+00238) 9942415/ 92367009

Preço: 6000 escudos

Nº de liços utilizados: sem informação

OBS:



Tipo: Pano bicho

Nome: sem informação

Cor: Vermelho, Preto e Branco

Largura: Bandas com 18cm

Comprimento: 180 cm

Tecelã: Eunice Correia

Localidade: Serra Malagueta – S^{ta}. Catarina

Contacto: (+00238) 2651211

Preço: 1200 escudos (por faixa)

Nº de liços utilizados: sem informação

OBS:



Tipo: Pano bicho

Nome: sem informação

Cor: Preto e Branco

Largura: Bandas com 14cm

Comprimento: 170 cm

Tecelão: Desconhecido

Localidade: Assomada

Contacto: sem contacto

Preço: 8000 escudos

Nº de liços utilizados: sem informação

OBS:

